



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Ana Paula Simeão Faria

**Maternidade e volta ao trabalho: a autopercepção da mãe sobre a
construção do vínculo**

Rio de Janeiro

2021

Ana Paula Simeão Faria

Maternidade e volta ao trabalho: a autopercepção da mãe sobre a construção do vínculo

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dr^a: Angela Donato Oliva

Coorientadora: Prof^a Dr^a: Ana Carolina Monnerat Fioravanti

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F224	Faria, Ana Paula Simeão. Maternidade e volta ao trabalho: a autopercepção da mãe sobre a construção do vínculo / Ana Paula Simeão Faria. – 2021. 112 f.
------	---

Orientadora: Angela Donato Oliva
Coorientadora: Ana Carolina Monnerat Fioravanti
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Mãe e filhos– Teses. 3. Trabalho – Aspectos sociais– Teses. I. Oliva, Angela Donato. II. Fioravanti, Ana Carolina Monnerat. IV. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Paula Simeão Faria

Maternidade e volta ao trabalho: a autopercepção da mãe sobre a construção do vínculo

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 31 de agosto de 2021.

Banca examinadora:

Prof^{fa}. Dr^a: Angela Donato Oliva (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof^{fa} Dr^a: Ana Carolina Monnerat Fioravanti (Coorientadora)
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof^{fa} Dr^a: Maria Amélia Penido
Pontifícia Universidade Católica – PUC-RIO

Prof^{fa} Dr^a: Ana Carla Lima Ribeiro
Universidade da Força Aérea - UNIFA

Prof^{fa} Dr^a: Vanessa Dordron de Pinho
Instituto de Psicologia - UERJ

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido e aos meus dois filhos, que sempre me estimulam e me apoiam nas minhas buscas por aprendizado e por conhecimento. A eles também dedico o meu amor, por viver com meus filhos o vínculo mais poderoso que a natureza oferece a uma mulher mãe e por viver com meu marido o vínculo mais sublime que sustenta a nossa família e as nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre estar comigo.

Ao meu amado marido Cleber e aos meus filhos Eduardo e Arthur, pela compreensão em minhas ausências e pelo amor incondicional que eles têm por mim, que me proporciona alegria, segurança e aconchego.

À minha mãe Hermínia e ao meu irmão Alan, pelo amor que sempre me deram ao longo da vida.

À Angela Donato, minha orientadora, pelos ensinamentos e suporte para a elaboração deste estudo. E pelo acolhimento como orientadora e como pessoa, dos quais pude ter o prazer de experimentar no meio acadêmico.

À Ana Carolina Fioravanti, minha coorientadora, pela dedicação e pelos ensinamentos em um momento crítico de análise de dados da tese, auxiliando-me em um caminho novo e enriquecendo esta pesquisa.

Às amigas e aos amigos, pelo incentivo, pelas contribuições e pelo apoio dedicado nos momentos de alegria e de inseguranças, ao longo deste estudo.

Às lindas mães que, prontamente, mesmo em um momento pessoal de puerpério e global de pandemia, aceitaram o convite para participar e compartilhar suas histórias. Sem elas este trabalho não poderia ser realizado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ (que vem resistindo, mesmo com limitações de recursos, como uma das melhores universidades no país), por me proporcionar suporte acadêmico, por meio de professores e de pessoal qualificados, para o desenvolvimento deste estudo.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida (mesmo em anos difíceis de esvaziamento de recursos), que viabilizou minha dedicação a este estudo.

"Esperamos que, com o correr do tempo, a nossa sociedade, ainda predominantemente organizada segundo as conveniências dos homens e pais, se ajuste às necessidades das mulheres e mães, e que as tradições sociais evoluam de modo a guiar os indivíduos num rumo esclarecido de ação."

Bowlby, 1956

RESUMO

FARIA, A. P. S. *Maternidade e volta ao trabalho: a autopercepção da mãe sobre a construção do vínculo*. 2021. 112 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

O vínculo afetivo está na base evolutiva da espécie humana, cuja principal função é garantir a sobrevivência e o desenvolvimento saudável do bebê. A partir do vínculo entre mãe e filho(a), trocas sensitivas e emocionais vão estabelecendo uma relação íntima e eficaz, que proporciona bem-estar e regulação para a díade. Evolutivamente, mãe e bebê contam com um repertório de comportamentos e de traços afetivos que possibilitam que os dois se adaptem ao novo ambiente e busquem soluções. Cada cultura influencia nos modos de vínculo afetivo, de papel materno e de organização familiar. Atualmente, as mães não são mais exclusivas para os(as) filhos(as), pois desejam também trabalhar fora, mudando a organização familiar, em que o pai é convocado a atuar mais nos cuidados com os(as) filhos(as). No entanto, muitas mães que trabalham fora mantêm no imaginário o ideal de 'boa mãe': aquela que abre mão de si para cuidar e educar os filhos. Outro fator, a difícil conciliação entre maternidade e trabalho, pois ambos exigem grande investimento de tempo e de dedicação. Quando a mãe volta ao trabalho, precisa romper o vínculo diário em tempo integral, ainda prematuramente, pelas longas horas fora de casa. O rompimento prematuro contrapõe-se a um vínculo ainda muito interdependente. A separação gera o sofrimento que pode influenciar negativamente no vínculo mãe-bebê. Assim, o objetivo deste estudo é o de investigar a autopercepção de mães profissionais sobre a construção do vínculo com seu(sua) filho(a), considerando a separação da díade, na volta ao trabalho, em um cenário de pandemia que mudou o modelo de trabalho. Utilizando métodos qualitativo e quantitativo, participaram 10 mães profissionais durante e após a licença-maternidade, residentes no Rio de Janeiro, entrevistadas seguindo um roteiro e aplicadas três escalas (Bem-estar subjetivo, Apoio social e Escala criada para a pesquisa). As entrevistas foram transcritas e adotamos a Análise de Conteúdo, das escalas foram gerados os escores e analisados para efeito de comparações e de correlações entre os resultados, usando os testes estatísticos de Wilcoxon e Spearman. De modo geral, as mães que tiveram a flexibilidade no trabalho aumentada pela pandemia (*home office*) conseguiam lidar melhor com a separação do bebê na volta ao trabalho, diminuindo o sofrimento, pois têm o fator favorável de trabalhar em casa (ou se ausentar por poucas horas) e maior suporte do marido, também trabalhando em casa. Fatos preponderantes para que percebam que o vínculo se mantém estável e saudável. Já a mãe que tem o trabalho em tempo integral (mesmo em *home office*), apresentou alto nível de sofrimento diante do prenúncio da separação na volta ao trabalho, ecoando como uma ameaça ao vínculo com seu filho, no medo da perda do seu amor.

Palavras-chave: Vínculo mãe-bebê. Maternidade e trabalho. Sofrimento materno. Pandemia.

ABSTRACT

FARIA, A. P. S. *Maternity and the return to work: the mother's self-perception regarding attachment building*. 2021. 112 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

Attachment is on the evolutionary basis of the human species, whose main function is to ensure the baby's survival and healthy development. From the bond between mother and child, sensitive and emotional exchanges will establish an efficient and intimate relationship that fosters regulation and well-being for the dyad. Evolutionarily, mother and baby rely on a repertoire of behavior and affective traits that enable both to adapt to the new environment and seek for solutions. Every culture influences the attachment style, the maternal role and the family organization. Currently, mothers are no longer exclusive to their children, as they want to work outside their home, changing the family organization and fathers are called on to get more involved in the children's care. Nevertheless, many mothers, who work outside their homes, keep a 'good mother' imagery: the one that gives herself up in order to raise and take care her children. Another factor, that it is hard to conciliate maternity and work as both demand a big investment of time and dedication. When a mother goes back to work, she needs to break the full-time daily bond, even prematurely, for the long hours away from home. The premature breakup is opposed to a bond that is still very interdependent. The separation creates suffering that may negatively influence the mother-baby bond. Thus, the aim of this study is to investigate the self-perception of professional mothers about building the bond with their children, considering the dyad separation and the return to work in a pandemic scenario that has changed the working model. Qualitative and quantitative methods were used. Ten professional mothers on maternity leave, living in Rio de Janeiro, were interviewed following a script and three scales were used (Subjective well-being, Social support, Scale created for the research). The interviews were transcribed, and Content Analysis was employed. From the scales, scores were generated and analyzed for the purpose of comparisons and correlations between the results, using Wilcoxon and Spearman statistical tests. In general, mothers who had more flexibility at work, due to the pandemic (working from home), were able to deal better with the separation from the baby in their return to work, lessening the suffering, as there was the favorable factor of working from home (or being away for just a few hours) and having a bigger support from the husband, who was also working from home. Significant factors for them to perceive that the bond remains stable and healthy. The mother who had a full-time job (even working from home), showed a high level of suffering in the face of the foreshadowing of separation with the return to work, echoing as a threat to her bond with the child, in the fear of losing the child's love.

Key words: Mother-baby attachment. Maternity and work. Maternal suffering. Pandemic.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sociodemográficos	50
Tabela 2 - Eixos e categorias	54
Tabela 3 – Saturação teórica das entrevistas e recorrência das categorias	55
Tabela 4 - Escores dos totais de afeto e de quantidade da Escala de Tempo e de autopercepção de Afeto (ou envolvimento) investidos nos Cuidados Básicos (ETACB), nos dois momentos de testagens.....	85
Tabela 5 - Escores da Escala Bem-Estar Subjetivo (EBES), nos dois momentos de testagens	86
Tabela 6 - Escores da Escala Apoio Social (EAS), nos dois momentos de testagens	86
Tabela 7 - Análise de correlações significativas entre as variáveis da Escala de Tempo e de autopercepção de Afeto (ou envolvimento) investidos nos Cuidados Básicos (ETACB)	87
Tabela 8 - Coeficientes de correlação de Spearman entre EBES e ETACB	88
Tabela 9 - Coeficientes de correlação de Spearman entre EAS e ETACB	89

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	11
	INTRODUÇÃO	13
1	BASES DA CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO MÃE E BEBÊ	19
1.1	Vínculo na maternidade: uma evolução natural	19
1.2	Vínculo, apego e cuidados parentais	21
1.3	Apego saudável: sensibilidade materna	24
2	FAMÍLIA E CULTURA	26
2.1	Família e desenvolvimento humano	26
2.2	A família nas diferentes culturas	28
3	MATERNIDADE E TRABALHO: UM OLHAR NO PASSADO PARA OBSERVAR OS DESAFIOS DA MULHER NO PRESENTE	32
3.1	Maternidade no contexto urbano brasileiro: as mudanças do papel materno com o tempo	32
3.2	As relações de trabalho e a maternidade: uma difícil conciliação	34
3.3	Sofrimento materno: resultado do conflito entre maternidade e trabalho	38
3.3.1	<u>Quando o sofrimento materno é um efeito natural da maternidade e quando se torna um problema</u>	38
3.3.2	<u>Quando o sofrimento materno surge pela crença na perda do vínculo com o bebê... ..</u>	41
3.3.3	<u>Problematizando as relações de trabalho na maternidade</u>	42
4	OBJETIVO	46
5	MÉTODO	47
5.1	Participantes	49
5.2	Instrumentos	51
5.2.1	<u>Instrumento 1</u>	51
5.2.2	<u>Instrumento 2</u>	57
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	62
6.1	Estudo de caso 1	62
6.1.1	<u>Síntese das entrevistas de M6 e M3</u>	62
6.1.2	<u>Eixo Maternidade</u>	66
6.1.3	<u>Eixo Apoio familiar</u>	68
6.1.4	<u>Eixo Trabalho</u>	69
6.1.5	<u>Eixo Vínculo maternal</u>	70

6.1.6	<u>Discussão Estudo de caso 1</u>	74
6.2	Estudo de Caso 2	84
6.2.1	<u>Teste de Wilcoxon</u>	85
6.2.2	<u>Teste de Spearman</u>	87
6.2.3	<u>Discussão Estudo de caso 2</u>	90
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	102
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	106
	APÊNDICE B - Ficha de dados pessoais e sociodemográficos	107
	APÊNDICE C - Escala de tempo e de autopercepção do afeto (ou envolvimento) investidos nos cuidados básicos.....	108
	ANEXO A - Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES)	109
	ANEXO B - Escala de Apoio Social	112

APRESENTAÇÃO

A minha trajetória profissional e acadêmica sempre foi norteadada pelo interesse nos fenômenos emocionais e socioculturais vivenciados pelos indivíduos. Esses aspectos da experiência humana sempre me chamaram atenção em relação aos efeitos produzidos na subjetividade e no comportamento. A finalização do Doutorado é mais uma etapa na busca de conhecimento e de compreensão desses fenômenos.

Chegar até aqui merece ser destacado. Como pessoa que estuda as experiências humanas, isso não me isenta de passar por emoções e fatos que me afetaram nesse trajeto. O primeiro embaraço (por incompatibilidade na condução do projeto) foi a decisão de mudança de orientadora, no final do primeiro ano. Foi um momento de medo e de frustração. Contudo, fui recebida de forma muito acolhedora pela nova orientadora, fato que me ajudou a enfrentar e a reavaliar o momento de mudança. Desse processo, decidi mudar também o tema do projeto, abrindo um novo ciclo de perguntas e de leituras.

O novo projeto de pesquisa surgiu do olhar para as mães profissionais que sofrem na execução dos dois papéis: o de mãe e o de profissional. Ao vislumbrar o novo tema, senti-me novamente estimulada, inclusive por me aproximar, em minha experiência pessoal, do objeto do estudo.

Considerando as crenças sobre a maternidade que vigoram ainda hoje, as quais remetem à ideia de que a boa mãe é a mulher que assume exclusivamente o papel materno, é razoável hipotetizar o quanto essa mulher que decide voltar ao trabalho, se considere uma má mãe e sinta culpa por essa decisão. Diante dessa observação, estudada há tempos por diferentes áreas de conhecimento, mas que continua sendo uma importante fonte de sofrimento para muitas mulheres, eu, minha orientadora e coorientadora decidimos mergulhar nesse tema, buscando compreender esse fenômeno com as contribuições do conhecimento da Psicologia Evolucionista e das áreas que ela abarca.

O foco de interesse foi o de investigar a autopercepção da mãe na construção do vínculo com seu bebê, considerando o rompimento do contato presencial integral na relação com a volta ao trabalho, após a licença-maternidade. Observar como esse rompimento pode afetar a mãe e fazer com que ela sofra, a partir de uma insegurança sobre a perda ou o enfraquecimento do vínculo construído com o(a) bebê até aquele momento, que foi intenso e contínuo.

Para essa investigação, a ideia inicial constava em uma amostra de mães em licença-maternidade, para entrevista e preenchimento de escalas em dois momentos: o primeiro, nos primeiros 45 dias de vida do bebê; o segundo, um mês antes da mãe voltar ao trabalho. No

entanto, no decorrer da pesquisa, veio o segundo embaraço: a pandemia do novo coronavírus, na qual restringiu a circulação das pessoas e mudou os meios de trabalho, a partir do serviço remoto. Novamente, eu estava em uma situação de medo e frustração. Cheguei a pensar que não conseguiria concluir o estudo, pois no momento de recrutamento para a primeira entrevista, fiquei restrita aos contatos pelas redes sociais, não tendo muito sucesso. O método inicial planejado com um n de 25 mães ficou restrito a 10 mães. E a segunda entrevista, parte principal de investigação da pesquisa, pois era o acesso à autopercepção da mãe sobre a separação do(a) filho(a) na voltar ao trabalho, foi realizada com a mãe trabalhando em casa. Essa mudança assegurou originalidade ao estudo. O trabalho em *home office* passou a ser a realidade das mães entrevistadas. Apostamos no que os novos modos de comportamento e de trabalho das mães poderiam revelar (as informações circunstanciais concernentes às mudanças metodológicas são detalhadas no capítulo 5). E, de fato, trouxe importantes dados, pois pudemos examinar a realidade de mães que estavam sendo produtivas profissionalmente, sem se separar do(a) filho(a) precocemente.

A observação desses novos dados trouxe ânimo para a continuidade da pesquisa, direcionando o estudo para reflexões importantes sobre novas possibilidades entre maternidade *versus* modelo de trabalho na contemporaneidade. Os dados qualitativos e quantitativos puderam apresentar a experiência de uma amostra de 10 mães profissionais que estavam vivendo o puerpério em uma situação caótica de pandemia, ao qual gerou novas adaptações para a mãe e sua família, com resultados positivos para a maioria delas.

Mesmo diante dos embaraços enfrentados no percurso, este trabalho nasce de dificuldades que se revelaram como estímulos para novos conhecimentos. Para minha profissão e formação acadêmica, este estudo permitiu expandir meu conhecimento sobre a mulher contemporânea, nas reais possibilidades que ela tem no que se refere aos papéis em que pode e deve conciliar com seus desejos pessoais, sociais e profissionais, podendo se sentir realizada nos vários aspectos da vida.

INTRODUÇÃO

Compreender o comportamento humano e seus aspectos psicológicos faz parte do interesse e dos estudos da Psicologia. Ao longo dos anos, pesquisadores vêm produzindo conhecimento que permite o maior entendimento do humano, pois consideram aspectos biopsicossociais. A Psicologia Evolucionista é um ramo de estudos que abarca os processos psicológicos originados da seleção natural. Essa base tem sido relevante para aproximar a compreensão do comportamento e estados psicológicos da espécie humana ao longo da evolução. A seleção natural tem como objetivo garantir a adaptação, a sobrevivência e a reprodução dos indivíduos, em seu ambiente ecológico, social e cultural (Vieira & Oliva, 2017), esse conjunto de aspectos revelam características universais e culturais da espécie, garantindo maior compreensão do ser humano.

No fenômeno da procriação, considera-se na reprodução da espécie a transmissão e o compartilhamento de habilidades filogenéticas aos descendentes. Dentro desse campo, a Psicologia Evolucionista estuda e busca compreender o desenvolvimento de comportamentos de indivíduos em seus grupos na tarefa dos cuidados da prole (garantia de sobrevivência). Isso requer conhecer a relação entre a mente e o comportamento, sendo o cérebro e seus processos mentais o principal órgão biológico implícito aos comportamentos humanos. Estudos das Neurociências e da Psicologia Evolucionista apontam que a plasticidade do cérebro permite seu funcionamento a partir de necessidades adaptativas, sendo moldado conforme o ambiente (Oliva et al., 2009). “As adaptações mentais geram um conjunto de estratégias que funcionam no sentido de levar à melhor alocação de energia e tempo com respeito à maximização da capacidade de reprodução do organismo em relação a uma determinada situação” (Vieira & Oliva, 2017, p. 31). Por essa ligação, a relação entre o biológico e o meio cultural, na qual uma dimensão sofre influência da outra, ressalta o quanto o indivíduo é biologicamente cultural, resultando em uma mente modelada evolutivamente por essa relação (Vieira & Oliva, 2017). Os traços psicológicos e comportamentais dessa relação são transmitidos para as novas gerações, no entanto, podem sofrer alterações ao longo do tempo. Organismos vivos são dinâmicos, portanto, mudanças ecológicas e socioculturais inevitavelmente acontecem, provocando, adaptativamente, o desenvolvimento de novas habilidades comportamentais e novos traços psicológicos para atender às demandas vigentes e garantir a sobrevivência e o bem-estar. Portanto, comportamentos herdados evolutivamente podem sofrer mudanças que são refletidas na ontogênese, e podem, em longo prazo, refletir na filogênese.

Dentre os comportamentos herdados na evolução da espécie humana encontra-se o conjunto de cuidados necessários para a sobrevivência da prole (Ribas & Seidl-de-Moura,

2006). Além dos cuidados básicos (alimentação, abrigo e higiene), comportamentos que permitem a formação de vínculos afetivos contribuem para o desenvolvimento mais amplo do indivíduo. Estudos apontam que, biologicamente, os comportamentos dos pais e da prole são pré-programados para que haja uma interação mútua, garantindo o dar e o receber cuidados. Socialmente, os comportamentos de cuidado vão além, construindo trocas sociais, desenvolvendo vínculos afetivos que serão levados para toda a vida, importantes para o desenvolvimento saudável do indivíduo (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006).

A interação humana com o ambiente produz cultura. Esse aspecto é relevante para a formação do pensamento, de valores e de regras sociais. A partir da perspectiva evolucionista, o ser humano, por meio de uma herança genética, é programado para produzir cultura, exercendo e recebendo forte influência social (Hattori & Yamamoto, 2012). Isso interfere nos aspectos biológicos e culturais e na mudança do ambiente em que vive. Dentro do panorama ambiental, a família é um contexto de influência social e de comportamento logo nos primeiros anos de vida dos indivíduos (Yunes & Juliano, 2010).

Os modelos familiares vêm sofrendo mudanças, na medida em que os grupos e sociedades vão se transformando (Oliva et al., 2018). Os valores sociais que apontam para os papéis dos indivíduos na sociedade vêm sofrendo mudanças, fruto das novas demandas que emergem na sociedade. Dentre essas mudanças estão o papel e a representatividade da mulher na sociedade, que saiu de um ambiente mais privado (do lar) para estar presente no ambiente público, como no trabalho/profissão e com voz mais ativa na sociedade (Beltrame & Donelli, 2012). Esses aspectos trazem uma reorganização sociocultural e psíquica da mulher em vários âmbitos, inclusive na família, no seu papel como mãe e/ou esposa. Consequentemente, novos modelos familiares emergem para abarcar os novos traços presentes na sociedade, buscando adaptações de valores e de comportamentos para embasar os novos papéis da família e de seus membros.

Antes que um modelo social novo se estabeleça na sociedade, há um período de transição. A geração que vivencia o processo de mudanças dos antigos para os novos modelos sociais pode viver conflitos entre os valores que circulam dos dois modelos. Pode-se pensar no exemplo do papel da mulher como mãe. O modelo anterior exigia dela total dedicação aos filhos, à casa e ao marido (Oliveira & Marques, 2020). Na atualidade isso é mais relativizado (Oliveira et al., 2011).

O cenário social atual é decorrente de movimentos por mudanças em vários aspectos, principalmente da mulher, ocorridos a partir dos anos de 1960 (Ehrenberg, 2000). Um dos resultados foi a maior liberdade conquistada, que tornou as pessoas seus próprios donos, sem os referenciais hierárquicos do período tradicional (modelo antigo). O indivíduo soberano

(Ehrenberg, 2000) se insere no universo de normas fundamentadas sobre a responsabilidade e a iniciativa que exigem dele cada vez mais. Esse estado de ser e de estar de mais liberdade de escolhas influenciou a nova geração de mulheres que buscam outras funções e papéis na sociedade. A maternidade, por exemplo, vem sofrendo grandes mudanças, uma vez que a mulher além de ser mãe, ao mesmo tempo quer ser profissional. Algo incomum em décadas anteriores (Oliveira & Marques, 2020). No entanto, mudanças como estas exigem um esforço psíquico e físico que muitas vezes não são fáceis de contornar. Observa-se o conflito que algumas mulheres têm quanto ao seu desempenho como mãe, uma vez que decide voltar ao mercado de trabalho com a criança ainda muito pequena. Muitas se questionam se estão sendo boas mães com essa escolha, uma dúvida que pode gerar inseguranças na formação do vínculo com o bebê, podendo construir uma imagem negativa do papel materno (Oliveira et al., 2011); resultado da vigência de valores sobre a maternidade que transitam entre modelos antigos, mais tradicionais, e modelos mais atuais, de mais flexibilidade.

Outro aspecto importante que se destaca na experiência de mães que voltam ao trabalho, após a licença-maternidade ou quando o bebê ainda está com poucos meses, é o sofrimento resultante da separação da díade. Mãe e filho(a) iniciam uma relação de mutualidade que é concernente à sobrevivência de um deles. Neste caso, um ser existe porque outro ser assume o compromisso com a vida, dispondo da força biológica que predispõe mãe e filho(a) para essa coexistência (Cyrulnik, 2007; Vieira & Oliva, 2017). A mãe, como principal agente na pequena vida que se inicia, tão frágil e dependente, estabelece funções biopsicossociais na relação com seu bebê por meio do vínculo. Um está conectado ao outro e as trocas afetivas são um resultado compensador na relação, que estabelece o amor na díade. Um cenário de trocas profundas e essenciais para a continuidade da espécie (Vieira & Oliva, 2017). Logo, quando a mãe precisa romper a díade se separando do(a) filho(a) para voltar ao mercado de trabalho é natural que ambos sofram. O sofrimento da separação é vivido pela mulher também com o peso de que o(a) filho(a) ainda precisa muito dela, pois, biologicamente, a interdependência na relação se encontra em nível máximo. A mãe pode sofrer por achar que vai perder o vínculo com seu(sua) filho(a), sentindo-se insegura e frustrada (Oliveira et al., 2011)

Frente aos fatos que compõem a experiência de mães que trabalham fora, muitas delas sofrem por uma condição incompatível: por decidirem não serem mães em tempo integral, sofrem por não conseguirem manter o vínculo com seu bebê em tempo integral. Diante desse dilema, é relevante investigar como elas concebem a autopercepção sobre a construção do vínculo com seu bebê, perante o fenômeno da separação da díade. A partir desses elementos, este trabalho dispõe compreender a autopercepção da mãe sobre a construção do vínculo com seu bebê na volta ao trabalho, no contexto social carioca, pois se entende que o Rio de Janeiro

inclui a realidade ocidental contemporânea: de mulheres que exercem, ao mesmo tempo, os papéis de mãe e de profissional. (Beltrame & Donelli, 2012; Ehrenberg, 2000).

O arcabouço teórico que norteia esta pesquisa são os estudos da Psicologia Evolucionista, por entendermos ser essencial buscar informações no passado evolutivo para conduzir, no presente, a compreensão das respostas cognitivas, comportamentais e emocionais dos fenômenos investigados neste estudo. Para a composição deste trabalho, partimos da exposição dos fundamentos teóricos que abarcam os temas sobre a maternidade, a família e os aspectos subjetivos e emocionais na experiência de mães que voltam ao trabalho. Decidimos iniciar com as bases evolutivas da construção do vínculo mãe e bebê, pois o estudo desse acontecimento inicial no ciclo vital permite observar os alicerces biológicos e comportamentais para a compreensão do funcionamento da construção da díade e dos laços afetivos. Entende-se que esses fundamentos permitem um olhar amplo dos indivíduos envolvidos no fenômeno, considerando fatores biológicos e culturais, para, posteriormente, observar características adversas, como a separação da díade quando a mãe volta ao mercado de trabalho, foco desta pesquisa.

Portanto, no primeiro capítulo, abordamos os estudos sobre as bases evolutivas que constituíram os modos de relação pais e filhos, no que se refere às estratégias desenvolvidas ao longo da evolução para que os bebês humanos sobrevivessem (Harari, 2020; Toni et al., 2004). Dentre essas estratégias está o vínculo mãe-bebê, que garante, logo após o nascimento, trocas faciais e emocionais, formando uma interação socioafetiva (Leitão & Castelo-Branco, 2012). Posteriormente, procuramos apresentar os traços evolutivos provenientes do vínculo inicial: Apego e Cuidados Parentais. Dentre os estudos da Psicologia, apego e cuidados parentais são conceitos observados como estruturas biológicas pré-determinadas, que funcionam em perfeita harmonia na espécie, garantindo os laços afetivos e a sobrevivência do bebê (Ribeiro-Accioly, 2017; Keller, 2002; Leitão & Castelo-Branco, 2012; Ramires & Schneider, 2010; Ribas & Seidl-de-Moura, 2004). Finalmente, abordamos neste capítulo o conceito de Sensibilidade Materna, pois possibilita uma observação mais minuciosa sobre a construção do apego. Uma mãe sensível tem respostas mais adequadas e dentro de um tempo satisfatório para as necessidades do bebê (Keller, 2007; Mesman, 2015; Ribeiro-Accioly, 2017).

No segundo capítulo, discutimos os estudos sobre família e cultura. Primeiramente, buscamos trazer o fator fundamental da família, que é sua importância como instituição básica para o desenvolvimento do indivíduo (Narvaz & Koller, 2004). A partir dos conceitos da Psicologia Ecológica de Bronfenbrenner, abordamos o conceito de família como um sistema bioecológico em que todos os membros estão interagindo e influenciando um ao outro,

inclusive na personalidade e no comportamento (Yunes & Juliano, 2010). A visão ampla de Bronfenbrenner, estudada na atualidade, entra em contraste com uma visão mais rígida de papéis familiares, defendidos pela Psicologia em estudos de décadas atrás. Para isso, buscamos apresentar como as famílias se mostravam através do tempo e em culturas diferentes (Hita, 2005; Alves-Silva et al., 2016). Esses panoramas cultural e temporal dos diferentes arranjos familiares permitem o olhar sobre a complexidade do comportamento humano e sua capacidade de adaptação, sendo a família o berço cultural, comportamental e de desenvolvimento do indivíduo. Compreender a família é uma das formas de analisar a maternidade e a relação mãe-bebê.

No terceiro capítulo nos aproximamos do objetivo de estudo desta pesquisa: maternidade e trabalho. Assim como nos capítulos anteriores, buscamos ter, primeiramente, um olhar no passado para compreender melhor o presente. Iniciamos o capítulo discorrendo sobre as bases dos mitos sobre maternidade, que estão presentes no imaginário de muitas mães ainda nos dias atuais, como: 'mito do amor eterno'; 'mito da mãe perfeita', entre outros (Oliveira & Marques, 2020). Da mesma forma, buscamos entender as bases que sustentam as relações de trabalho, na intenção de compreender o papel do trabalho na vida de mães que trabalham fora (Oliveira et al., 2011; Russel, 2008). Após abordarmos o contexto histórico-social da maternidade e do trabalho e as crenças que os sustentam, abordamos a dificuldade de conciliação entre maternidade e trabalho, que gera para muitas mães sofrimento (Emmanuel & John, 2010). Discorremos sobre o sofrimento materno dividindo-se em duas experiências. A primeira como um sofrimento natural da transição da mulher para a maternidade, momento que requer mudanças físicas, sociais e psicológicas (Emmanuel & John, 2010). A segunda, proveniente da separação da díade, quando a mãe volta ao trabalho. Neste caso, um sofrimento que pode causar interferência na autopercepção da mãe na construção do vínculo com seu bebê, pois ambos não estão preparados para uma separação brusca precocemente (Cyrulnik, 2007; Oliveira et al., 2011). Finalmente, buscamos trazer uma problematização sobre as relações de trabalho, que atravessam de forma intransigente um fator biológico que está relacionado evolutivamente à manutenção da espécie humana, o vínculo mãe-bebê (Leitão & Castelo-Branco, 2012). A partir de um estudo de revisão de literatura sobre a relação maternidade e trabalho (Oliveira et al., 2011), apresentamos um panorama dos principais fatores que influenciam no sofrimento materno na separação da díade e possíveis soluções.

Após a apresentação da fundamentação teórica sobre os temas deste estudo, no quarto capítulo apresentamos o objetivo geral: investigar a autopercepção de mães profissionais na construção do vínculo com seu(sua) filho(a), considerando a separação da díade na volta ao trabalho. Apresentamos também os três objetivos específicos: (1) analisar a autopercepção da

mãe sobre sua maternidade e sobre o suporte familiar que recebe no puerpério; (2) investigar a relação entre sofrimento materno e volta ao trabalho, buscando observar como essa relação interfere na autopercepção da mãe em relação ao vínculo com o bebê; e (3) investigar a autopercepção da mãe em relação ao vínculo com o bebê no retorno ao trabalho de modo remoto, devido ao contexto de pandemia. Este último emerge das mudanças contextuais de trabalho oriundas da necessidade de isolamento social, por causa da pandemia do novo coronavírus.

No capítulo cinco apresentamos o método: uma investigação qualitativa e quantitativa; por meio de entrevista semi-estruturada e por meio de escalas, respectivamente. Os dados qualitativos e quantitativos das 10 participantes foram analisados e divididos em dois estudos de caso. No Estudo de caso 1, trabalhamos os dados qualitativos de duas mães entrevistadas, analisando as semelhanças e diferenças em relação à maternidade e ao tipo de trabalho de cada uma. No Estudo de caso 2, investigamos os dados quantitativos das 10 mães entrevistadas, analisando estatisticamente, por meio de comparações (teste de Wilcoxon) e de correlações (teste de Spearman), os escores das escalas.

No sexto capítulo apresentamos os resultados do Estudo de caso 1 e do Estudo de caso 2, após, desenvolvemos a discussão dos mesmos, analisando-os conforme a fundamentação teórica. Finalizamos o trabalho trazendo as observações e as conclusões da autopercepção das mães participantes sobre a construção do vínculo com seus(suas) filhos(as) e a volta ao trabalho, destacando o que as mudanças para o trabalho remoto (condição imposta pela pandemia), ao final da licença-maternidade, pôde trazer de importante contribuição para esta pesquisa.

1 BASES DA CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO MÃE E BEBÊ

1.1 Vínculo na maternidade: uma evolução natural

O nascimento de um bebê costuma ser um evento que reflete amplas mudanças para quem o cerca, principalmente para os pais. Para assegurar a sobrevivência de um bebê humano, precisa-se de cuidados por longo período de tempo, e o principal ambiente para atender as demandas necessárias é o familiar (Manfroi et al., 2011). Por ser extremamente dependente, o recém-nascido requer dos pais considerável investimento de tempo e de energia, principalmente no primeiro ano de vida. Apesar da preocupação comum dos pais quanto aos seus desempenhos nos cuidados com o recém-nascido, é importante considerar que a evolução humana se encarregou de deixar como herança, comportamentos parentais adaptativos que asseguram a eficácia de cuidados para a sobrevivência do(a) filho(a) (Keller, 2002; Oliva et al., 2018).

O bebê humano nasce extremamente frágil e dependente. Essa característica está relacionada ao processo seletivo que envolve mudanças nas condições ambientais e de hominização ao longo da evolução (Toni et al., 2004). Entende-se por hominização, o processo pelo qual a espécie humana foi adquirindo características anatômicas e fisiológicas até ascender ao *Homo sapiens*, dotado de um cérebro capaz de produzir cultura e ser afetado por ela. Pois bem, uma importante mudança na característica humana que se seguiu dessa interação (condições ambientais e hominização) foi a forma bípede de locomoção, sendo mais eficiente para as necessidades da espécie. Com o andar bípede, alterações anatômicas, como a diminuição da pélvis evoluíram para acomodar o corpo ereto. Dentre as consequências dessa mudança está a gestação. Com a pélvis mais estreita, crianças a termo não nasciam, pois a gestante não tinha passagem, morrendo os dois, contudo, bebês prematuros sobreviviam. Por um processo de seleção natural, a gestação humana diminuiu de 21 para 9 meses, essa significativa diferença tornou o recém-nascido humano mais frágil comparado às outras espécies (Toni et al., 2004). Sua fragilidade se estende por meses, pois está relacionada ao grande potencial humano de aprendizado para a aquisição das regras sociais e culturais. Portanto, após o nascimento, o bebê precisa de altos níveis de investimento parental para seu desenvolvimento e imersão cultural no grupo social ao qual pertence (Leitão & Castelo-Branco, 2012). Essa particularidade impõe uma proximidade social entre os envolvidos (pais/cuidadores e bebê), formando grupos específicos (genitores e prole) como estratégia natural para garantir os cuidados e a sobrevivência (Toni et al., 2004). Esse cenário de cuidado e proteção promove a instituição família com o propósito de cuidar e proteger seus membros,

ligados pelos laços biológicos de seus descendentes. Além disso, garante também a proteção e o cuidado da genitora que está dedicada com sua criança. A natureza mantém a mãe próxima de seu filho por meses.

A evolução limitou um padrão mais comum de um bebê por gestação, para a mãe garantir o investimento necessário que precisa. Nessa relação de investimento e de dedicação, o contato constante se torna necessário, para que as trocas sociais formem uma relação duradoura e sólida por anos. O leite ‘fraco’, estrategicamente, exige que o bebê seja alimentado várias vezes ao dia, contribuindo para maior contato social, formando laços e o desenvolvimento do apego (Toni et al., 2004).

Apesar da fragilidade e da dependência, o bebê nasce com um repertório de comportamentos e de sensações que funciona com o objetivo de assegurar sua sobrevivência (Ramires & Schneider, 2010). Uma delas é a inclinação para trocas sociais que garantem a comunicação, o compartilhamento de experiências e a formação de vínculos afetivos (Bussab et al., 2007). Logo nas primeiras horas de vida, ao iniciar os cuidados básicos pelo cuidador (geralmente a mãe), são ativados no bebê os impulsos necessários para que a díade mãe-bebê se forme. As experiências intensas de relação e de trocas permitem que o bebê construa traços de experiências sensitiva e corporal com a pessoa da mãe (Cyrulnik, 2007). Ela apresenta tom de voz, cheiro, traços corporais e jeito de manusear com os quais o bebê passa a identificá-los, reconhecendo-a. O contato visual é outro aspecto em que o bebê apresenta logo ao nascimento, sendo capaz de olhar o rosto e fixar os olhos (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). Esse fato sinaliza a capacidade de focalização da atenção, garantindo experiências de trocas ajustadas na díade, sendo a mãe o ‘lugar’ de conforto e de organização. A mãe passa a ser um referencial em que o bebê procura contato e aos dois meses já reage a um desconhecido, inquietando-se e buscando a mãe (Bussab et al., 2007). Além do repertório pré-programado para garantir o vínculo, Seidl-de-Moura e Ribas (2004) afirmam que o bebê apresenta características físicas que atraem o cuidador para o contato, como: cabeça relativamente grande, olhos arredondados, bochechas proeminentes, extremidades curtas e grossas e movimentos desordenados. Essas características deixam o bebê com aparência agradável e atraente, facilitando respostas de cuidados.

A experiência de relacionamento entre mãe e bebê molda o circuito-cerebral dos envolvidos (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006), pois permitem ações recíprocas nas quais o recém-nascido apresenta comportamentos coerentes em relação à interação com mãe, movendo pernas e braços em sintonia com a fala materna, por exemplo (Leitão & Castelo-Branco, 2012; Ribeiro-Accioly, 2017). As expressões afetivas também fazem parte desse processo, uma vez que a criança manifesta e expressa, por meio de seus recursos gestuais e faciais, seu estado de

sensibilidade afetiva. Bebês demonstram ser sensíveis à qualidade da interação de um adulto, por este ter um papel de regulador principal (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006).

Partindo desses aspectos, percebe-se que bebês nascem com intencionalidade para interação/engajamento socioafetivo e para aprender por meio deles. Isso demonstra capacidade de adaptação e de ajustamento ao outro e ao ambiente (Leitão & Castelo-Branco, 2012), importantes para a sobrevivência e para o desenvolvimento. A admirável capacidade de recém-nascidos para o engajamento interpessoal aponta para a tarefa de natureza filogenética que ajustou o indivíduo para se desenvolver em função dos meios social e afetivo, nos quais ele é imerso. O ambiente social permite o desenvolvimento desse processo para garantir a sobrevivência do bebê, pois lhe garante cuidado e proteção. Transformações resultantes da evolução da espécie e da ontogênese embasam os processos iniciais da inserção do indivíduo na cultura. Esta se apresenta moldada com seus parâmetros regulatórios, que são executados pelos pais nos cuidados com o bebê (Oliva et al., 2018; Ribas & Seidl-de-Moura, 2006).

1.2 Vínculo, apego e cuidados parentais

No tópico anterior foi apresentado, a partir dos estudos da etologia, os traços evolutivos iniciais do desenvolvimento do vínculo, o qual desperta o apego e os cuidados parentais. Com funções específicas, estes aspectos observáveis na espécie humana estão relacionados ao processo biologicamente natural de procriação e de cuidados com a prole. Desenvolvidos a partir das mudanças anatômicas e ambientais, ao longo da evolução, garantem a permanência da espécie, uma vez que o bebê humano nasce frágil e extremamente dependente.

As experiências de compartilhamento entre mãe e bebê são a gênese do desenvolvimento do vínculo afetivo. A partir da herança evolutiva de cuidados e de sobrevivência da prole, as mulheres carregam em si o desígnio maior de desenvolver o vínculo com seu(sua) filho(a), pois a amamentação supõe maior contato e investimento (Toni et al., 2004). Tendo em vista a dependência do bebê, é imprescindível que a mãe (ou outro cuidador) esteja em sintonia com os sinais que ele exprime, para que suas necessidades sejam atendidas. O vínculo contribui para que as trocas sejam cada vez mais ajustadas e o bem-estar da díade permaneça. Desse modo, o vínculo afetivo tem o significado para o bebê de segurança e de proteção (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006), enquanto que para a mãe significa atender as necessidades que ela entende que o(a) filho(a) precisa. Ainda no aspecto evolutivo, o vínculo afetivo funciona como garantia de proteção e de pertencimento a um grupo. Pensar em como as famílias se relacionam e constituem os contatos físico, psicológico e emocional é atentar para esses comportamentos herdados filogeneticamente e como se apresentam na ontogênese.

O cuidado parental e o vínculo afetivo são estabelecidos na relação entre os pais e sua prole, com traços biológicos evolucionários e variáveis social e ambiental (Manfroí et al., 2011; Oliva et al., 2018).

Para Ramires e Schneider (2010), um dos aspectos biológicos do vínculo afetivo é o apego, que pode ser conceituado como: estrutura pré-determinada, na qual cuidador e bebê constroem uma relação por meio de sistemas básicos de comportamentos determinados biologicamente e específicos da espécie (Ramires & Schneider, 2010). Para esses autores, o vínculo está relacionado ao apego no sentido de que o bebê desenvolve com o cuidador (figura de apego) segurança e conforto experimentados na sua presença. Ambos, apego e vínculo, se sustentam na relação, e um não exclui o outro.

A Teoria do Apego de John Bowlby permite um olhar importante para a necessidade inata do ser humano de intimidade e de apego para o bom desenvolvimento psicológico, emocional e social. Seus estudos baseiam-se na relação entre bebês e seus cuidadores, constatando que o modelo de apego desenvolvido neste momento da vida estabelece um padrão interno (psicológico e emocional) para os futuros relacionamentos e para a personalidade a ser desenvolvida (Santrock, 2014). O teórico postula que o ser humano nasce pré-programado para o reconhecimento de uma figura de apego (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004), que na relação, traz respostas às suas necessidades biológicas e emocionais, ajudando-o a estabelecer a homeostase do organismo e o equilíbrio psíquico, deste modo, a própria sobrevivência do indivíduo. O resultado dessa relação é a sensação de segurança e de proteção (necessidades inatas), fortalecendo o vínculo afetivo com a figura de apego. Portanto, o vínculo torna-se um componente primordial, duradouro e que busca proximidade com a figura central que transmite segurança (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004). Por ser uma necessidade inata, o apego começa a ser estabelecido logo nas primeiras horas de vida do bebê, portanto, quanto maior o contato pós-natal, melhor a constituição do apego entre o bebê e sua mãe (Ribeiro-Acciolly, 2017). Inicia-se nas primeiras horas e se prolonga nos primeiros anos da vida da criança, moldando-se a partir da interação entre os dois. Dessa forma, Bowlby defende que o apego é uma necessidade de um objeto para conforto e segurança, tão importante quanto o alimento para a sobrevivência (Ramires & Schneider, 2010). Logo, ele aponta também para o papel biológico do apego para a sobrevivência da espécie, sendo adaptado no ambiente evolucionário (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004).

Leitão e Castelo-Branco (2012) defendem que a espécie humana está biologicamente preparada para uma resposta amável em relação aos bebês. Estudos (Leitão & Castelo-Branco, 2012) ressaltam que a atração provocada não se direciona apenas aos pais biológicos, mas para qualquer cuidador em potencial. Há uma predisposição humana para se sentir atraído por bebês

e a cultura direciona o modo de interagir com eles. O comportamento de apego permite que a criança se conecte com pessoas que serão garantia de cuidado e proteção (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). Esses fatores biológicos, tanto dos adultos quanto da criança, garantem a sobrevivência dos descendentes.

Nos aspectos ambiental e social, o comportamento parental apresenta-se como um fenômeno que já foi estudado em várias culturas (Keller, 2002), sendo considerado pelos pesquisadores como uma resposta adaptativa dirigida à criança (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). Referência nos estudos transculturais sobre interação familiar, Keller (2002) observou comportamentos parentais com diferentes funções de cuidados físicos e emocionais da prole, e que eram semelhantes em diferentes culturas (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). Ela descreveu em cinco sistemas parentais: (1) sistema de cuidados primários; (2) sistema de contato corporal; (3) sistema de estimulação corporal; (4) sistema de estimulação de objetos; (5) sistema de trocas face-a-face.

O sistema de cuidados primários está relacionado à higiene, ao abrigo e à alimentação. Tem a função principal de assegurar a sobrevivência e atenuar o desconforto, podendo ser considerado o sistema filogenético mais antigo. O sistema de contato corporal abrange o contato físico ou o carregar o bebê (forma e tempo), estão relacionados ao calor emocional e à proximidade, facilitando o vínculo. Esses dois sistemas não são exclusivos da espécie humana (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006).

Os próximos sistemas têm características de cuidados que buscam uma interação diádica, por meio de contatos físicos, visuais e por estimulações: O sistema de estimulação corporal está relacionado ao contato corporal, mas também à estimulação por meio do toque e do movimento do corpo na interação. O sistema de estimulação com objetos inclui na relação diádica com o meio físico, por meio dos objetos que o adulto pode dispor para estimular e chamar a atenção do bebê. Por último, o sistema de trocas face-a-face que se caracteriza pelo contato visual e pelo uso da linguagem como “pseudo-diálogos” (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006).

Keller (2002) ressalta que os aspectos universais desses sistemas são atravessados pela cultura, assegurando traços específicos. No entanto, salienta a tendência comum que os pais apresentam para proteger, nutrir e relacionar-se com seus bebês (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006).

Numa observação mais próxima da díade, observa-se a capacidade de resposta adequada às demandas do bebê. O apego saudável está relacionado à sensibilidade materna, ou seja, quanto a mãe está atenta, reconhece e interpreta recorrentemente às necessidades do bebê, de forma rápida e eficaz. Estudos apontam que quanto mais empáticas, mais as mães são

sensíveis com seus bebês (Gomes & Melchiori, 2012). Essa resposta, ou responsividade materna, corresponde ao comportamento sensível e contingente, que identifica traços positivos de apego (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006).

1.3 Apego saudável: sensibilidade materna

Estudos sobre apego e cuidados parentais revelam as trocas sociais que os pais estabelecem com os(as) filhos(as). A responsividade materna emerge como um conceito importante nos estudos sobre o desenvolvimento infantil, pois é um referencial conceitual que permite observar e avaliar a qualidade e a afetividade nas respostas comportamentais ocasionais na interação mãe-bebê (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). Segundo Ribas e Seidl-de-Moura (2006), responsividade materna pode ser conceituada como: “comportamentos maternos contingentes, apropriados e imediatamente relacionados aos comportamentos da criança” (p. 368). A literatura defende a probabilidade da função adaptativa (biológica) da responsividade materna, sendo um componente universal, mas que emerge especificamente nas diferentes culturas (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004). O aspecto cultural da responsividade materna está relacionado aos valores e às crenças de um grupo ou sociedade (Oliva et al., 2018; Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). Portanto, os cuidados com as crianças seguem direcionamentos validados pela cultura, que indicam o que é aceitável ou desejável dos pais na criação dos(as) filhos(as). No que se refere ao papel da mãe, ainda é desejável que ela seja exclusiva para o(a) filho(a) (Oliveira & Marques, 2020). Mães que optam por romper o modelo clássico de maternidade, buscando trabalhar fora quando o bebê é pequeno, sofrem, muitas vezes, com a culpa de não estar sendo uma boa mãe (Oliveira et al., 2011).

A responsividade materna está relacionada à sensibilidade da mãe em relação aos sinais do seu bebê. Estar sensível aos sinais da criança permite com que a mãe possa atendê-la no que ela precisa especificamente, ajudando no equilíbrio do organismo e na sensação de segurança. Esses aspectos estão relacionados à qualidade do apego, ou seja, o apego seguro depende da resposta contingente da mãe, como figura principal de apego (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004), pois está associado ao comportamento desejável e necessário para a construção do apego seguro (Ribeiro-Accioly, 2017). Os conceitos de apego e de responsividade materna estão interligados nos campos biológico e cultural. Sabe-se que a cultura é a responsável por apresentar os códigos de realização dos indivíduos. Logo, na responsividade materna, o modo como a mãe vai interagir, falar, tocar, cuidar e responder às necessidades do bebê está de acordo com os códigos culturais a respeito do papel maternal, consequentemente, a responsividade materna.

O conceito de responsividade materna está associado ao conceito de sensibilidade materna (Keller et al., 1999). Ambos estão relacionados aos comportamentos parentais desejáveis e necessários para a construção de um padrão de apego seguro na relação entre o bebê e seus cuidadores. No entanto, esses comportamentos estão além de ações físicas de higiene e cuidados, mas para a forma com que os pais interpretam os sinais que o bebê transmite suas necessidades. Esse aspecto está relacionado à comunicação, sendo o cuidador quem irá interpretar as pistas ou sinais de comunicação infantil.

Keller (2007) expõe quatro componentes essenciais na sensibilidade materna: (1) atenção ou consciência dos sinais; (2) apurada interpretação desses sinais; (3) uma resposta adequada ou apropriada a eles; e (4) uma rápida resposta a eles. Mesman (2015) apresenta dois aspectos importantes: (1) acessibilidade do cuidador à comunicação e à expressão da criança; e (2) capacidade do cuidador em estar presente. Este autor salienta que uma resposta adequada à demanda da criança é a principal característica da sensibilidade materna. A resposta apropriada permite que a criança tenha a percepção adequada de si, para o desenvolvimento saudável.

Mesman (2015) aponta que o tempo de resposta é tão importante quanto a resposta adequada, pois se feita muito tempo depois, a criança tem dificuldades de associar a resposta à sua demanda. Isso permite também que a criança se sinta capaz de controlar o ambiente e desenvolver eficácia.

Finalmente, infere-se que vínculo, apego e cuidado parental estão ligados. A interação entre eles garante a manutenção da relação afetiva, dando origem ao amor entre pais e filhos(as). Em termos ambientais evolutivos, o vínculo afetivo se desenvolve no contexto social, dando origem aos laços afetivos (amizade) também presentes na sociedade (Toni et al., 2004).

2 FAMÍLIA E CULTURA

2.1 Família e desenvolvimento humano

A família é uma instituição básica para o desenvolvimento do indivíduo. Em uma visão holística individual, a Psicologia Ecológica, do psicólogo Urie Bronfenbrenner permite fazer uma articulação com a família, sendo vista como um sistema (microsistema), onde todos os integrantes interagem de forma recíproca e sofrem influências de sistemas maiores, como: sociais, culturais, políticos, religiosos e etc (Narvaz & Koller, 2004). Esses sistemas são estruturas que se encaixam, uma dentro da outra e estão em constantes trocas, das quais podem gerar mudanças e reorganizações nos sistemas (ambiente ecológico). O indivíduo em seu desenvolvimento atravessa essas estruturas (até mesmo de forma não presencial, que afeta indiretamente), recebendo suas influências e modificações (Yunes & Juliano, 2010). Bronfenbrenner defende que a família é a estrutura inicial (ecossistema familiar) em que o indivíduo se desenvolve, sendo na dinâmica da relação com seus familiares, o primeiro ambiente de trocas entre os vários sistemas presentes na estrutura familiar.

Outro aspecto importante na Psicologia Ecológica, é que a família, como parte de um ecossistema, sofre influências de outras estruturas, como a social, a cultural e etc. Isso quer dizer que, a capacidade dos pais em criar seus filhos não está relacionada, necessariamente, apenas com a personalidade deles, mas às influências que os outros ecossistemas incidem sobre eles, intervindo nos seus valores, nos seus pensamentos, nos seus comportamentos e na própria criação dos filhos (Oliva et al., 2018). Isso aponta para a conexão entre as pessoas e os contextos que a Psicologia Ecológica defende, no que se refere à possibilidade do indivíduo desenvolver diferentes conjuntos de relações (díades, tríades e etc). Estes se relacionam entre si e em diferentes ambientes, que fortalecem as relações e melhoram o processo de desenvolvimento do indivíduo (Mondin, 2005). Desta forma, Bronfenbrenner, pesquisador dos estudos de famílias e que desenvolveu a teoria ecológica e sistêmica, afirma que cada indivíduo se desenvolve em um ambiente social complexo, com várias interações (pais, irmãos, vizinhos, amigos, professor) que estão inseridos em um sistema social maior (escola, bairro, instituições), esses elementos interagem reciprocamente, exigindo que cada indivíduo seja entendido a partir de suas experiências nesses diferentes contextos (Mondin, 2005).

O modelo bioecológico de Bronfenbrenner (Narvaz & Koller, 2004) leva a um mergulho nos aspectos psicológico, biológico e ambiental do indivíduo inserido no seu contexto. Considerando o componente primordial do ecossistema em sua função primária na

experiência individual, o autor classifica a família como: microssistema, sendo considerado o contexto de experiências imediatas. E define-o com os seguintes padrões: (1) atividades, (2) papéis e (3) relações interpessoais, nos quais o indivíduo experiencia em seu ciclo vital, em um ambiente com características físicas e materiais específicas e simbólicas (Yunes & Juliano, 2010). A saber: padrão atividade (1) está relacionado a um comportamento contínuo com intenção e significado para os indivíduos, a partir de uma troca entre interações diádicas. O padrão papéis (2) aponta para a diversidade de atividades e relações esperadas de um indivíduo nas expectativas sociais e que os membros atuam. E o padrão relações interpessoais (3) refere-se à condição mínima para a existência de uma díade em interação de atividades que elas participam.

A díade é um fenômeno muito observado pelo teórico, deste modo, afirma que possui três propriedades: (1) reciprocidade, (2) equilíbrio de poder e (3) relação afetiva (Leme et al., 2015). A (1) reciprocidade está relacionada à maneira como os participantes interagem entre si, como mutuamente se influenciam, uma vez que quando um sofre um processo de desenvolvimento, o outro também sofre. O (2) equilíbrio de poder aponta para a importância do equilíbrio gradual de poder, respeitando as diferentes fases de cada membro da díade. Por fim, a (3) relação afetiva como um resultado positivo da experiência diádica.

As interações face-a-face sustentadas na família (microssistema) são intensas e favorecem para que as características pessoais sejam também moldadas a partir dessas interações. Em outras palavras, todos os membros do microssistema (família) são afetados mutuamente. Ademais, considerando a questão ambiental, uma mudança, como a chegada de um bebê no seio da família, afeta o sistema, pois seus membros assumem novos *papéis* (mãe e pai) exigindo uma reorganização no sistema (Narvaz & Koller, 2004). Neste caso, a díade central é a mãe-bebê, essencial para o desenvolvimento saudável do infante. Uma relação intensa que se inicia ainda na gestação e se intensifica no contato sensorial e emocional diário (Cyrulnik, 2007). É nessa díade que o bebê começa a ter os primeiros contatos com a cultura, por meio dos cuidados maternos, carregado dos valores e das crenças sociais (Keller, 2002; Oliva et al., 2018). Outro traço importante dessa díade é a *relação afetiva*, que carrega os aspectos próprios e específicos da relação entre a mãe e o seu(sua) filho(a). O casal progenitor é outra díade, não menos importante (Pontes et al., 2007). Por meio dela, a *reciprocidade* funciona de maneira a considerar o suporte físico e emocional que o marido oferece à esposa em um momento de desafios (maternidade), que pode provocar medos, inseguranças e angústias (Gomes & Melchiori, 2012).

Esses conceitos permitem relevantes modos de observação no contexto familiar, dado que as díades, em suas interações, embasam os principais aspectos que vão apontar o potencial do sistema em estimular o desenvolvimento do indivíduo, em suas nuances saudáveis ou não-saudáveis (Yunes & Juliano, 2010). Considerando o nascimento de um bebê na família, observar a díade principal mãe-bebê, mas também as outras díades, casal e/ou outros membros da família, permite um olhar analítico para compreender o fenômeno da maternidade, e a mulher no seu desenvolvimento no ciclo vital, nos diferentes papéis que desempenha.

2.2 A família nas diferentes culturas

Outra questão referida no estudo de família é o aspecto multifacetado do contexto familiar, chamando a atenção para a especificidade de cada família. Numa mesma sociedade, onde uma cultura predomina como base nos os valores que regem os indivíduos, observa-se também características particulares dos indivíduos e dos grupos familiares (Mendes & Ramos, 2020). Na visão da Psicologia Ecológica a especificidade de cada família é observável e prevista para análise, pois, como apresentado acima, considera as mudanças ambientais nas interações entre os indivíduos em cada sistema familiar.

A visão ecológica de Bronfenbrenner emerge após as considerações adversas da Psicologia sobre os estudos de família de Parson, que predominaram nos Estados Unidos nos anos de 1950. Parson apontava o papel da mãe como responsável pelo sustento emocional da família. Nesse aspecto teórico, a família nuclear (pai, mãe e filhos biológicos) se configura em uma instituição social com a tarefa de atender as necessidades básicas da sociedade e reproduzir a ordem social. A partir dessa visão funcionalista, a família possui papéis específicos: socialização dos filhos; estabilização da personalidade dos adultos; e suporte emocional desempenhado pelas mães (Hita, 2005). Parson defendia que este padrão era o modelo ideal de família, pois, por meio de um isolamento da família nuclear, das famílias de origem do casal, papéis eram pré-definidos, de modo a permitir ao indivíduo desempenhar funções institucionalizadas pela sociedade, promovendo o bom funcionamento social (Hita, 2005). Para isso, eram marcados modelos rígidos de papéis familiares, instrumental para os homens (provedor) e expressivo para as mulheres (sustento emocional). Sendo assim, a família nuclear, célula básica da sociedade, apropriava-se de papéis definidos e complementares (o homem trabalhava fora de casa, enquanto a mulher cuidava da casa e dos filhos), sendo considerado o modelo de família bem sucedida. Portanto, nesta perspectiva, as que não se encaixavam nesse modelo eram consideradas disfuncionais. As fortes críticas ao modelo de Parson estão no

conservadorismo e no enrijecimento, que não consideram as mudanças sociais e culturais naturais que atravessam e transformam a família, podendo reorganizar novas distribuições de papéis (Hita, 2005).

Partindo do prisma das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, torna-se relevante considerar e discutir nos estudos de família os novos modelos familiares que se apresentam na sociedade contemporânea (Alves-Silva et al., 2016). Os estudos atuais de família consideram as constantes redefinições de conjugalidade, partindo das mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas. Estudiosos afirmam que muitas dessas mudanças na configuração conjugal e familiar se deram pela emancipação das mulheres, que saiu da função exclusiva da maternidade e passou a ocupar novos espaços na sociedade, principalmente no mercado de trabalho (Alves-Silva et al. 2016). Com isso, as mulheres passam a contribuir com a provisão do lar, redefinindo seu papel na família, na conjugalidade e na sociedade. A nova ordem familiar tende a reorganizar também o papel dos homens na família, uma vez que as mulheres estão mais tempo fora de casa. As tarefas caseiras e a criação dos filhos podem ser divididas entre o pai e a mãe (Oliva et al., 2018). Essas características atuais não sustentam a família nuclear de Parson. Os estudos têm demonstrado que o caráter multifacetado das famílias não abarca satisfatoriamente qualquer modelo engessado. Cada família tende a se organizar para atender suas necessidades, podendo inverter completamente os papéis entre os cônjuges, em que o pai assume o papel de cuidador da casa e dos filhos e a mãe assume o papel de provedora, saindo para o trabalho fora de casa. Mesmo sendo uma total inversão em relação ao padrão parsoniano, pode ser considerado como funcional, haja vista que os membros da família sofrem influências e consideram as mudanças do contexto social ecológico, e se reorganizam com diferentes valores e comportamentos, conforme suas demandas particulares.

A própria história humana aponta para a variabilidade na configuração familiar ao longo do tempo. Estudos (Carvalho et al., 2013) mostram que o cuidado parental sempre esteve relacionado ao contexto socioeconômico, buscando a melhor adaptação ambiental às necessidades do grupo e a sobrevivência do bebê. Como exemplo, as sociedades de caça e de coleta, que precisavam se deslocar em grandes distâncias, eram caracterizadas por mães que cuidavam exclusivamente do bebê, sendo altamente responsivas aos sinais de necessidade da criança. Com a amamentação frequente, o ciclo entre um filho e outro era de quatro anos, de modo que ela podia garantir a sobrevivência desse filho, pela exclusividade no cuidado. Já no período agrícola, os grupos se estabeleceram em locais fixos e se tornaram mais populosos. O papel da mãe estava relacionado a ter muitos filhos (riqueza humana para o trabalho de cultivo e pastoreio), passando a compartilhar os cuidados com os familiares do sexo feminino, pois

viviam uma gestação atrás da outra. Tem-se também o exemplo de aldeias localizadas no Tibete, em que o *habitat* é muito hostil. Nesse grupo, as mulheres eram responsáveis pelo sustento alimentar do grupo (cuidados dos animais e da terra), enquanto os homens faziam viagens longas para trazer o que faltava para o sustento. Nesse arranjo, as famílias eram numerosas e os filhos eram cuidados por todos, sendo um modo de vida essencialmente comunitário (Carvalho et al., 2013).

Esses exemplos dão uma visão de como os arranjos familiares adequam-se às necessidades sociais, econômicas e ambientais (Oliva et al., 2018). As mães partiam de valores culturais para cuidar de seus filhos. Na sociedade de caça e de coleta era desejado pelo grupo que a mãe fosse exclusiva para o filho, pois garantia a sobrevivência da prole. Por outro lado, para as mães do Tibete, compartilhar os cuidados do filho com todos do grupo era o comportamento esperado, pois elas estavam comprometidas também com a alimentação do grupo, não só com o bebê. Percebe-se que os comportamentos são extremamente diferentes, mas são igualmente desejados pelos seus respectivos grupos (Carvalho et al., 2013).

Pode-se dizer que o contexto da mulher contemporânea está relacionado à necessidade de trazer o sustento para casa ou ao fato dela assumir outros papéis além do de ser mãe. Como nos exemplos dos grupos citados, necessidades socioeconômicas ocidentais atuais influenciam no modo como as mães cuidam de seus(suas) filhos(as), produzindo valores morais para novas configurações familiares (Oliva et al., 2018). Mães contemporâneas que decidem trabalhar fora quando o(a) filho(a) é pequeno(a), contam com o suporte da família ou de cuidadores especializados, ou seja, elas passam a compartilhar os cuidados. O compartilhamento de cuidados parentais, verificado em arranjos familiares de alguns grupos, é garantido pela predisposição humana para se sentir atraído por bebês, mesmo que não sejam os pais biológicos (Carvalho et al., 2013).

Essas questões apresentam a complexidade do comportamento humano, que, muitas vezes, não terá uma única resposta, e ainda pode trazer outra questão: o bem-estar do bebê, no que diz respeito aos cuidados físicos e emocionais que necessita. Nessa questão podem estar relacionadas a qualidade e a quantidade do tempo investido nos cuidados, independente que seja pela mãe ou por outra pessoa. Como foi apresentada, a figura de apego, representada pelo cuidador primordial, precisa atender às necessidades biológicas e emocionais, permitindo ao bebê manter a homeostase do organismo e o equilíbrio psíquico, necessários para o desenvolvimento saudável e a própria sobrevivência (Ribeiro-Accioly, 2017). Mães ou cuidadores podem estar em tempo integral com bebês sem qualidade, ou seja, sem dar a necessária atenção e cuidado que eles necessitam. Estes são características essenciais da

sensibilidade materna, importantes para o desenvolvimento saudável da criança (Keller, 2006; Ribeiro-Accioly, 2017).

Os valores socioculturais norteiam o comportamento humano. Na maternidade, a partir desses valores, a mãe constrói seus parâmetros para uma boa *performance* e para nortear decisões justas e eficazes para si e para o bebê (Oliva et al., 2018). No entanto, algumas vezes, ela pode se perceber em um dilema, pois valores antepassados do papel materno (família parsoniana), em certa maneira, sobrepõem aos valores contemporâneos de família, nos quais a mãe tende a dividir os cuidados com o bebê. Nesse aspecto, esses valores antagônicos podem trazer inseguranças e dúvidas quanto à maternidade (Beltrame & Donelli, 2012).

3 MATERNIDADE E TRABALHO: UM OLHAR NO PASSADO PARA OBSERVAR OS DESAFIOS DA MULHER NO PRESENTE

3.1 Maternidade no contexto urbano brasileiro: as mudanças do papel materno com o tempo

A ideia de maternidade fundamentada nas representações do ‘mito do amor eterno’, do ‘mito da mãe perfeita’ e da ‘rainha do lar’ foi historicamente construída no Brasil nos séculos 19 e 20. Com o objetivo de modernizar e de higienizar a sociedade, a ordem burguesa implementou um projeto audacioso, que defendia que o destino sociocultural da nação envolvia, necessariamente, o ambiente privado da família e os papéis familiares, entre eles o da maternidade. Surgem concepções e saberes sobre o modo de cuidar dos filhos, buscando construir cidadãos preparados para servir à pátria (Oliveira & Marques, 2020).

O Modelo burguês de família teve boa adesão nas famílias abastadas, mais aptas ao entendimento de um saber científico e de especialistas. O ambiente familiar, como origem dos principais cuidados e formação dos indivíduos ganhou foco neste projeto, sendo a mulher dona de casa, que estava mais tempo no lar, a principal responsável pelo sucesso familiar. As narrativas de excelência em cuidados com a casa, com os filhos e com o marido, além de tutoriais de comportamentos desejáveis (delicados e discretos), eram encontradas em revistas especializadas ao público feminino (Vida doméstica e Revista feminina, por exemplo). Nelas, a mulher podia apreender sobre sua responsabilidade com a saúde e o equilíbrio emocional da família; sobre como cuidar da casa, do marido e dos filhos e seu papel de esposa; e como ser uma mãe devotada (Oliveira & Marques, 2020). Naquela época foram definidos os papéis da mulher na sociedade, resumidamente: de mãe, de esposa e de dona de casa.

A medicina embasava as verdades sobre o papel materno, defendendo que a natureza deu às mulheres uma fragilidade física, moral e intelectual, traços que demarcaram-as no espaço privado do lar. Por serem mais sensíveis e emocionais, estavam hábeis para cuidar e educar os filhos. A maternagem passa a ser um atributo valorizado e incentivado em tempo integral. Cuidar dos filhos não é mais visto como um dever, mas como um ato de amor. Em outras palavras, a maternagem passa a ser um atributo da mãe devotada, que vive exclusivamente para os filhos, pois a natureza lhe confiou esse destino (Oliveira & Marques, 2020). A identidade da mulher funde-se com o papel de mãe. Portanto, fugir a esse padrão de maternidade era condenado pela sociedade e gerava culpa e frustração, pois estavam

contrariando uma dádiva da natureza e uma verdade produzida daquela época: a boa e verdadeira mãe é aquela que cuida e amamenta seus filhos (Oliveira & Marques, 2020).

Com uma grandiosa missão de erguer a família e, em parte, a própria nação brasileira, o peso dessa responsabilidade ignorava a viabilidade da mulher/mãe realizar e/ou se adequar às intenções exigidas. A ideia do amor materno colocava a criança no cerne da relação, deixando a mãe ofuscada na díade. A partir do modelo hegemônico de maternidade, toda mulher era convidada a abandonar desejos e outros papéis. O ‘instinto materno’ tinha que sobrepor a qualquer anseio pessoal (Oliveira & Marques, 2020).

Há algumas décadas, essa ideia hegemônica sobre maternidade tem passado por transformações. Com maior emancipação, o tempo que as mães se dedicam nos cuidados com os filhos, não são mais tão exclusivo e tem diminuído, pois elas têm dividido essa responsabilidade com outras pessoas da família, para se dedicar a outras necessidades pessoais (Beltrame & Donelli, 2012).

Tendo em vista essa mudança de comportamento feminino, conquistas foram importantes para mulheres que são mães e desejam e/ou precisam trabalhar fora: uma delas é a licença-maternidade, período em que a mãe, com vínculo empregatício, pode ficar afastada do trabalho de forma remunerada. No Brasil, a Lei 11.770 de 09/09/2008 expandiu de 120 para 180 dias, buscando equalizar a licença-maternidade entre as redes de trabalho privadas e públicas, pois servidoras públicas já tinham esse direito garantido. Essa regulamentação só produziu efeito em 2010, passando a assegurar para a maioria das mães seis primeiros meses de investimento e dedicação necessários com seu(sua) filho(a), inicialmente frágil e dependente. Quanto mais tempo juntos, maior será a base para construir um vínculo afetivo saudável e seus desdobramentos (apego e cuidados parentais) (Leitão & Castelo-Branco, 2012; Mesman, 2015).

Segundo dados de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de participação feminina na força de trabalho era de mais de 50%. Logo, conciliar maternidade e trabalho faz parte da experiência de várias mulheres brasileiras (Beltrame & Donelli, 2012). Seja por opção ou por necessidade financeira (auxiliar nas despesas ou ser a única provedora), muitas voltam a ocupar sua posição profissional, assim que acaba o período da licença-maternidade, ou antes dos seis meses, quando são autônomas.

Como apresentado acima, no século passado, ser mãe e trabalhar fora não seria uma decisão viável para a maioria das mulheres. A supervalorização da maternidade era instituída como uma opção sublime e de realização exclusiva. No cenário atual, outros desejos atravessam as escolhas de muitas mulheres durante a maternidade. A criança pode não ter a mãe como sua cuidadora exclusiva, já nos primeiros meses de vida. O pai, muitas vezes,

assume os cuidados, compartilhando com a mãe a tarefa de cuidar do bebê (Oliva et al., 2018). Outros membros da família, como os avós, também assumem papéis de cuidadores logo cedo, uma vez que muitos deles serão os responsáveis pelos bebês quando a mãe voltar a trabalhar (Beltrame & Donelli, 2012). Embora o novo contexto maternal presente no século 21 - que se refere à mãe desenvolvendo outros papéis e a família servindo de suporte nos cuidados nos primeiros meses de vida do bebê -, a mãe ainda é a cuidadora principal, dado que o bebê passa a maior parte do tempo com ela (gestação e puerpério), principalmente se é amamentado. Entende-se que a mãe dispõe de mais energia para cuidar do filho em relação ao pai (Prado & Vieira, 2003), esse aspecto está relacionado à própria constituição filogenética das fêmeas mamíferas, que geram os descendentes e produzem seu alimento (Toni et al., 2004). Traços que elevam a relação da díade extraordinariamente prioritária, logo, construindo uma relação secundária com os outros cuidadores. Portanto, por mais que a mãe possa contar com suporte nos cuidados com os filhos, os elementos filogenéticos são profundamente fortes para manter o bebê conectado com a mãe, mesmo no processo de separação no retorno ao trabalho (Cyrulnik, 2007).

Culturalmente, a partir dos novos papéis da mulher na sociedade, a ideia de cuidado maternal vem sendo problematizada. Ela se sente mais livre para escolher como conduzir sua maternidade, exercendo outros papéis sociais, além do de ser mãe. No entanto, ainda paira o ideal da ‘boa mãe’ que torna a maternidade cercada de uma *performance* de excelência em relação aos cuidados com os filhos (Güney-Frahm, 2020). Ou seja, as narrativas idealizadoras consolidadas no século passado sobre: instinto materno, amor materno, rainha do lar e etc, ainda repercutem no imaginário social, influenciando as crenças de muitas mães (Oliveira & Marques, 2020).

Estudos apontam (Beltrame & Donelli, 2012) que muitas mães, dessa geração, sustentam a crença de que são as únicas capazes de cuidar bem dos filhos. Esse é um exemplo do forte reflexo da maternidade ‘institucionalizada’ (Green, 2015), portanto, licenciada para ditar as regras e regular o comportamento materno, estabelecendo como ser uma ‘boa mãe’ e o que é ser uma ‘má mãe’ (Green, 2015).

3.2 As relações de trabalho e a maternidade: uma difícil conciliação

Quando a mulher decide compartilhar a maternidade com a carreira profissional, ela se submete às cobranças e às exigências do trabalho, pois precisa demonstrar compromisso e produtividade (Güney-Frahm, 2020). Portanto, quando a mulher escolhe ou precisa desempenhar esses dois papéis, não é uma decisão simples. Conciliar maternidade e trabalho

pressupõe não atender de forma exclusiva um ou outro, pois são ofícios que não se sustentam mutuamente de forma estável, considerando as atuais condições impostas pelo mercado de trabalho de longas horas de produtividade fora de casa. Nestas condições, a mãe precisa interromper um vínculo de interação diária e integral para estar muitas horas fora de casa, distante da sua criança. Pesquisas (Beltrame & Donelli, 2012) apontam que mães que passam por essa separação relatam sentimentos negativos de preocupação, de apreensão, de medo, de tristeza e de ansiedade.

Importante entender o cerne que constitui os modos de trabalho atualmente, pois permite analisar a realidade do trabalho e as demandas exigidas ao trabalhador. São nestas relações de trabalho que as mães profissionais estão.

Notavelmente, o advento dos modos de trabalho passa pelo colapso da família, historicamente ocorrido séculos atrás. No início da Idade Moderna, a família perde poder social e na vida dos indivíduos, em razão da crescente atuação direta do Estado, decorrente de movimentos e de revoluções que mudaram o cenário social ocidental da época (Harari, 2020).

Na Idade Moderna, a família e a comunidade foram perdendo o *status* dominante na vida dos membros do grupo. As sedes do bem-estar do grupo social, família e comunidade, eram responsáveis por oferecer saúde, educação, emprego, segurança, moradia e etc. Eram uma rede de apoio sustentadas pela renúncia da autonomia de seus membros, em troca de proteção e sustento. Com a Revolução Industrial, o Mercado junto com o Estado passam a oferecer vários benefícios aos indivíduos, assim como a maior parte das funções tradicionais da família e da comunidade. Em outras palavras, o Estado supria as necessidades dos indivíduos, sem um controle direto, pois ele tinha a liberdade para fazer suas escolhas. Esse movimento exerceu novas influências nos grupos sociais, permitindo valores e pensamentos mais focados no indivíduo. A família tradicional se enfraqueceu nos seus papéis social e econômico na vida de seus membros, e o Estado passou a ser mais forte, atuando diretamente na relação com os indivíduos. Nesse processo, o indivíduo/cidadão ganha mais liberdade e mais autonomia, se libertando do controle da família, se tornando mais dono de suas escolhas (Harari, 2020).

No entanto, a variedade de benefícios e de oportunidades que o Mercado e o Estado ofereciam, exigia do indivíduo custos físico e psicológico altos, caso ele não cumprisse o ‘acordo’. A sedução da liberdade individual para assumir o protagonismo da própria vida colocou as pessoas em uma armadilha social, pois com o crescente poder do Estado, o acordo entre Mercado, Estado e indivíduo ficou cada vez mais desigual, uma vez que os primeiros demandavam muito mais do que o indivíduo podia oferecer. “Em muitos casos, os indivíduos são explorados pelos mercados, e os Estados empregam seus exércitos, forças policiais e

burocracias para perseguir indivíduos em vez de defendê-los” (Harari, 2020, pág. 371). A família não dava liberdade, mas dava segurança e proteção. O Estado dava liberdade, mas não dava segurança. Ter um ambiente de segurança e proteção é essencial para o ser humano, estão na base da sua evolução, precisam caminhar juntos para organizar indivíduos estáveis e saudáveis (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004).

Para fazer parte desse caldeirão de mudanças socioeconômicas, os ideais humanistas, os movimentos do Iluminismo e da Revolução Francesa, possibilitaram ao ser humano daquela época uma nova ideia de si mesmo. Isso gerou um rompimento com o modo de pensar e de viver anteriores que prevaleceram durante muitos séculos subordinados e aprisionados aos dogmas religiosos, familiares e da comunidade local. Em outras palavras, o que se destaca é o pensamento de valorização do humano partindo da premissa de que todos os seres humanos, mediante introspecção e livre exercício de suas capacidades, têm condição de influenciar o mundo e torná-lo melhor (Coutinho, 2002). O indivíduo passa a ser o centro do universo. Esses pensamentos iam ao encontro da liberdade de escolhas que o Estado oferecia. Neste sentido, as mulheres, antes vistas como propriedade da família ou da comunidade, ganham *status* de indivíduos que podiam ter direitos: econômicos, civis e, até mesmo, o de decidir com quem queriam se casar (Harari, 2020). Princípios libertadores que deram início, modestamente, às mudanças importantes no futuro, com os movimentos pelas causas do feminismo.

Com relação aos novos meios de produção, a Revolução Industrial redefiniu as relações de trabalho, tornando o empregado uma fonte de aumento da riqueza dos seus patrões, a partir do abuso nas horas de trabalho, que podiam chegar a 16 horas por dia. Concomitantemente, a classe dos patrões ou a nova burguesia, apoiada por instituições como o Estado e a Igreja, defendia um discurso que os pobres têm que trabalhar porque a ociosidade pode gerar marginalização e vícios (Russell, 2002). Essa ideia, instituída nas classes trabalhadoras predispondo os indivíduos ao trabalho árduo, pois o trabalho passou a ser visto como uma virtude (Russell, 2002).

Esse foi o contexto ideal para a legitimação da exploração no trabalho, longe dos ideais humanistas. Um exemplo extremo para os abusos desumanos no trabalho foi na segunda guerra mundial. Fábricas de armamento aumentavam seus lucros por meio da mão-de-obra quase gratuita dos prisioneiros dos campos de concentração. Como a vida desses presos não tinha valor, eles eram substituídos imediatamente, caso morressem de cansaço pelos trabalhos forçados (Levi, 2005).

Os aspectos apresentados evidenciam a função das crenças presentes na sociedade, pois gerou uma necessidade para o labor que dificulta o descanso e o lazer e pôde legitimar tiranias

contra outro ser humano. O respeito às crenças vigentes na sociedade conduz o indivíduo a um bom relacionamento com o outro. Nas crenças construídas sobre o trabalho e o ‘bom trabalhador’, o abuso nas relações entre patrão e empregado acaba sendo consensual, pois o indivíduo que se opõe cria um conflito no seu meio (Russel, 2008). Mas, aquele que segue as convenções que a sociedade determina, é visto como ‘bom’. Deveres profissionais estão na lista de obrigações de uma pessoa que é bem vista pela sociedade, e, que, também, agrada os que detêm o poder (Russel, 2008). Neste caso, o que a sociedade dita como certo ou errado tende a oprimir, pois a liberdade humana, princípio humanista, pode gerar uma pessoa não vocacionada para trabalhar arduamente (Russell, 2001).

Diante do que foi apresentado, sobre os ideais humanistas e seu declínio, problematiza-se o quanto esses aspectos influenciam a mulher contemporânea como profissional e como mãe. As regras vigentes nas relações de trabalho conservam no pensamento da sociedade a produção como uma virtude do trabalhador, não permitindo muito espaço para outros deveres na vida. Para a mulher, dividir o trabalho com a maternidade expõe sua falha e incapacidade, ela acaba por se sentir culpada no cuidado da prole e como profissional, pois ambos exigem alto investimento. Se sentir como má mãe e como má profissional são aspectos que geram sofrimento psíquico (Oliveira et al., 2011). O alto nível de investimento que a seleção natural elegeu para a sobrevivência da prole deveria ser a base biológica e psicológica para que a mãe possa exercer sua maternidade sem cobranças ou culpas. No entanto, como foi discutido, a cultura constrói pensamentos e discursos (maternidade e trabalho) que afetam o comportamento humano, criando novos modos psicológicos de estar na sociedade, que pode erguer conflitos e sofrimento.

As crenças podem interferir em uma análise racional (Russel, 2008). Ou seja, as crenças podem falsificar o julgamento em relação aos fatos reais e justificar práticas não funcionais. A racionalidade permite jogar luz nas crenças irracionais, diante de realidades de adoecimento e abusos nas relações de trabalho (Russel, 2008). Nesse aspecto, uma mulher que decide ser mãe, pode viver a maternidade e ser profissional, respeitando as limitações nesses dois papéis. É vislumbrar a racionalidade sobre seu desejo de ser uma coisa e outra, não uma coisa ou outra, isso permite as duas práticas sem culpa ou sofrimento, pois a razão permitirá um olhar humano sobre si e sobre seus desejos, permitindo a conciliação.

No entanto, percebe-se que a racionalidade no desejo da mulher em ser mãe e ser profissional, diante de um modelo de trabalho sustentado na produtividade laboral, impedem, muitas vezes, uma discussão sobre maior flexibilidade para atender mães trabalhadoras que

estão em um tempo de vinculação e de investimento afetivo e evolucionário com outro ser humano. Neste caso, o conflito e a culpa estão estabelecidos, promovendo sofrimento.

3.3 Sofrimento materno: resultado do conflito entre maternidade e trabalho

Crenças e valores estão presentes nas decisões cotidianas dos indivíduos, elas servem de base para a autoavaliação. Nos subtópicos anteriores, buscou-se um olhar no passado para lançar luz nas bases que fundamentam as crenças e comportamentos maternos e laborais. Observa-se que as mulheres foram doutrinadas a uma maternidade institucionalizada (Green, 2015), que estabelece que o ‘amor materno’, por meio de uma dedicação total da mãe com sua criança, é uma dádiva na qual ela não pode abrir mão. Por outro lado, as relações de trabalho foram fundamentadas nas ideias sobre a exploração da mão-de-obra para o lucro financeiro e sobre a virtude do trabalho árduo. Percebe-se que nesses parâmetros apresentados, maternidade e trabalho são atividades que exigem o máximo de investimento, sendo praticamente impossível a conciliação entre eles. Uma condição plausível para compreender a dificuldade e o sofrimento de muitas mães que trabalham fora. Essa problemática está no foco deste trabalho.

3.3.1 Quando o sofrimento materno é um efeito natural da maternidade e quando se torna um problema

Importante destacar que o sofrimento materno é uma experiência que emerge naturalmente na transição da mulher para a maternidade (Emmanuel & John, 2010). A mudança para o novo papel em que a mãe precisa desempenhar causa medos, inseguranças, angústias e novas responsabilidades. Nesse processo é importante compreender que o sofrimento materno faz parte do momento em que a mulher se vê diante de desafios que exigem adaptações. A mãe vivencia grandes mudanças físicas, emocionais e sociais, sendo o sofrimento um fenômeno esperado até que ela possa se adaptar ao novo papel e à sua nova fase de vida. A identidade de mãe está sendo desenvolvida, novos comportamentos e posição social estão surgindo. É um jogo de ganhos e de perdas psicológicas, sociais e físicas. A partir das crenças sobre maternidade que a mãe carrega consigo, o sofrimento materno natural vai ser vivenciado de forma bem pessoal. Outro dado que influencia é o ambiente familiar da mãe, no que se refere ao suporte que ela recebe para si, para cuidar do bebê, e ao acolhimento que os membros da família dão ao bebê (Emmanuel & John, 2010). Quanto mais apoio familiar e

reciprocidade a mãe tem, mais ela se sente segura e ajustada ao novo papel (Yunes & Juliano, 2010).

Mesmo sendo um período de estresse, pela adaptação ao novo papel e às novas funções, a natureza organizou também um conjunto de habilidades comportamentais, que se desenvolvem naturalmente, para que a mãe seja capaz de garantir os cuidados com o bebê (Ribeiro-Accioly, 2017). Dentro desse parâmetro que a natureza propõe, o sofrimento maternal, natural nesse período de estresse e de importantes desafios, tende a diminuir conforme a mãe vai ganhando segurança sobre o ser mãe, e vivencia de forma plena e satisfatória a maternidade. Um estado emocional e psicológico mais confiante é importante para que ela se sinta realizada no seu novo papel (Oliveira et al., 2011).

Portanto, dentro de uma perspectiva natural, o puerpério exige investimento e mudanças que causam sofrimento, mas biologicamente e socialmente (família) a mãe recebe recursos para transpor esse período, adaptando-se e ajustando-se à maternidade (Toni et al., 2004). No entanto, culturalmente, a mãe vai construindo também a autopercepção sobre o ser mãe, e traços individuais e necessidades pessoais tendem a definir a particularidade dos cuidados. Ou seja, é praticável que cada uma desenvolve seu jeito próprio de ser mãe, mesmo que não esteja totalmente de acordo com o que a sociedade diz (Leitão & Castelo-Branco, 2012)

A quantidade e a qualidade do tempo gasto com o bebê podem estar relacionadas às crenças culturais sobre a maternidade, no que se refere à função primordial para as necessidades do filho ainda tão dependente. Evolutivamente, o momento inicial de vida do bebê é o período principal de desenvolvimento do vínculo. Estabelecer eficácia no investimento maternal pode ser crucial para que a mãe se perceba como boa e compreenda que o desenvolvimento do vínculo com seu bebê está acontecendo naturalmente (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004; Vieira & Oliva, 2017).

Parte da sociedade defende a maternidade institucionalizada, principalmente nos primeiros anos da criança, sendo necessário que a mãe abra mão de si para executar bem esse papel predefinido (Green, 2015). Logo, a conciliação entre maternidade e trabalho é um tema em que as mulheres precisam lidar desde que resolveram trabalhar fora, seja por escolha ou por necessidade. Ao final da licença-maternidade, a mãe pode sentir a dificuldade em conciliar os papéis, circunstância que gera conflito de forma mais intensa, pois é nesse momento que o sofrimento de separação de seu(sua) filho(a) acontece. Desta forma, fala-se de um sofrimento materno que está relacionado à separação da díade, um fenômeno ligado ao rompimento abrupto de uma relação biologicamente e afetivamente construída para que seja intensa e interdependente por um duradouro tempo (Cyrulnik, 2007; Oliveira et al., 2011).

Os traços afetivos da relação íntima construídos nos primeiros meses revelam o apego da díade. A separação, neste momento em que o bebê ainda está tão pequeno, traz sofrimento, pois a mãe entende que seu(sua) filho(a) ainda precisa dela, e ela está emocionalmente vinculada a(à) ele(a). Ambos não estão preparados para essa separação (Beltrame & Donelli, 2012; Emmanuel & John, 2010) seja para o(a) bebê ficar com alguém da família ou ficar em uma creche, há sofrimento. No primeiro caso, a angústia pode até ser amenizada pela segurança de ser alguém familiar, mas, ainda assim, não é suficiente para a mãe ficar confortável. Redefinições sobre o papel materno na contemporaneidade vêm acontecendo nas últimas décadas, contudo, muitas mulheres ainda se veem em um dilema sobre seu desempenho na maternidade, principalmente quando está relacionado à volta ao trabalho. Algumas mães vivem o dilema de se sentirem falhas, prejudicando sua autoimagem e o desenvolvimento natural do vínculo da díade mãe-bebê.

Estudos com mães trabalhadoras (Oliveira et al., 2011) apontam o conflito entre os dois papéis. Grande parte das mulheres considera a dificuldade em conciliar maternidade e trabalho com filhos(as) entre o nascimento e os dois anos de idade. Portanto, é natural que quanto mais tempo se dedicam à maternidade, menos probabilidade da mulher voltar ao trabalho, muitas abandonam por não se adequarem mais ao mercado. Outro fator é que as mães tendem a abandonar a carreira por causa dos(as) filhos(as), pois a ascensão profissional está relacionada com a abnegação a outros projetos. Por essas características, muitas adiam a maternidade para investir primeiro na carreira (Beltrame & Donelli, 2012). Para essas mulheres, o sucesso no trabalho está relacionado a não ter filhos(as), sendo uma realidade no contexto urbano brasileiro (Fernandes et al., 2019). Esses dados mostram a dificuldade que elas têm em ocupar esses dois espaços, tendo, muitas vezes, que ser um ou outro. Experiência que o homem não vive, pois a cultura, predominantemente, impõe à paternidade obrigações fora de casa, como o provedor da família (Oliveira & Marques, 2020).

Deste modo, estudos indicam a necessidade de políticas que amenizem o conflito e estabeleçam mais equilíbrio para que as mães possam desempenhar melhor esses papéis. A licença-maternidade tem cumprido uma parte notável como medida para garantir a díade mãe-bebê e a tranquilidade da mãe para cuidar e dar suporte ao seu(sua) filho(a). No entanto, ainda se revela insuficiente, pois a relação entre mãe e seu bebê, de seis meses ou menos, ainda se mostra biologicamente interdependente, por meio de uma interação que se inicia ainda no útero (Cyrulnik, 2007).

Fato é que para muitas mães que trabalham fora, em suas mentes pairam dois pensamentos que causam sofrimento: no trabalho pensam nas crianças que deixam em casa;

em casa pensam no trabalho que ficou inacabado (Oliveira et al., 2011). Cabe uma discussão sobre políticas com efeitos que propiciem maior tempo da mãe com o filho (Beltrame & Donelli, 2012).

3.3.2 Quando o sofrimento materno surge pela crença na perda do vínculo com o bebê

Ainda no aspecto evolucionário da maternidade, é importante destacar traços íntimos que estão relacionados na díade mãe-bebê. Na natureza, a fêmea mamífera tem maior investimento com a prole. A gestação e a amamentação condicionam para que a mãe esteja mais próxima e mais dedicada (Cyrulnik, 2007). O cuidado primordial organiza o mundo mental da criança, por meio de experiências sensoriais (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004). O encontro do bebê com a mãe é sensitivo, o da mãe com o bebê é carregado de valores e de crenças culturais e de suas próprias experiências. É uma avalanche de transmissões, marcadas na memória como traços afetivos, percebido e interpretado pelo bebê e pela mãe. Trata-se de uma conexão profunda, que se inicia ainda no ambiente intrauterino e vai se solidificando com a rotina que estabelece trocas cotidianas, sensorialmente percebidas por meio do leite quente materno, do cheiro, das trocas afetivas, dos sons, do formato do corpo da mãe e etc (Cyrulnik, 2007; Ribas & Seidl-de-Moura, 2004). Essa interação retrata uma força biológica, por meio de uma comunicação sensorial, canalizando uma relação de coexistência e de trocas de informações muito íntimas. As representações sensoriais construídas nessa relação inicial passam para a vida inteira, por meio de traços mnêmicos, que vão atuar na vida mental e emocional do bebê (Cyrulnik, 2007).

Essas experiências estão na base do vínculo mãe-bebê. A capacidade de memória do bebê permite que ele identifique seu lugar de aconchego e segurança, importantes para o desenvolvimento do apego. Um amadurecimento de experiências biológicas, emocionais e psicológicas que refina a relação da díade e dá à criança seu lugar de pertencimento, traço evolutivo presente na espécie humana (Vieira & Oliva, 2017). Essa é a conjuntura biossocial presente na experiência do bebê, sendo a mãe a grande protagonista. Essas informações atentam para a complexidade e a força que existe na relação inicial entre mãe e seu(sua) filho(a). Portanto, é compreensível constatar que muitas mães relatam um tipo de sofrimento, que está relacionado ao medo de perder o vínculo na separação da díade, quando ela volta ao trabalho. Medo de que seu(sua) filho(a) transfira o vínculo e o afeto para a outra pessoa.

É possível avaliar uma estimativa de que essas bases relacionais não se perdem, mesmo quando outra pessoa assume os cuidados com a criança (Cyrulnik, 2007). Os traços afetivos

presentes na memória sensorial e cognitiva estão na base inicial de formação e de construção psíquica e emocional do bebê. Mesmo com a separação, o sentimento de pertença e de continuidade está direcionado ao seu referencial primordial, no caso a mãe. Importante pensar que a função biológica do vínculo constrói uma relação de afeto tão intensa, que ergue um paradoxo: ao mesmo tempo em que garante que o vínculo e o afeto não se percam por breves separações entre mãe e filho(a), também é o que provoca sofrimento, pois a mãe se sente ameaçada por perder o vínculo tão pujante na experiência maternal, na volta ao trabalho.

Evolutivamente, mãe e criança constroem uma relação que garante uma conexão interdependente segura e eficaz. Isso autoriza que breves separações não afetem a relação, permitindo com que mães possam, aos poucos, assumir outros papéis na vida. Ou seja, ela pode trabalhar fora e a qualidade da relação permanecer, por meio dos traços afetivos construídos. Fato que pode ajudar com que a mãe entenda que ela não vai perder o amor de seu filho, proporcionando uma transição para o trabalho com menos sofrimento. Segura de que o vínculo está preservado, ela pode se permitir assumir outros papéis sem sofrimento, podendo buscar sua individualidade. No entanto, uma separação precoce e abrupta menospreza os traços evolucionários constituídos para permanecerem íntegros por mais tempo, considerando o tempo de amadurecimento necessário do bebê humano, que é mais longo em relação às outras espécies (Toni et al., 2004). É considerável pensar em meios para diminuir essa contraposição.

3.3.3 Problematizando as relações de trabalho na maternidade

O subtópico anterior tratou sobre a impecabilidade na construção vínculo mãe-bebê. Como já foi exposto, a volta da mãe ao trabalho interrompe a concordância relacional da díade, criando uma separação no vínculo, gerando sofrimento para ambos no primeiro momento, mas que é sustentada pelas bases afetivas e pelo apego estabelecidos (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004). Mas é importante destacar que o tipo de relação de trabalho que a mãe tem no seu emprego, pode influenciar também no modo como ela vai enfrentar esse momento de separação.

A evolução aponta para a predisposição humana para se sentir atraído por bebês, mesmo que não seja o genitor (Leitão & Castelo-Branco, 2012). A possibilidade de cuidados de bebês por pessoas que não sejam a mãe e o pai, garante a sobrevivência do infante. No cenário sociocultural ocidental atual, em que mulheres buscam voltar ao mercado de trabalho precocemente, pessoas da família ou pessoas especializadas contratadas assumem a função dos cuidados com os bebês ainda bem pequenos. Os comportamentos de cuidados e de interação

com eles ou elas não diferem muito em relação aos dos pais, pois são comportamentos que partem de uma mesma base biológica e de uma mesma cultura (Leitão & Castelo-Branco, 2012). No entanto, a maternidade institucionalizada, que coloca sobre a mãe a responsabilidade moral de ser a única capaz na criação dos filhos, atesta o papel da ‘boa mãe’: aquela que disponibiliza tempo integral para o bebê, muitas vezes, tendo que abrir mão de si, de suas necessidades e desejos. Mulheres que resistem a esse padrão, buscando o retorno ao mercado de trabalho, podem sofrer críticas. Essas dúvidas podem gerar inseguranças quanto ao desenvolvimento do vínculo com o seu(sua) bebê, trazendo sofrimento, uma vez que a mulher pode se questionar se está sendo uma boa mãe para o(a) seu(sua) filho(a).

Pesquisas com mães que retornam ao trabalho (Oliveira et al., 2011) apontam que ansiedade, alegria, insegurança e conflito são os principais sentimentos existentes na experiência da mulher. Isso aponta a ambiguidade que elas precisam lidar, na qual sentimento de alegria coexiste com sentimentos negativos. Indicam também como não é uma decisão normalizada dentro do contexto cultural e de relações. No entanto, essa ambiguidade faz pensar que a mulher quer executar outros papéis. O trabalho pode ser importante para ela resgatar sua individualidade, diante de uma relação que exige a anulação de si em prol de outro ser, e de assumir algo mais próximo de sua identidade (Oliveira et al., 2011).

Percebe-se a importância de encontrar caminhos para que maternidade e trabalho se conciliem, pois, como está sendo discutido, as mães desenvolvem muito bem a maternidade e o vínculo, e contam em manter essa função enquanto os(as) filhos(as) estão bem pequenos(nas). Contudo, muitas não abrem mão do seu trabalho ou precisam dele para o bem-estar da família. E as exigências de produtividade impactam a naturalidade da maternidade.

Uma revisão de literatura, sobre a relação maternidade e trabalho (Oliveira et al., 2011), mostrou pontos críticos na conciliação. Os resultados estão pontuados abaixo e sinaliza possibilidades para discussão de novos modos de trabalho de mães com bebês em idade com menos de dois anos:

- a) Maior flexibilidade no trabalho e apoio social tendem a amenizar os impactos sobre a volta ao trabalho;
- b) A manutenção do trabalho garante a individualidade da mãe;
- c) Trabalho em tempo integral tende a dificultar a conciliação da maternidade com menor flexibilidade de tempo;
- d) A ideia de buscar trabalho com regime parcial acaba sendo uma opção para muitas mães, mesmo que ela tenha uma perda financeira, mas têm mais controle sobre o tempo que vai passar com seu(sua) filho(a);

- e) Mães que trabalham em tempo integral tendem a colocar os(as) filhos(as) em instituições mais cedo, tendo um impacto negativo na família, pois o tempo com a família se torna menos prazeroso, por outro lado, quando elas têm flexibilidade são mais realizadas pessoalmente e apresentam melhores relações com os(as) filhos(as);
- f) Dados referentes ao cansaço e ao estresse associados a sobrecarga de trabalho materno resultam em menos interações positivas;
- g) A presença de satisfação da mãe em relação ao trabalho, mas que gera intensa culpa por ter menos tempo em casa. A atividade profissional traz satisfação, mas impede de cumprir as responsabilidades maternas da forma que gostaria, trazendo sofrimento;
- h) O apoio familiar é sempre importante, pois proporciona mais tranquilidade no trabalho.

Os resultados dessa revisão de literatura apresentam um panorama dos principais fatores de influência mútua entre maternidade e trabalho. Os resultados também dão alguns exemplos de possibilidade de minimização do sofrimento.

Um deles está relacionado a um arranjo familiar que auxilie a mãe, sendo um suporte psíquico, emocional e material para ela. Pontes et al. (2007) entendem que o contexto familiar tem uma atuação incessante na relação mãe-bebê, influenciando no desempenho e nas possíveis inseguranças maternas. A família precisa ser uma estrutura que se reorganize para priorizar a díade, sendo a relação afetiva do sistema familiar um importante elemento para um ambiente positivo e saudável, que ampara a mãe nos desafios da maternidade (Leme et al., 2015)

O outro resultado refere-se ao trabalho com mais flexibilidade de tempo ou com tempo parcial. Esse modelo de trabalho permite que as mães se sintam mais realizadas nos dois papéis. Neste caso, elas não rompem abruptamente o contato (vínculo) com o(a) bebê, podendo estar mais presente enquanto ele(ela) ainda é muito dependente, mas já pode em poucos meses ter um espaço para si, que também lhe dá prazer e realização. Muito do sofrimento materno está relacionado com o medo da perda do apego, da mãe perder a relação que foi construída desde a gestação. O modelo flexível atende ao desejo da mãe em estar mais perto do(a) filho(a) e manter a conexão íntima por mais tempo.

Importante ratificar que uma atividade laboral que permite a permanência do contato sem tantas variações, além de reduzir o sofrimento, favorece à mãe bem-estar também. Essa verificação está ligada aos níveis de ocitocina, hormônio que na gravidez e pós-parto auxilia no estabelecimento do vínculo e na diminuição da ansiedade (Feldman et al., 2007). Os estudos neurocientíficos desse neurotransmissor apontam que o toque mãe-bebê e o contato estimulam a produção de ocitocina, que, por sua vez, reforça os comportamentos de ligação, sensibilizando a mãe para o fortalecimento do vínculo. Um ciclo recíproco entre contato e

vínculo que permite a manutenção dos níveis de ocitocina. Importante para o bebê, pois garante sua mãe estável e permanente no apego, e para a mãe, pois a ocitocina é associada aos aspectos prazerosos do vínculo, na redução da ansiedade e na regulação do humor (Feldman et al., 2007). Logo, pressupõe-se que quanto mais tempo de contato a mãe tem com seu(sua) bebê, níveis de ocitocina continuam em produção, colaborando para seu bem-estar e estados mentais agradáveis. Esses achados são importantes elementos que reforçam a ideia de que, o trabalho flexível e adaptado às necessidades da maternidade, promove às mães bem-estar e segurança, consequentemente, podem exercer bem o seu trabalho.

Os pontos teóricos apresentados neste estudo visam lançar um olhar nas minúcias que sustentam as experiências da mãe profissional. As várias camadas que a Psicologia Evolucionista permite alcançar, que vão desde as funções biológicas evolutivas à esteira sociocultural que vai conduzindo modos de crenças e comportamentos, aproximam um olhar detalhado para compreender e acessar o fenômeno do conflito e do sofrimento que a mãe que trabalha fora vive. A partir do arcabouço teórico construído, o estudo se lança sobre os dados de campo, ou seja, para os relatos (autopercepção) das mães na construção do vínculo e na realidade de volta ao trabalho. Considerando o momento atual de pandemia, em que a volta ao trabalho ganha novos arranjos (*home office*), este é mais um dado relevante para analisar a autopercepção da mãe no vínculo afetivo com seu(sua) bebê na volta ao trabalho.

4 OBJETIVO

Investigar a autopercepção de mães profissionais na construção do vínculo com seu(sua) filho(a), considerando a separação da díade, na volta das mães ao mercado de trabalho.

Objetivos específicos:

- (1) analisar a autopercepção da mãe sobre sua maternidade (cuidados práticos e vínculo mãe-bebê) e sobre o suporte familiar que recebe no puerpério;
- (2) investigar a relação entre sofrimento materno e volta ao trabalho, buscando observar como essa relação interfere na autopercepção da mãe em relação ao vínculo com o bebê;
- (3) investigar a autopercepção da mãe em relação ao vínculo com o bebê no retorno ao trabalho de modo remoto, devido ao contexto de pandemia.

5 MÉTODO

Para executar a pesquisa, o estudo de campo propôs realizar uma investigação qualitativa (entrevista semiestruturada); e uma investigação quantitativa (aplicação de três escalas). Ambas as coletas programadas para serem executadas entre 30 e 45 dias após o nascimento do(a) bebê; e repetidas duas semanas após a mãe voltar ao trabalho. Esses dois momentos foram escolhidos por serem considerados, o primeiro, de construção inicial do vínculo mãe-bebê e, o segundo, da experiência quanto ao rompimento da relação da díade. Compreendem-se, dessa forma, dois momentos críticos na maternidade de mães em licença no trabalho: de construção e rompimento do vínculo, com o final da licença-maternidade. O segundo momento da entrevista, mais crítico, propôs avaliar a relação que a mãe faz entre maternidade e trabalho, no que se refere às suas expectativas quanto à separação, e como essa experiência poderia interferir no vínculo com seu(sua) bebê.

A investigação principal dos dados qualitativos buscou como foco a compreensão de dois fenômenos: (1) características da construção do vínculo mãe-bebê; e (2) as expectativas quanto à separação da díade mãe-bebê na volta ao trabalho. Ou seja, qual a autopercepção da mãe sobre o vínculo com seu(sua) bebê na construção e na separação da díade por causa do trabalho. A investigação dos dados quantitativos teve dois focos também: (1) comparar os dados de cada mãe, entre o primeiro e o segundo momentos de aplicação das escalas; (2) e verificar as correlações dos dados das escalas, considerando os dois momentos. Em outras palavras, a investigação quantitativa buscou comparar os escores das escalas no puerpério e na volta ao trabalho, para compreender os aspectos subjetivos da mãe, positivos e negativos, entre esses dois momentos; e verificar a correlação entre os aspectos investigados em cada escala para compreender como o bem-estar subjetivo e o apoio social influenciam positivamente ou negativamente na maternidade, considerando os momentos de construção do vínculo e de volta ao trabalho.

É preciso registrar que a pandemia mudou três aspectos importantes deste trabalho, que implicou em uma adaptação metodológica e de investigação do objetivo do estudo:

1 - Perfil da amostra: a princípio, a proposta era entrevistar 25 mães durante e após a licença-maternidade, com bebês nascidos entre 30 a 45 dias. Para deixar a amostra heterogênea, o recrutamento para participação seria feito em postos de saúde (unidade pré-natal) e por meio de redes sociais (Instagram e Facebook). O período destinado para recrutamento e entrevistas foi programado para ocorrer entre fevereiro e maio de 2020. No entanto, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia do novo coronavírus. Com a

quarentena implementada por vários meses, a pesquisadora não teve acesso às unidades de saúde, limitando o contato para recrutamento por meio de grupos de Whatsapp e redes sociais (Instagram e Facebook). Houve grande dificuldade no retorno dos contatos para participação, restringindo drasticamente o número de participantes, um total de 10 mães dentro do perfil solicitado. Por serem participantes oriundas de contatos pelo Instagram (páginas de Doulas) e pelos grupos de Whatsapp da pesquisadora, a amostra se configurou homogênea, em relação aos níveis econômico, educacional e profissional.

2 – Mudança no método de verificação do segundo objetivo específico na experiência central com todas as mães (Investigar a relação entre sofrimento materno e volta ao trabalho, buscando observar como essa relação interfere na autopercepção da mãe em relação ao vínculo com o bebê): esse objetivo tinha como foco acompanhar o momento de transição em que a mãe volta a trabalhar fora, buscando observar como separação interfere na sua autopercepção em relação ao vínculo com o(a) bebê. Diante do cenário pandêmico, a quarentena restringiu a circulação das pessoas. Desta forma, durante o processo de coleta de dados, muitas mães não voltaram ao trabalho fora de casa, mantendo suas atividades laborais em *home office*, ou saíam por poucas horas para trabalhar, no caso de profissionais liberais. Com isso, a ocorrência da mãe ‘saindo de casa’ por longas horas foi substituída por uma separação menos radical, em virtude do trabalho remoto. Contudo, o segundo objetivo específico foi mantido, para assegurar a observação da particularidade materna e profissional de cada participante.

3 - A partir das mudanças na volta ao trabalho, definiu-se o terceiro objetivo específico: Investigar a autopercepção da mãe em relação ao vínculo com o bebê no retorno ao trabalho de modo remoto, devido ao contexto de pandemia. Neste objetivo buscou-se observar os impactos do aspecto excepcional em que as mães profissionais entrevistadas estavam voltando ao trabalho, mas em casa, sem se afastar por longas horas do(a) filho(a), diferentemente do modelo tradicional de volta ao trabalho após a licença-maternidade. Uma mudança no retorno ao trabalho que modificou o planejamento pré-natal, no que se refere ao momento de rompimento do vínculo com o(a) filho(a), pois teve esse roteiro alterado por causa da pandemia.

Portanto, a partir de uma primeira análise dos dados (entrevistas e escalas) da amostra, caracterizada de *n* reduzido e homogêneo e com os novos modos de trabalho (*home office* e horas reduzidas fora de casa), foi possível acentuar a observação dos dois fenômenos dos objetivos específicos, presentes na fala das mães: o impacto do sofrimento materno relacionado à ameaça de separação; e o impacto na mudança no modo de trabalho, de mais tempo em casa, afetando positivamente a maternidade. Este aspecto não é um dado original na temática sobre

maternidade e trabalho, mas sinaliza o desempenho produtivo das mães em *home office* (modelo mais flexível), em virtude da quarentena na pandemia. Portanto, revelou-se importante explorar esse fenômeno nesse aspecto específico. Para aprofundar os dados originais deste estudo, referidos no segundo objetivo específico, e os novos dados circunstanciais, referidos no terceiro objetivo específico, optou-se em analisar e relacionar os fenômenos propostos por meio de dois estudos de caso:

Estudo de caso 1: após a análise qualitativa das entrevistas das 10 mães, decidiu-se destacar as narrativas específicas de duas participantes sobre maternidade, suporte familiar, trabalho e vínculo maternal. Esse estudo de caso propôs relacionar a narrativa entre essas duas mães para comparar suas experiências (positivas/negativas) e suas autopercepções em relação ao vínculo com o(a) filho(a), contemplando os dados individuais distintos sobre sofrimento materno em relação ao tipo de trabalho exercem;

Estudo de caso 2: análise dos dados quantitativos (escalas) das 10 mães da amostra, comparando os escores de cada escala entre a primeira e a segunda aplicação. Verificando a autopercepção de cada mãe nos dois momentos distintos da maternidade: construção do vínculo e volta ao trabalho remoto ou por poucas horas fora de casa (circunstância excepcional de quarentena), analisando o impacto no vínculo sem um rompimento de separação radical entre mãe e bebê.

Nesta pesquisa, os estudos de caso têm um caráter descritivo e exploratório, que pretendem compreender em profundidade a autopercepção sobre o sofrimento materno, relacionando ao tipo de relação que as mães têm com seu trabalho, na volta às atividades laborais, alteradas em virtude da pandemia pelo novo coronavírus (Bell, 2003).

5.1 Participantes

A amostra é constituída por 10 mães que foram selecionadas dentro do critério inicial do estudo: mães profissionais, com bebês nascidos entre 30 e 45 dias, moradoras da cidade do Rio de Janeiro e/ou região metropolitana, que tiveram uma gravidez saudável e que estavam com prazo para voltar ao trabalho, dividindo-se nos papéis de mãe e de profissional.

Foram utilizados termo de consentimento (Apêndice I) e fichas de dados pessoais e sociodemográficos (Apêndice II), para consentimento de participação e para preenchimento das informações das participantes:

Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): elaborado pela pesquisadora para esclarecer as participantes sobre as normas éticas e as diretrizes da pesquisa, assim como, possíveis benefícios, riscos e procedimentos que serão realizados.

Dados pessoais: ficha contendo nome completo; data de nascimento da mãe; data de nascimento do(a) bebê; endereço; telefone; e-mail; e criação de um código de identificação.

Dados sociodemográficos: tempo de casamento ou união estável; nível educacional; ocupação/profissão; motivação para continuar trabalhando; quantas pessoas moram na residência; e renda familiar.

- Dados sociodemográficos das participantes

A tabela a seguir apresenta a média de idade, de profissões, de escolaridade e de renda familiar das entrevistadas.

Tabela 1 - Dados sociodemográficos

		N (%)
Idades	26 - 30	2 / (20%)
	31 - 35	3 / (30%)
	36 - 40	5 / (50%)
Escolaridade	Superior incompleto	1 / (10%)
	Superior completo	3 / (30%)
	Pós-graduação	6 / (60%)
Profissões	Psicóloga	5 / (50%)
	Servidora Pública	2 / (20%)
	Serviço Adm Financeiro	1 / (10%)
Renda familiar(R\$)	Médica	1 / (10%)
	Locutora	1 / (10%)
	03 a 05 mil	3 / (30%)
	10 a 15 mil	4 / (40%)
	20 a 30 mil	3 / (30%)

Na idade, metade das mães tem entre 36 e 40 anos, revelando uma característica comum de mulheres que investem na educação e na profissão, adiando a maternidade em virtude da carreira (Beltrame & Donelli, 2012). Esse fato é verificado na escolaridade, em que seis delas têm pós-graduação e apenas uma delas tem nível superior incompleto. Nas profissões, cinco são psicólogas, uma é médica e uma é locutora, profissões liberais que oferecem flexibilidade em relação aos dias e aos horários de trabalho. Duas delas são servidoras públicas, empregos que oferecem mais flexibilidade às funcionárias que estão com bebês com até um ano de idade. Apenas uma mãe entrevistada tem emprego em tempo integral, trabalha na função de administração financeira em uma organização não-governamental, e que se mostrou como um ponto diferencial no objeto de investigação sofrimento materno. A renda familiar prevaleceu

entre 10 e 30 mil reais, refletindo um grupo majoritário de entrevistadas da classe A e B do Rio de Janeiro.

Das 10 mães, seis são primíparas e quatro são mães do segundo bebê. Este dado não trouxe relevância significativa nas análises. Todas são casadas e moram com os pais dos(as) filhos(as), este dado foi relevante nas análises sobre suporte familiar apresentadas no capítulo seis.

5.2 Instrumentos

Para a coleta dos dados qualitativos e quantitativos, foram utilizados dois tipos de instrumentos: (1) entrevista semiestruturada e (2) escalas.

5.2.1 Instrumento 1

Para a coleta dos dados qualitativos, optou-se pela entrevista semiestruturada, com perguntas pré-definidas, mas com liberdade para aprofundar o discurso das entrevistadas. O roteiro para a entrevista foi elaborado com base na leitura teórica sobre os temas e no objeto de investigação do estudo, e com o objetivo de provocar a narrativa das entrevistadas sobre o fenômeno da maternidade, do trabalho, do apoio familiar e do vínculo mãe-bebê na volta ao trabalho. Por meio da fala das entrevistadas, teve-se acesso aos múltiplos significados, pessoais e sociais, que surgiram sobre os temas investigados.

Entrevista semiestruturada: as perguntas foram pensadas com o objetivo de coletar a experiência da maternidade, da construção do vínculo com seu bebê, do suporte familiar, da percepção da mãe quanto ao seu desempenho no papel materno (crenças e valores) e das expectativas quanto ao retorno ao trabalho. Abaixo o roteiro da entrevista, dividido em três temas de investigação.

Sobre a maternidade:

- Como foi sua gravidez?
- Como é a rotina com o bebê?
- Está encontrando alguma dificuldade? Como está lidando com elas?
- Quanto tempo você fica com seu bebê? (cuidados práticos)
- O que você faz assim que ouve o bebê chorar? Ou mostrar-se inquieto?

A primeira parte da entrevista tem o objetivo de verificar a rotina da díade mãe-bebê. Observar a maternidade nos seus cuidados práticos, dificuldades e nível de sensibilidade materna.

Sobre o suporte familiar:

- Alguém ajuda nos cuidados?
- Como o pai ajuda nos cuidados?
- Essas pessoas conseguem te ajudar na rotina? Quanto tempo?

Nessa segunda parte, a intenção é verificar como está sendo o suporte que a mãe recebe da família e se está sendo suficiente.

Sobre a autopercepção quanto ao desempenho materno e volta ao trabalho:

- Quando você volta ao trabalho? Já pensou como será?
- (Quando voltou ao trabalho? Como foi? – pergunta para substituir a anterior na segunda entrevista)
- O que é ser mãe?
- O que é ser boa mãe?
- A realidade sobre a maternidade se mostra próxima ao que você tinha de expectativa?
- Você acha que será uma mãe semelhante ou diferente da forma que sua mãe foi? Por quê?
- Você acha que faz o suficiente para seu(sua) filho(a)?
- Você acha que será uma boa mãe ou uma má mãe? Por quê?
- Você acha que sua família dá o suporte suficiente para você?
- Você acha que vai conseguir dar o mesmo suporte quando voltar ao trabalho? Justifique
- Você acha que sua família vai conseguir dar o mesmo suporte quando voltar ao trabalho? Justifique
- Quais são suas expectativas no desenvolvimento do vínculo com seu(sua) filho(a)?

Na última parte, a intenção é coletar os dados principais da pesquisa, em relação ao vínculo da mãe com seu bebê e qual relação ela faz entre maternidade e trabalho.

- Procedimento para coleta de dados

Inicialmente, o presente projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil, sendo apreciado como aprovado, com número CAAE 16541119.4.0000.5282.

Foi utilizada amostra de conveniência. Por divulgação em redes sociais e em grupos de Whatsapp, foi apresentada a pesquisa e o convite para mães que atendiam ao perfil: bebês nascidos entre 30 e 45 dias e que estavam com prazo para voltar ao trabalho. Com as mães que aceitaram o convite, a pesquisadora entrou em contato por telefone para agendar dia e horário para a entrevista e entrega das escalas. Todas as entrevistas foram feitas por ligação telefônica, condição possível por conta da quarentena na pandemia. No dia marcado, a pesquisadora entrava em contato horas antes para confirmar ou remarcar. Caso não houvesse imprevistos com a mãe, o contato era feito na hora marcada para realização da entrevista. Inicialmente, a pesquisadora fazia os esclarecimentos necessários sobre o estudo, assim como, apresentava o termo de consentimento e as fichas sociodemográficas para serem enviadas por e-mail para a participante preencher e retornar. Após esses processos, de acordo com a participante, a entrevista era iniciada, deixando a mãe à vontade para responder. A entrevista era gravada em áudio e posteriormente transcrita (Gibbs, 2009).

As entrevistas foram realizadas em dois momentos: (1) primeiro mês do bebê (30 a 45 dias), momento em que a mãe estava se adaptando à nova rotina, construindo o vínculo e a relação de apego com o(a) seu(sua) filho(a); (2) duas semanas após voltar ao trabalho, momento em que a mãe estabeleceu sua rotina e o vínculo com o bebê, porém, já tinha voltado às funções laborais (*home office* ou poucas horas de trabalho fora de casa), interrompendo a rotina de contato mais integral com o(a) bebê e se adaptando ao novo modo de trabalho. Neste segundo momento, foi aplicado apenas o terceiro tema da entrevista - sobre a autopercepção quanto ao desempenho materno e volta ao trabalho - pois são perguntas pertinentes ao momento do principal objetivo do estudo (vínculo mãe-bebê e volta ao trabalho).

- Procedimento para análise de dados

Após a realização dos dois momentos das entrevistas com as 10 mães participantes, iniciou-se o processo de transcrição integral. As transcrições foram lidas, uma primeira vez, de forma fluida (leitura flutuante), e foi feita uma síntese das impressões gerais sobre cada entrevista (Bardin, 2008). Foram lidas novamente, de forma mais detalhada e concentrada, com o objetivo de destacar as falas significativas para o estudo e as falas compreendidas como relevantes para a entrevistada. Neste processo, também foram anotadas, junto às falas, palavras-chave que representavam possíveis categorias. Desse modo, as palavras-chave se constituíram em pré-categorias (Bardin, 2008; Gibbs, 2009).

Posteriormente, escolhidas as categorias, verificou-se que algumas eram conceituais e outras descritivas. As primeiras foram definidas a partir da fundamentação teórica, em discussão com a literatura utilizada. As categorias descritivas não dispunham de uma definição

teórica, mas foram verificadas no discurso das mães. As entrevistadas foram identificadas pelas letras M (mãe), seguido por um número de um a 10, conforme a sequência das entrevistas.

Após esse processo de análise, considerando o momento pandêmico que interferiu na coleta de dados, em relação ao fato de que muitas voltaram ao trabalho em *home office* ou saíram para o trabalho por poucas horas, optou-se em dividir os resultados em dois estudos de caso. Durante a análise, observou-se que das 10 mães, somente uma apresentava vínculo empregatício em tempo integral: M6. As outras nove ou são profissionais liberais - têm mais controle do tempo diário de trabalho (M2; M3; M5; M7; M8; M9; M10;) - ou são servidoras públicas - têm flexibilidade na carga horária, após a volta ao trabalho (M1; M4).

Portanto, no primeiro estudo de caso buscou-se relacionar duas mães com vínculos empregatícios diferentes, uma que trabalha em tempo integral (M6) e outra profissional liberal ou servidora, profissões com flexibilidade. Decidiu-se fazer um sorteio para a escolha, buscando um critério de afinidade com M6, no caso, mãe primípara (M2; M3; M4; M9; M10). Por sorteio, M3 foi incluída no Estudo de caso 1.

Com as categorias definidas, foram elaboradas tabelas, divididas em quatro eixos temáticos: Maternidade, Apoio familiar, Trabalho e Vínculo materno. A seguir, estão as demonstrações, em formas de tabelas, com os quatro Eixos Temáticos e as respectivas Categorias:

Tabela 2 - Eixos e categorias

Eixos Temáticos	Categorias	Subcategorias
Maternidade	Sensibilidade maternal	
	Dificuldades/soluções	
	Crenças	
Apoio familiar	Suporte marido	
	Suporte família	
Trabalho	Individualidade	
	Flexibilidade/não-flexibilidade	
Vínculo materno	Vínculo mãe-bebê	
	Suporte ao(à) filho(a) na volta ao trabalho	
	Sofrimento materno	Sofrimento natural Sofrimento perda do vínculo

- Saturação das entrevistas

O passo seguinte foi averiguar, por saturação teórica, se as 10 entrevistas realizadas eram suficientes para obter as informações necessárias para o estudo. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa e de uma amostra pequena, a saturação teórica é uma ferramenta importante para averiguar a satisfação dos dados, ou seja, a constatação de que as entrevistas realizadas fornecem elementos suficientes, relacionados aos temas propostos para investigação do estudo (Fontanella et al., 2008; Fontanella et al., 2011). Foi constatada a saturação geral na primeira entrevista, esta apresentou 10 das 11 categorias presentes nas narrativas. Apenas na sexta entrevista surgiu um novo elemento relevante, descaracterizando o modelo mais homogêneo das primeiras entrevistas e das posteriores a ela. Percebeu-se o aspecto peculiar desta nova categoria na correlação com as outras, o que levou ao Estudo de caso 1.

Portanto, por saturação, verificou-se que a amostra de 10 mães era suficiente para a investigação. A saturação das entrevistas foi averiguada por meio de uma tabela. As linhas horizontais demonstram as categorias e no topo da tabela estão as representações das entrevistadas. Foram averiguadas, em cada entrevistada, quais categorias estavam presentes em suas falas. Isso fica demonstrado com um ‘x’ no encontro entre a coluna que corresponde à entrevistada e a linha referente à categoria. Quando a categoria surgia pela primeira vez, pela ordem das entrevistas, foi marcado um ‘X’ em destaque, sinalizando que um novo tema surgiu nas falas das entrevistadas. Desta forma, verificou-se que na primeira entrevista surgiram os dados (categorias) que foram sendo narrados também ao longo das outras entrevistas, surgindo o novo dado na sexta entrevista, e não surgindo novos dados nas quatro entrevistas seguintes. Por meio deste método, verificamos também, a recorrência das categorias, na fala de cada entrevistada. A seguir a tabela com a saturação teórica e recorrência das categorias em cada entrevista. Para melhor visualização, está apresentada na página seguinte:

Tabela 3 – Saturação teórica das entrevistas e recorrência das categorias

Categorias	Entrevistadas										Recorrências
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8	M9	M10	
Sensibilidade maternal	X	x	x	x	x	x	X	x	x	X	10
Dificuldades/ Soluções	X	x	x	x	x	x	X	x	x	X	10
Crenças	X	x	x	x	x	x	X	x	x	X	10
Suporte marido	X	x	x	x	x	x	X	x	x	X	10
Suporte familiar	X	x	x	x	x	x	X		x	X	09
Individualidade	X	x	x	x	x		X		x		07
Flexibilidade no trabalho	X	x	x	x	x		X	x	x	X	09
Vínculo mãe-bebê	X	x	x	x	x	x	X	x	x	X	10

Tabela 3 – Saturação teórica das entrevistas e recorrência das categorias

Categorias	Entrevistadas										Recorrências
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8	M9	M10	
Suporte ao(à) filho(a) na volta ao trabalho	X	x	x	x	x		X	x	x	X	09
Sofrimento materno/sofrimento natural	X	x	x	x	x	x	X	x	x	X	10
Sofrimento materno/sofrimento perda do vínculo						X					01
Total de novos dados em cada entrevista	10	00	00	00	00	01	00	00	00	00	

Nota: X, novo tema; x, recorrência;

Para estas entrevistas, a saturação foi constatada na primeira entrevista.

Para definirmos a saturação das categorias (Fontanella et al., 2008; Fontanella et al., 2011), não há um percentual ou número definido que represente a saturação. Portanto, escolheu-se o percentual de 70%, como referencial para constatar a saturação das categorias, o que não significa que uma categoria não saturada não seja relevante. O cálculo dessa porcentagem, em relação as 10 entrevistas, indicou que a categoria precisava aparecer em sete entrevistas. Portanto, a saturação da categoria foi encontrada quando estava presente em sete ou mais entrevistas. Desta forma, obteve-se a saturação em 10 das 11 categorias. Abaixo, distribuídas por ordem decrescente:

- 10 entrevistas: sensibilidade materna; dificuldades/soluções; crenças; suporte marido; vínculo mãe-bebê; sofrimento materno/sofrimento natural.
- 09 entrevistas: suporte familiar; flexibilidade no trabalho; suporte ao(à) filho(a) na volta ao trabalho.
- 07 entrevistas: individualidade

Usou-se a diferença do percentual referencial acima (70%) que foi 30%, para separar as categorias que menos se apresentaram na amostra. O cálculo do percentual de 30% das 10 entrevistas foi de três. A categoria sem saturação que se apresentou dentro desta correspondência apareceu em três ou menos entrevistas. Apenas uma categoria não teve saturação:

- 01 entrevista: sofrimento materno/sofrimento perda do vínculo

Esta categoria (objetivo inicial de investigação da pesquisa) que surgiu apenas em uma entrevista, sinalizou a nova relação na experiência das mães com o trabalho remoto. Por causa da quarentena, as mães entendiam que ficariam mais tempo com seus(suas) bebês, mudando

sua autopercepção na relação entre maternidade e trabalho. Em outras palavras, elas percebiam que o trabalho não ia disputar demais o tempo que ainda precisavam investir com seus(suas) filhos(as) ainda tão pequenos, portanto, essas mães não relataram tanto sofrimento com as breves separações. A não-recorrência dessa categoria na maioria das entrevistas está diretamente ligada com o tipo de trabalho flexível, presente na categoria flexibilidade no trabalho. Essa verificação foi descrita e discutida no Estudo de caso 1.

5.2.2 Instrumento 2

Para a coleta dos dados quantitativos, foram aplicadas três escalas (uma criada pela pesquisadora e pela orientadora e duas validadas). A aplicação das escalas teve o objetivo de agregar mais informações aos dados obtidos por meio das entrevistas e porque abarcam elementos de investigação dos objetivos específicos de estudo desta pesquisa:

- (1) averiguar tempo e afeto investidos na maternidade (cuidados práticos e vínculo mãe-bebê) e sobre o suporte familiar que recebe no puerpério;
- (2) averiguar a autopercepção da mãe em relação ao seu bem-estar e ao vínculo com o(a) bebê na volta ao trabalho remoto.

A primeira escala, não validada, (1) De tempo e de autopercepção de afeto (ou envolvimento) investidos nos cuidados básicos, com o objetivo de quantificar a percepção da mãe quanto ao tempo e ao envolvimento/investimento na maternidade. As duas escalas validadas são (2) Bem-Estar Subjetivo e (3) Apoio social. A primeira com o objetivo de coletar dados sobre o nível de satisfação subjetivo e com a própria vida; a segunda com o objetivo de avaliar o suporte social que vem recebendo nos primeiros meses da maternidade.

1 - Escala de Tempo e de autopercepção do Afeto (ou envolvimento) investidos nos Cuidados Básicos (ETACB) - Esta escala foi construída pela pesquisadora e pela orientadora, dividida em cinco itens de práticas parentais em cuidados básicos com o(a) bebê (Keller, 2002; Mesman, 2015):

1. Amamentação;
2. Troca de fralda;
3. Banho;
4. Quanto tempo fico com ele(ela) no colo;
5. Tempo de contato (brincadeira, massagem, carinho, cantar);

Na escala, visando quantificar a percepção da mãe quanto ao tempo e ao envolvimento/investimento nos cuidados básicos com o(a) bebê, os itens estão apresentados com uma graduação de três níveis de “tempo” (horas e minutos) que a mãe passa para executar o cuidado; e de “afeto” que a mãe entende que está investida no cuidado (muito, médio e pouco). Os escores são calculados a partir da soma dos pontos obtidos, que variam de um a três. Tempo e afeto: máximo tem pontuação três; médio tem pontuação dois; e mínimo tem pontuação um (Apêndice III).

Essa escala, sem validação (pois não foram dedicados estudos mais consistentes de evidências de validade), apresentou bons índices de correlação entre os seus itens e os seus totais. Revelando uma evidência de consistência interna da escala, sendo um instrumento satisfatório para o objetivo da investigação. Os dados dessa constatação foram apresentados nos resultados do Estudo de caso 2.

2 - Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) – Esta é uma escala brasileira construída e validada por Albuquerque e Tróccoli (2004), com base na tradução e adaptação de questões já testadas e validadas em outros instrumentos e que contou também com a inclusão de novos itens. A Escala, ao final de sua construção e validação, ficou com 62 itens. Destes, três itens são da Escala de Bem-Estar Subjetivo (SWBS) de Lawrence e Liang (1988), três da Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) de Diener e colaboradores (1985) e quinze da Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS) de Watson e colaboradores (1988). Foram retirados, portanto, ao todo 21 itens de escalas já existentes. Os novos itens foram construídos a partir do uso de grupos focais com estudantes universitários de diferentes cursos da Universidade de Brasília.

Trata-se de um instrumento de autorrelato que se subdivide em três fatores:

1. Afeto positivo: composto de 21 itens, responde por 24,3% da variância e obteve como coeficiente de confiabilidade, o alpha de Cronbach no valor de 0,95.
2. Afeto negativo: composto por 26 itens, responde por 24,9% da variância e obteve 0,95 em seu alpha de Cronbach.
3. Satisfação com a vida *versus* insatisfação com a vida: composto de 15 itens, responde por 21,9% da variância e teve 0,90 como alpha de Cronbach.

Os três fatores juntos explicam 44,1% da variância total do constructo. A escala encontrou ainda uma correlação satisfatória entre os fatores (I e II - $r = 0,36$, I e III - $r = 0,53$, II e III - $r = 0,47$), o que permite a inferência de um fator geral, denominado pelas autoras como

BES – Bem-Estar Subjetivo. Este último corresponde o total dos 62 itens da escala, respondeu por 32,9% da variância e obteve como seu índice de fidedignidade 0,86 como alpha de Cronbach (Albuquerque & Tróccoli, 2004).

A escala se divide em duas subescalas. A primeira, com 54 itens que avaliam os afetos positivos e negativos e a segunda com 15 itens que avaliam a satisfação com a vida. Na primeira subescala, pede-se que o indivíduo marque em uma escala *likert* de cinco pontos, variando de "nenhum pouco" a "extremamente", sentimentos e emoções que julgue expressar como tem se sentido ultimamente. Na segunda subescala, afere-se também em uma escala *likert* de cinco pontos, variando de "discordo plenamente" a "concordo plenamente", frases em que se identifica e busca retratar opiniões sobre a própria vida (Albuquerque & Tróccoli, 2004) (Anexo I).

3 - Escala de Apoio Social (EAS) – Esta escala foi produzida para o Medical Outcomes Study (MOS) (Sherbourne & Stewart, 1991) nos Estados Unidos e posteriormente foi traduzida e adaptada para a população brasileira por Griep et al. (2005). Segundo os autores, a escala americana original possuía cinco dimensões de apoio social a serem analisadas: material (com quatro questões), afetiva (três perguntas), interação social positiva (quatro questões), emocional (quatro perguntas) e informação (quatro questões). Após a análise fatorial e sua validade de constructo, foi possível discriminar apenas três dimensões:

1. Apoio material (5,67% da variância explicada, 0,83 de alpha de Cronbach);
2. Interação social positiva/apoio afetivo (59,05% da variância explicada, 0,92 de alpha de Cronbach); e
3. Apoio emocional/de informação (7,44% da variância, 0,94 de alpha de Cronbach), perfazendo um total de 72% da variância encontrada no conjunto dos três fatores. Outra pesquisa que utilizou esta mesma escala já traduzida e adaptada por Griep et al. (2005) e que também testou seu índice de confiabilidade foi Silva (2008), na qual obteve também três dimensões e como alpha de Cronbach 0,93.

A escala possui 19 itens. As questões se dividem assim nas seguintes dimensões:

1- Material:

- ... que o ajude, se ficar de cama?
- ... para levá-lo ao médico?
- ... para ajudá-lo nas tarefas diárias, se ficar doente?

... para preparar suas refeições, se você não puder prepará-las?

2- Interação social positiva/apoio afetivo:

... com quem fazer coisas agradáveis?

... com quem distrair a cabeça?

... com quem relaxar?

... para se divertir junto?

... que demonstre amor e afeto por você?

... que lhe dê um abraço?

... que você ame e que faça você se sentir querido?

3- Apoio emocional/ de informação:

... para ouvi-lo, quando você precisar falar?

... em quem confiar ou para falar de você ou sobre seus problemas?

... para compartilhar suas preocupações e medos mais íntimos?

... que compreenda seus problemas?

... para dar bons conselhos em situações de crise?

... para dar informação que o ajude a compreender uma determinada situação?

... para dar sugestões de como lidar com um problema pessoal?

... de quem você realmente quer conselhos?

Os escores são calculados a partir da soma dos pontos obtidos. Em todas as perguntas, há cinco opções de resposta que variam de um a cinco, sendo um ponto para a alternativa “nunca”, dois pontos para “raramente”, três pontos para “às vezes”, quatro pontos para “quase sempre” e cinco pontos para “sempre” (Griep et al., 2005) (Anexo II).

- Procedimento para coleta de dados

No mesmo encontro, após a realização da entrevista, as escalas eram encaminhadas às participantes, por e-mail. A aplicação das escalas foi realizada também em dois momentos: (1) primeiros 30 a 45 dias do bebê, momento em que a mãe está se adaptando à nova rotina e formando a relação de apego e de vínculo com o seu(sua) filho(a); (2) duas semanas após voltar ao trabalho, momento em que a mãe estabeleceu sua rotina com o(a) bebê e o vínculo foi estabelecido, mas estava trabalhando em *home office* ou se ausentando de casa por poucas horas, interrompendo o vínculo integral. As participantes devolviam por e-mail as escalas preenchidas poucos dias depois.

- Procedimento para análise de dados

Os escores das escalas nesses dois momentos (construção e rompimento) foram comparados e correlacionados. Por se tratar de uma amostra pequena, de análise de variáveis

qualitativas ordinárias, ou seja, que possuem atributos de ordem crescente, portanto, não-paramétricos, utilizou-se as análises estatísticas: Wilcoxon e Spearman.

No teste de Wilcoxon buscou-se comparar as primeiras respostas com as segundas de cada escala, com o objetivo de averiguar as semelhanças ou as diferenças dos escores entre o momento inicial da maternidade e o momento em que a mãe retornava às atividades laborais. Essa comparação examinou se houve ou não houve aumento/melhora na autopercepção da mãe nos fatores investigados nas escalas, entre os dois momentos. Ou seja, averiguar qual a autopercepção subjetiva e familiar da mãe nos cuidados iniciais do(a) bebê e como esses mesmos agentes se deram no retorno ao trabalho. Comparar esses dados permitiu também acompanhar a autopercepção materna entre o puerpério e a volta ao trabalho no contexto específico de pandemia (remoto ou não-remoto).

Já no teste de Spearman buscou-se averiguar a correlação entre as variáveis das três escalas simultaneamente, com o objetivo de investigar as associações entre as variáveis pertinentes ao estudo. Nessa análise não foi feita uma distinção entre o primeiro e o segundo momento, a correlação considerou as escalas dos dois momentos de testagem. Nesta análise foi avaliado se os fatores sobre tempo/afeto investidos nos cuidados com o(a) bebê, bem-estar subjetivo e apoio social estavam determinando influências entre si, importante para indicar quais fatores sustentam positivamente ou negativamente os aspectos investigados.

Após esses processos, analisaram-se os resultados estatisticamente significativos que foram apresentados no capítulo seis. Com os resultados, aprofundou-se com a discussão do Estudo de caso 2.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 Estudo de caso 1

Nos resultados, optou-se em apresentar uma síntese das entrevistas, em seus dois momentos, para dar um panorama mais completo das mães M6 (mãe em *home office*, mas com trabalho em tempo integral) e M3 (mãe profissional liberal, com flexibilidade de trabalho). Em seguida, apresentam-se os eixos e as respectivas categorias, ambos definidos nas análises das entrevistas, em seguida apresentam-se as falas das entrevistadas, correspondentes às categorias.

6.1.1 Síntese das entrevistas de M6 e M3

Primeira entrevista M6 (Profissão: administradora financeira)

M6 teve uma gravidez não planejada, mas foi tranquila. O bebê teve duas internações e a rotina ainda está confusa. Ela diz que tem medo de estar deixando a desejar, de não saber estar cuidando direito. Acha que isso é natural, por ser o primeiro filho. O bebê é tranquilo na rotina, afirma que dá livre demanda de peito e sente que ele está apegado. Afirma que o bebê não fica muito no colo do marido. O bebê tem consumido bastante o tempo dela.

Afirma que a maior dificuldade é saber se está cuidando direito, acrescenta que isso pode ser por causa das internações (o bebê ficou internado duas vezes por problema respiratório). Por causa da covid-19 não está tendo ajuda, por isso está fazendo o que acha certo. Fala de dificuldades no sono. O bebê acorda muito.

Afirma que está tentando lidar da melhor forma, mas declara que está assustada. Procura não expor o filho para não correr o risco de adoecer. Com isso está muito “neurótica”, percebe que está fragilizada e muito tensa. Afirma que não está curtindo o bebê.

Relata que dificilmente ele fica na cama, fica o tempo todo no colo. Sobre as expectativas sobre a maternidade, relata que nunca teve o sonho de ser mãe, mas sabia que o marido queria ser pai. Protelou porque sabia que o dia que fosse mãe “seria uma mãezona”, dedicação total. Relata que vai ser difícil a volta ao trabalho, por perceber que o bebê está muito apegado, afirma: eu sei que ele vai sofrer e isso já está me fazendo sofrer por antecipação. Acredita que daqui para frente vai ser assim, preocupada com ele.

Teve a ajuda da mãe no início, era suficiente. Volta ao trabalho daqui dois meses. Trabalha em tempo integral. Com a covid-19, ainda não sabe como vai ser a volta, se o filho

vai ficar com a mãe dela ou na creche. Está perto, mas ainda não resolveu. Já pensou que o ideal era ficar com a mãe, mas não quer dar essa responsabilidade para ela, não acha justo.

Ser mãe é dedicação total, se anular completamente por outra pessoa. Conta a situação em que o filho passou mal e ela esqueceu que estava operada. A vida dele se torna mais importante. Ser uma boa mãe é abrir mão dos seus planos, sonhos de tudo que tinha planejado, anula-se pelo bem-estar desse novo ser.

Já imaginava que a maternidade seria assim, sabia que seria 100% mãe, seria mãe em tempo integral e é isso que está acontecendo. Está próximo do que imaginava. Acha que vai ser parecida com a mãe no cuidado integral, mas diferentemente na proteção excessiva, vai deixar ele um pouco livre.

Está sempre se questionando se está fazendo o certo, mas acha que não está sendo relapsa, porque se doa em tempo integral. Se o cuidado que está dando está sendo correto, acredita que está fazendo o suficiente, está fazendo tudo o que pode, o seu melhor.

Acha que será uma boa mãe, por conta da dedicação total. Apesar de não poder estar próxima da família, eles procuram dar suporte - a mãe liga todos os dias, duas vezes -. O marido leva as roupas do bebê para a mãe lavar. Afirmar que a família está sofrendo por não participar, mas se sente amparada por eles.

Tem certeza que não vai dar o mesmo suporte quando voltar ao trabalho, esta é sua grande preocupação. Relata que o seu sonho era poder ter seu próprio negócio, para administrar o tempo e ficar com ele. Diz que precisa voltar a trabalhar e diz que vai ser sofrido para ela e para ele, ambos estão dependentes, não consegue imaginar o dia todo sem ele. A mãe dela está totalmente disponível para ficar com o bebê, quando voltar ao trabalho, e pede para não colocar o bebê na creche, porque é muito pequeno.

Já se sente totalmente dependente da presença do filho. Diz que é um amor que não sabe explicar. Acha que a fragilidade e a dependência reforçam o vínculo com ele. Acha que ele demonstra dependência só com ela, nem com o pai é assim. Afirmar que é um vínculo eterno.

Mas tem medo do vínculo ser quebrado quando voltar ao trabalho. Acredita que o afeto está ligado ao convívio. Relata que sai de casa muito cedo e volta muito tarde do trabalho. Ela se pergunta se ele vai amá-la o tanto que a amaria se tivesse o tempo todo com ela. Tem preocupação de ele criar um vínculo maior com a pessoa que estará cuidando dele.

Segunda entrevista M6 (cinco meses depois da primeira)

M6 afirma que antes da pandemia ia deixar o filho com a mãe. Com todas as incertezas, não sabe como vai ser quando voltar, pois pode ser repentinamente, e a mãe precisa se resguardar com a covid-19.

No momento está em *home office*. O marido está em casa e divide os cuidados com o bebê, mas fala que está sendo difícil. Relata que tinha planos de não voltar ao trabalho, mas com a pandemia tudo deu errado. O marido não pôde se estruturar, logo, ela terá que voltar ao trabalho. Relata que está bem mexida com isso, pois terá que passar o dia inteiro fora. Sente a ideia da separação, afirma que estão juntos sempre. Acha que o filho vai sofrer, mas acredita que vai sofrer mais ainda.

Relata que por causa da pandemia, o bebê não tem contato com outras pessoas, não há uma transição com outras pessoas. Pensa nessa situação em que, repentinamente, terá que se separar. Diz que está muito angustiada, chega a perder o sono, pensa no sofrimento do filho.

Diz que ser mãe é uma entrega total, se anular totalmente. Dedicção total, ser boa mãe é se dedicar e fazer o melhor. Construir uma pessoa de caráter.

Diz que a realidade da maternidade está se mostrando como nas suas expectativas, sabia que seria essa dedicação total. Acha que será uma boa mãe, acredita que a família estaria dando mais suporte se não fosse a pandemia. Estaria mais tranquila se a mãe estivesse perto.

Entende que não vai dar o mesmo suporte quando voltar para o trabalho. Acha que ele já sente quando começou o *home office*. Tem receio de ele transferir o amor dele para outra pessoa, diz que procura ter a maior relação de afeto para ele não se esquecer dela, pois acha que a separação do trabalho compromete o vínculo.

Primeira entrevista M3 (Profissão: psicóloga)

M3 afirma que a gravidez foi tranquila. Foi ativa durante nove meses. Trabalhou até dois dias antes da bebê nascer. Teve um suporte com rodas de conversa com mulheres.

A rotina com a bebê é tranquila. O marido fica com os cuidados com ela quando chega do trabalho. Há uma troca de afeto que a mãe faz questão de relatar.

Relata que teve dificuldade na primeira semana do puerpério com a amamentação, o bico começou a sangrar. Relata que teve medo de não conseguir amamentar. Começou a ter crise de ansiedade nos horários em que a bebê ia mamar com mais força. Não queria parar de amamentar, chamou uma consultora de amamentação, o peito cicatrizou e ficou tudo bem em poucos dias.

Afirma que quando a filha chora, pega logo no colo. Entende que o apego seguro é essencial para o bom desenvolvimento da filha.

Sobre a expectativa com a maternidade, afirma que não se pode colocar expectativa, porque tudo o que se projeta com a maternidade pode ser frustrado, por isso, tem em mente que tem que ser leve, as coisas sendo construídas. Foi assim para o parto.

Relata que o marido faz tudo nos cuidados com a filha. A mãe dá suporte fundamental na casa. Mas no primeiro mês o casal ficou sozinho, para ter mais liberdade.

Na volta ao trabalho, vai trabalhar um dia na semana. Terá flexibilidade no trabalho. Vai contar com a ajuda da mãe e da sogra para ficar com a filha. Quer continuar amamentando, já vem fazendo uma estratégia de deixar a filha com o marido, para ir se afastando um pouco e não sentir tanto quando voltar ao trabalho, mas sabe que vai ser difícil.

Sobre ser mãe, ainda não consegue explicar. Mas entende que é dar vida para outra pessoa, muita responsabilidade. É dar a vida pela vida dela, tudo muito intenso. Sobre ser uma boa mãe, acredita que é estar presente, é a filha poder confiar e ter liberdade e dar limites quando necessário.

Acredita que será completamente diferente da sua mãe. Quer ter afeto e não bater, como foi com sua mãe, gerações diferentes. Quer que a filha tenha liberdade. Já diz à filha que a ama. Já faz diferente, mas nos limites, quer ser igual a mãe.

Afirma que tem sido suficiente para a filha. “Você tem que ser suficiente naquilo que você puder oferecer”. Afirma que está plena e completa naquilo que pode oferecer. Entendeu isso quando teve dificuldades com a amamentação.

Relata que a família está respeitando seu modo de cuidar. E o marido é muito companheiro. Acredita que quando voltar ao trabalho não vai dar o mesmo suporte. Mas entende que está criando um vínculo muito forte agora. Acredita que quando voltar ao trabalho ela saberá que ela é a mãe, e estará 100% quando estiverem juntas.

Acredita que a família irá dar o suporte quando voltar ao trabalho, mas acha que a filha estará melhor com ela. Com relação ao vínculo, pensa muito, quer que a filha seja amiga. Mas tem insegurança se vai conseguir. Afirma que essa é sua maior expectativa.

Segunda entrevista M3 (cinco meses depois)

Voltou aos atendimentos (trabalho). Achou que seria mais difícil, mas percebeu que se validar como mulher foi importante. Ser mãe 24 horas por dia é muito cansativo, afirmou.

Relata que na primeira semana ela e a filha sentiram a separação. A mãe e a sogra ficaram com a bebê durante a semana. No sábado, o marido fica. Como ainda está amamentando, atende em horários reduzidos. Por causa da dificuldade da filha em se adaptar com a separação, chegou a pensar em parar de trabalhar. Mas pensou também que todos

sobreviveriam. A transição durou duas semanas e a filha se adaptou. Relata que sentiu um sentimento de abandono quando a filha se adaptou, mas percebeu que seria bom para ela, pois lhe daria mais independência.

Diz que ser mãe é a forma mais real de amor que possa existir, é se doar completamente, sem esperar algo em troca. Ser uma boa mãe é fazer o que se pode fazer. O modelo ideal é o que ela faz.

Não criou expectativas com a maternidade, pois fez os piores cenários possíveis, mas relata que está sendo muito leve, por estar sendo fácil. Já percebe que será uma mãe diferente da sua. Dar opção de escolha para a filha.

Entende que o suficiente para sua filha é o que ela pode dar, é uma questão de ponto de vista. Afirmar que será uma boa mãe, porque tem uma personalidade de acolhimento (que aparece na relação com seus pacientes). Com a filha não será diferente. Afirmar que a família continua dando suporte importante e fala da importância do marido presente, dividindo os cuidados.

Quando voltou ao trabalho, percebeu que dava o mesmo suporte para a filha, porque trabalha perto de casa e conseguia estar com ela. Não quer criar expectativas quanto ao vínculo, mas entende que pode produzir uma relação afetiva de vínculo saudável e que a filha pode retribuir.

Após a exposição da síntese das entrevistas, apresentam-se os eixos temáticos e suas respectivas categorias, seguidos com as falas de M6 e M3 correspondentes, aproximando os dados coletados com a literatura dos temas investigados, sucedendo à análise dos resultados.

6.1.2 Eixo Maternidade

Eixo Maternidade: evento singular na vida da mulher, repleto de expectativas, de mudanças e de descobertas. Momento da vida em que ela investe nos cuidados do filho ou da filha, abrindo mão de projetos mais pessoais. (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004; Beltrame & Donelli, 2012).

- Categorias:

Sensibilidade materna: características parentais desejáveis e necessárias para atender o bebê em relação aos cuidados físicos e emocionais que ele precisa. Viabilizar a construção de vínculos afetivos e de apego, importantes para o desenvolvimento individual e relacional (Ribeiro-Accioly, 2017).

... ele solicita toda hora o mamá, não tem essa de três em três horas, é livre demanda, toda hora ele solicita. E ele quer ficar muito comigo, ele está muito apegado. Nem com o "L" ele fica muito bem. (M6)

Eu dou o mamá dela, aí a gente fica junto, aí eu pego brinquedinho ... E aí eu fico com ela, mas é assim que a gente fica muito tempo juntas... Então ela fica muito tempo no meu colo. (M3)

As duas mães expõem que nesse momento inicial do puerpério estão totalmente dedicadas aos bebês. Permitem que o bebê coloque a demanda, que é atendido.

Dificuldades/soluções: caracteriza o aspecto desafiador da maternidade, em que a mãe precisa enfrentar. A solução como um elemento em que naturalmente surge para que haja adaptação.

... saber se está cuidando direito, acho que por causa das internações eu fiquei muito com isso, será que estou sabendo cuidar direitinho...e com essa questão de covid eu não estou tendo muita ajuda da minha mãe ... então eu estou fazendo o que eu acho que é certo. (M6)

Quando começou a descer o leite, meu peito começou a machucar, o bico sangrou, falei: Meu Deus, não vou conseguir amamentar! ... Foi quando contratamos uma consultora de amamentação e em poucas semanas cicatrizou e consegui voltar a amamentar nos dois seios. (M3)

As mães demonstram parte de suas dificuldades com a maternidade. Como solução, M6 busca confiar em si mesma e M3 busca ajuda profissional.

Crenças: Conjunto de verdades absolutas que o indivíduo constrói durante a vida, e que norteia o que é certo ou errado sobre algo.

Nesta categoria dividimos as falas em três tipos de crenças presentes nas entrevistas: maternidade, ser mãe e ser boa mãe.

Sobre maternidade:

... Mas eu protelei muito isso (ser mãe) porque eu sabia que o dia que eu fosse mãe, eu seria aquela mãezona, que eu ia ficar o tempo todo cuidando, olhando, mas não sei o quê... Eu acho que vai ser uma coisa muito difícil pra mim, quando eu tiver que voltar ao trabalho. (M6)

Maternidade é uma coisa que a gente não pode colocar expectativas, né? Porque tudo o que você projeta na maternidade, chega uma hora que embaralha tudo, e tudo o que você projetou acaba não acontecendo e você acaba ficando muito frustrada. (M3)

Nas crenças sobre maternidade, M6 fala que esperou muito tempo para ser mãe, porque imaginava que seria mãe integral. M3 já procura não criar expectativas para não se frustrar.

Sobre ser mãe:

É dedicação total, é se anular completamente por outra pessoa, porque no momento que eu descobri que ele estava doente, eu esqueci que estava operada, eu estava

sentindo muitas dores ainda da cesária, e esqueci completamente... Então a gente se anula completamente por outro ser. A vida dele se torna mais importante que a nossa. (M6, primeira entrevista)

É uma loucura, é uma loucura, uma entrega total. A gente se anula totalmente pra viver por ele. É isso, eu vivo por ele. Tudo que a gente faz, a gente pensa antes nele, as prioridades mudam. Então a minha dedicação pra ele é total e todos os dias, os meus planos e meus projetos, tudo gira em torno dele. Não é ele que tem que se adaptar aos meus planos, são os meus planos que tem que se adaptar a ele. (M6, segunda entrevista)

É dar a vida pelo outro, sabe? e aí você fala, quando, em que momento da vida que você ia falar que daria a sua vida pela vida do outro? ... E eu acho que é tudo muito intenso, não dá pra você virar e falar em uma única palavra o que é a maternidade, ou tentar expressar, porque eu acho que é muito, sei lá, são muitos sentimentos e muitas expressões que podem dizer isso e no final nada te explica. (M3, primeira entrevista)

Ser mãe hoje ... eu entendo que é a forma mais real de amor que possa existir no mundo inteiro e é se doar completamente, e, ao mesmo tempo, saber que você vai fazer tudo isso sem poder esperar nada em troca, porque é o outro, né? Você não pode esperar que o outro te retribua da maneira que você gostaria. Então é você fazer sem literalmente poder esperar o que vai vir ou não disso. (M3, segunda entrevista)

Nas crenças sobre ser mãe, elas dão enfoque na dedicação total pelo filho. M6 fala de se anular pelo filho, enquanto M3 fala também em se doar sem esperar algo em troca.

Sobre ser boa mãe:

... é você abrir mão de seus planos, dos seus sonhos, abrir mão de tudo que você tinha planejado e se anular completamente pelo bem-estar desse novo ser que chegou na sua vida. (M6, primeira entrevista)

Eu acho que é a gente se dedicar e fazer o melhor que puder, é isso que eu tento fazer. Fazer o melhor que eu posso pra conseguir fazer ele feliz, para estruturar um caráter nele. Fazer que ele seja uma pessoa de caráter, eu acho que é isso, se dedicar o máximo que puder. (M6, segunda entrevista)

... estar presente. É estar ali pro seu filho, é saber que ele pode confiar em você, é saber que ele vai poder contar contigo pra qualquer coisa, sabe? Que ele vai ter aquela liberdade, então penso muito nisso. (M3, primeira entrevista)

Ser uma boa mãe é fazer o que eu posso fazer. Eu ficava falando muito isso 'Caraca, eu tenho que fazer isso porque é o modelo ideal e tal', e depois eu cheguei a conclusão que não, que o modelo ideal é o que eu faço, não o que alguém fez, porque o que alguém fez foi bom pra ele e não pra mim. (M3, segunda entrevista)

Nas crenças sobre ser boa mãe, M6 reafirma a anulação de si e de fazer o melhor em prol do filho. M3 fala sobre uma relação de confiança e de ser para a filha a mãe que ela pode ser.

6.1.3 Eixo Apoio familiar

Eixo Apoio familiar: a família tem papel essencial na vida dos indivíduos, para formação, suporte e desenvolvimento (Narvaz & Koller, 2004). No momento da maternidade, essas características auxiliam a mãe no seu papel.

- Categorias:

Suporte marido: apoio conjugal importante para a mãe, que precisa de suporte físico e emocional. É necessário que esse apoio esteja baseado em interação recíproca, de respeito ao momento singular da maternidade e de afetividade entre o casal (Leme et al., 2015)

Ele tem me ajudado bastante, tem sido um paizão mesmo, ele ajuda. (M6)

... ele faz absolutamente tudo. A única coisa que ele não faz é amamentar. Ele acorda de madrugada, ele troca fralda, ele, quando ela está chorando, ele que faz as trocas da madrugada, eu não faço. De manhã ele faz o café e deixa pronto, pra eu dormir um pouco até mais tarde enquanto ela dorme, né? ... chega de noite, é ele quem dá o banho da noite. Então à noite é o tempo dele com a filha. (M3)

M6 afirma que o marido tem ajudado bastante. M3 afirma isso também, mas faz questão de detalhar como o marido assume os cuidados com a filha.

Suporte família: apoio de membros da família da mãe e/ou do marido, dando suporte nos cuidados práticos necessários, principalmente no puerpério. Fonte também de trocas de experiências e de suporte afetivo (Yunes & Juliano, 2010).

... apesar da gente não estar próximo, minha família é total suporte. Minha mãe me liga todos os dias. A maioria das roupinhas dele, ela tem lavado. "L" leva e entrega no portão, ela está querendo participar. Eles estão sofrendo por não conseguir participar mais do que gostariam. Então, eu me sinto amparada por eles. (M6)

A minha mãe tem dado suporte fundamental agora que ele está fora, né? (marido está viajando a trabalho) ... Ela cuida da "L", ela não dá banho ainda porque eu pego ela pra dar banho, porque é nossa rotina. (M3)

M6 tem tido suporte da mãe de longe, mas, mesmo assim, sente-se amparada. M3 se sente também amparada e tem ajuda mais de perto, uma vez que o marido viajou a trabalho.

6.1.4 Eixo Trabalho

Eixo Trabalho: função laboral em que o indivíduo realiza com o objetivo de produzir algo para a sociedade, em troca ele obtém sua subsistência.

- Categorias:

Individualidade: características pessoais de um indivíduo que o distingue dos outros (Santrock, 2014). Para este estudo, individualidade está relacionada ao papel profissional que a mãe também quer exercer, assumindo um desejo pessoal de satisfação e de realização.

(Não houve fala sobre individualidade da M6).

... e aí eu me dei conta de um processo muito importante que é a validação da "L" enquanto mulher e enquanto profissional, não só enquanto mãe. E aí eu estava naquela pegada muito mãe e foi muito libertador voltar, porque é muito cansativo ser mãe 24 horas, apesar de sermos. E ter esse suspiro e esse alívio no consultório ... é muito aliviador. (M3)

Não houve fala da M6 relacionada a essa categoria. M3 relata como a volta ao trabalho foi importante por aliviar a rotina da maternidade que é cansativa.

Flexibilidade no trabalho: possibilidade de fazer adequações e adaptações na rotina ou comportamento laboral.

Eu trabalho longe de casa... é bem distante da minha casa, eu saio de casa muito cedo, saio de casa às seis da manhã e só chego oito e meia em casa... Na verdade, um sonho meu era conseguir trabalhar pra mim, ter um negócio próprio, algo que eu conseguiria administrar o meu tempo para estar mais com ele, esse era o meu desejo. Mas a gente sabe que não é como a gente quer. Eu preciso voltar ao trabalho... mas eu sei que vai ser sofrido, tanto pra mim quanto pra ele. (M6, primeira entrevista)

Está uma loucura, o "L" (marido) não está saindo ainda pro trabalho, tem ficado mais em casa, então o "L" está ficando bastante com ele. Quando "L" precisa fazer algo, ele sai, coloco o carrinho do lado da minha mesa com o computador, coloco ele ali, fico brincando com ele e trabalhando ao mesmo tempo. Quando ele chora um pouquinho eu paro, pego ele, dou um mamazinho, ponho pra deitar. É assim, estou me dividindo. (M6, segunda entrevista)

... eu tenho alguns pacientes que eu não vou conseguir atender no mesmo dia. Então eu vou espaçar aí entre dois e três dias, entendeu? Só que como é muito pertinho e eles têm um horário muito flexível, têm uns que vou atender às nove da manhã numa terça, aí os outros são quarta à tarde e tem um que é quinta à noite ... a gente vai espaçando os horários, entendeu? (M3, primeira entrevista)

Mas eu reduzi um pouco os horários, porque eu trabalhava tipo sete horas e aí eu acabei reduzindo os horários pra não ter que ficar tanto tempo fora assim. Até porque tem uma coisa que eu prezo que é a amamentação, que apesar de ela já ter começado a comer, a gente (perda da conexão). (M3, segunda entrevista)

Ambas as mães apresentam suas realidades de rotina de trabalho. M6 tem um trabalho em que ela sai muito cedo e volta muito tarde para casa, sem flexibilidade. Já M3 pode adaptar sua rotina de trabalho aos cuidados com a filha, passando menos tempo fora de casa. No momento da volta, M6 está em *home office* e M3 está atendendo em horários reduzidos no consultório.

6.1.5 Eixo Vínculo maternal

Eixo Vínculo maternal: o vínculo entre mãe e bebê se constrói naturalmente e começa logo nos primeiros momentos de vida da criança. Os cuidados relacionados à sobrevivência da criança e os afetos investidos pela mãe dão a qualidade do vínculo na díade (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006)

- Categorias:

Vínculo mãe-bebê: relação afetiva em que a mãe constrói com seu(sua) bebê, que tem início na gestação e evolui após o nascimento (Ribeiro-Accioly, 2017).

Eu já me sinto totalmente dependente da presença dele, eu falo com o "L": 'Como pode? Nasceu ontem e eu não consigo me imaginar sem ele'. É um amor, é uma coisa que a gente não imagina que a gente possa ter por alguém ... acho que ver essa fragilidade dele, essa dependência da gente faz com que a gente crie esse vínculo. Eu tenho certeza que é dessa mesma maneira, acho que ele não entende como amor, porque é muito pequenininho, mas essa dependência dele de mim, que ele tem só comigo, com mais ninguém, nem com o pai ele tem isso, já demonstra um vínculo eterno. (M6, primeira entrevista)

E está muito assim 'só a gente', não estamos recebendo visitas, ele não tem ficado nem um pouquinho com a minha mãe para eu resolver alguma coisa fora. Então, ele não está acostumado com ninguém, ele está acostumado comigo e com o "L". E de uma hora para outra eu tenho que sair e deixar ele com alguém, assim, de repente, eu acho que ele vai estranhar muito. (M6, segunda entrevista)

... E aí eu fico com ela, mas é assim, a gente fica muito tempo juntas, por exemplo, agora ela tá ali no carrinho, mas quando ela não tá no carrinho, ela tá no meu peito. Por que eu acredito muito nessa questão de exterogestação? Que a criança precisa estar muito vinculada com a mãe ainda, sabe? Então, ela fica muito tempo no meu colo, também assim.... principalmente na parte da tarde, que é mais tranquilo. (M3, primeira entrevista)

Eu tento pensar que eu não posso garantir o meu vínculo com ela e nem garantir o que esperar disso, mas eu posso garantir o que eu posso fazer para de alguma forma atender às minhas necessidades sentimentais junto com ela. Então, eu posso assim, eu não posso garantir que ela vai ser apegada e que ela vai me abraçar a todo o momento e dizer que me ama, mas eu posso fazer isso por ela. Então se ela entender que isso é adequado para ela e que ela vai querer retornar isso para mim, vai ser maravilhoso. (M3, segunda entrevista)

M6 relata na primeira entrevista a forte dependência entre ela e o filho, na segunda relata que o filho não está tendo contato com outras pessoas, por isso só está acostumado com ela, e pensa como será difícil a volta ao trabalho. M3 na primeira entrevista fala da importância de estarem juntas para a formação do vínculo, na segunda faz um relato mais para o futuro do vínculo, algo que ela ainda não sabe como será.

Suporte ao(à) filho(a) na volta ao trabalho: cuidado e atenção que a mãe pode oferecer ao filho quando também está trabalhando fora.

Com certeza não, essa é uma das minhas grandes preocupações...(com relação se ela dará o mesmo suporte ao filho quando voltar ao trabalho). (M6, primeira entrevista)

Eu acho bem frustrante enquanto mãe, os meus planos eram ficar com ele mais tempo, ficar com ele um tempinho, pelo menos enquanto ele estivesse pequenininho, os dois ou três primeiros anos, eu tinha intenção de ficar com ele em tempo integral para me dedicar mais. Então é bem frustrante, bem frustrante. (M6, segunda entrevista)

Certamente não, no sentido de que, hoje eu tô full pra ela, né? Cem por cento. E quando eu voltar a trabalhar, não vou estar cem por cento fisicamente, mas sim eu acho que essa questão do apego, ela é muito maior do que talvez estar no físico, né? Porque a gente está criando um vínculo muito forte agora. E eu acredito que quando voltar a trabalhar, ela vai ter noção de que a mãe dela vai voltar, sabe. E de que quando eu voltar, o tempo que eu estiver com ela, eu vou estar cem por cento com ela. Sabe? (M3, primeira entrevista)

Acho que sim, mesmo trabalhando, porque eu moro do lado do consultório e eu comecei a agendar os pacientes espaçados em meia hora, tipo, eu atendia de uma às duas ou próximo. Era só duas e meia, para eu conseguir um tempo de vir para casa, ter esse tempinho com ela, amamentar e voltar pro trabalho, fazer uma vídeo-chamada. Então, eu estou sempre me policiando pra ter esse tempo de qualidade com ela. (M3, segunda entrevista)

M6 relata nas duas entrevistas sua preocupação e frustração por não ter um tempo ideal de até três anos para cuidar exclusivamente do filho, demonstrando que não dará suporte suficiente para ele quando voltar ao trabalho. Já M3, na primeira entrevista, apresenta dúvidas em não estar cem por cento do tempo com a filha, mas, na segunda entrevista, está com uma rotina de trabalho organizada em que ela conseguia trabalhar e cuidar da filha, acreditando dar o suporte para ela.

Sofrimento materno: experiência que emerge naturalmente na transição da mulher para a maternidade, considerando que a mudança para o novo papel em que a mãe precisa desempenhar causa medos, inseguranças, angústias e novas responsabilidades (Emmanuel & John, 2010).

Essa categoria foi dividida em duas subcategorias, pois se percebeu a necessidade de fazer uma distinção entre o sofrimento que surge com os desafios da maternidade, portanto naturais, em relação ao sofrimento que é imposto por algo externo e traz dificuldades para mãe em sua maternidade. No caso deste estudo, a volta ao trabalho.

Subcategorias da categoria sofrimento materno:

Sofrimento natural: estado mental e emocional de instabilidade, decorrente do período de estresse diante dos desafios que a mãe enfrenta nos primeiros meses da maternidade (Emmanuel & John, 2010).

É o que te falei, eu estou sempre naquele questionamento, e não me cobro no sentido de estar sendo relapsa, isso não, porque eu me dou pra ele em tempo integral. A minha questão é se eu estou sendo correta, se eu estou fazendo certo. Se o cuidado que eu estou dando pra ele está sendo suficiente pra ele, se eu estou fazendo correto. (M6)

... Porque assim eu ajudei a criar as minhas primas, por exemplo, então, fralda eu sabia trocar, banho eu sabia dar, então essas coisas assim, que são rotineiras de outras crianças, foi tranquilo. Mas amamentar que era só eu, foi difícil. Foi tão desesperador que o "R" foi na farmácia comprar aquela sonda de relactação. Ele falou: Vamos comprar a sonda, eu vou colocar aqui no meu peito e eu dou para ela. Eu falei: Não precisa pôr o peito. Aí ele colocou no dedo pra dar pra ela, mas ela não sugava tanto quanto sugava o peito. Pra você ver o nível de desespero que tava aqui! Mas depois que passou isso, foi bem tranquilo. (M3)

M6 fala sobre dúvidas que tem em relação se está cuidando bem de seu filho, mesmo afirmando que se doa em tempo integral. M3 conta uma situação difícil que teve por causa da dificuldade com a amamentação.

Sofrimento perda do vínculo: sofrimento relacionado à separação da díade, neste caso, com a volta ao trabalho das mães. Momento em que a mãe pode sentir culpa e medo da perda de apego do filho (Oliveira et al., 2011).

... Eu não consigo me imaginar longe dele o dia inteiro. Eu estava até falando com o "L" ontem, que ele vai sofrer muito, porque ele está muito apegado a mim, e eu também vou sofrer muito porque eu não sei como vai ser ficar o dia inteiro: 'Como ele está? Será que está sendo bem cuidado? Está sendo alimentado?'. Eu acho que vai ser sofrido para mim também. (M6, primeira entrevista)

Eu estou bem preocupada com isso, a gente nunca ficou um dia inteiro distante um do outro. Então, de uma hora para outra a gente tem que ficar distante o dia inteiro, eu acho que ele vai sofrer bastante, mas eu acho que eu vou sofrer mais do que ele... Eu fico bastante preocupada, às vezes, eu perco o sono. Noite passada eu fiquei pensando nisso e fui dormir duas e mais da manhã, tipo: 'Gente, o que eu vou fazer com o meu filho, porque ele vai sofrer bastante, vai estranhar, de uma hora pra outra eu não vou estar mais presente e ele ter que acostumar com a nova pessoa que ele não está acostumado a ficar, então eu tô bastante preocupada com isso. (M6, segunda entrevista)

Essa categoria foi registrada apenas na entrevista da M6. No entanto, achou-se relevante trazer a fala de M3 em comparação a como ela conseguiu lidar com o sofrimento de separação, considerando sua flexibilidade na volta ao trabalho. Um ponto importante de problematização no estudo.

Hoje eu tô de boa aqui, mas eu quero fazer o melhor pela minha filha. Eu sei que as pessoas vão fazer o melhor pela minha filha, mas vai ficar assim: "Ai, se eu tivesse lá,

eu ia dar o banho melhor. Se eu tivesse lá, eu ia fazer aquilo melhor". E isso na nossa cabeça? Fica, é claro. Mas eu acredito que ela vai tá em excelentes mãos, sabe? Mas a gente fica naquela. Eu acredito que ela vai ser bem cuidada, eu acredito... e eu preciso acreditar nisso pra que eu consiga até mesmo dar conta no meu consultório. (M3, primeira entrevista)

A gente estava falando dessa separação, que no início achei um pouco dolorida porque ela estava com ansiedade de separação, era uma choradeira dela bem forte, porque a gente é muito apegada de uma forma geral, a gente criou um vínculo muito forte, então isso foi bem dolorido pra gente. E apesar de eu ficar duas, três horas atendendo, quando eu chegava em casa ela não queria ficar mais com ninguém. Era só comigo e acabou, e ao longo das madrugadas ela acordava chorando desesperada querendo ficar comigo. Aí chegou a passar pela minha cabeça parar, ficar menos tempo. Mas eu falei: 'Cara, todo mundo sobrevive, nós vamos ter que sobreviver também, né?' ... isso foi duas semanas de forma intensa... Mas aí na terceira semana parecia que a mãe nem existia mais.. rs, porque ela ficava de boa tanto com a minha mãe, quanto com a minha sogra. (M3, segunda entrevista)

Os relatos entre M6 e M3 são bem diferentes. A primeira expõe sua preocupação e sofrimento com a separação do filho quando voltar ao trabalho. Enquanto a segunda demonstra insegurança e dificuldade nos primeiros dias de separação, mas que se adaptaram em pouco tempo, por meio das poucas horas de separação.

6.1.6 Discussão Estudo de caso 1

O objetivo geral da pesquisa foi investigar a autopercepção de mães profissionais na construção do vínculo com seu(sua) filho(a), considerando a separação da díade mãe-bebê na volta ao trabalho. A discussão dos resultados do estudo de caso um foi embasada nos conceitos apresentados sobre vínculo mãe-bebê (Bussab et al., 2007; Keller, 2002; Leitão & Castelo-Branco, 2012; Manfro et al., 2011; Ramires & Schneider, 2010; Ribas & Seidl-de-Moura, 2004; Ribas & Seidl-de-Moura, 2006; Toni et al., 2004; Vieira & Oliva, 2017), cuidados parentais e sensibilidade materna (Gomes & Melchiori, 2012; Keller, 2002; Keller, 2007; Leitão & Castelo-Branco, 2012; Mesman, 2015; Ribeiro-Accioly, 2017), ambiente familiar (Mondin, 2005; Narvaz & Koller, 2004;), estudos sobre as dificuldades de conciliação entre maternidade e trabalho (Beltrame & Donelli, 2012; Green, 2015; Güney-Frahn, 2020; Harari, 2020) e sobre o sofrimento materno (Emmanuel & John, 2010; Oliveira et al., 2011).

A literatura aponta que o vínculo inicial entre mãe e filho possui raízes na evolução da espécie (Toni et al., 2004; Vieira & Oliva, 2017), cuja natureza biológica do fenômeno capacita comportamentos de cuidado e de afeto para a sobrevivência do bebê humano, frágil e dependente (Leitão & Castelo-Branco, 2012). O ambiente familiar proporciona o espaço de proximidade e de intimidade para o cuidado e o investimento que mãe e filho(a) precisam (Narvaz & Koller, 2004; Toni et al., 2004). Os laços afetivos da díade são intensos e constrói

uma relação de intimidade sensorial formando representações carregadas de sentimentos e conexões muito fortes (Cyrulnik, 2007). Uma relação que impõe uma interdependência, em que a criança escolhe receber da mãe seus cuidados necessários, e a mãe pressupõe que o(a) filho(a) precisa primordialmente dela (Oliveira et al., 2011). Quando algo interrompe, precocemente, essa relação, gera sofrimento para ambos, no caso da mãe pode ser carregado de culpa e de tristeza. Mães que trabalham fora vivem esse dilema, pois as organizações de trabalho colidem com a natureza de um vínculo essencial na espécie, rompendo prematuramente uma relação, prejudicando a mulher no seu papel de mãe e de profissional (Oliveira, et al., 2011).

Na discussão dos resultados das entrevistas, decidiu-se abordar as categorias de cada eixo temático, fazendo uma análise de cada uma em relação às falas de M3 e M6. Abordaram-se também de forma comparativa as categorias correspondentes.

Dentro do Eixo Temático Maternidade, procurou-se abarcar os cuidados práticos e a rotina da maternidade no início do puerpério (Ribeiro-Accioly, 2017), momento em que a mãe está desenvolvendo sua rotina e se adaptando ao papel materno. Buscou-se investigar também as crenças que sustentam o comportamento da mãe nos cuidados com o(a) filho(a) (Russel, 2008). Por fazer parte do momento inicial da maternidade, as perguntas desse eixo foram feitas apenas na primeira entrevista (bebê com 30 a 45 dias). As categorias sensibilidade materna, dificuldades/soluções e crenças surgem a partir das falas das mães, e estão presentes nas narrativas das duas entrevistadas, M3 e M6.

Na sensibilidade materna, as mães falaram livremente sobre sua rotina, horários de cuidados e de tempo que passam com o filho e com a filha. Ambas afirmam que os filhos passam a maior parte do tempo no colo e que têm livre demanda do peito. M6 afirma que o filho já está muito apegado a ela e que não se sente à vontade no colo do marido. M3 fala do tempo que fica junto com a filha, dando o peito e criando também um contato lúdico com brincadeiras.

A sensibilidade materna é um aspecto essencial na relação mãe e bebê, pois se trata da resposta adequada às demandas da criança (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004; Ribeiro-Accioly, 2017). A partir do relato das mães, percebe-se que elas estão correspondendo, ou seja, estão sensíveis aos sinais de seus bebês. Atendem prontamente, quando os filhos solicitam, fator importante da sensibilidade materna, pois é necessário que o bebê tenha uma resposta adequada, mas também em um tempo de resposta que a criança associe com a sua demanda (Mesman, 2015). Este aspecto permite que o(a) bebê se perceba capaz de controlar o ambiente, organizando seu mundo interno e psíquico. A fala de M6, em que afirma que o filho está muito apegado a ela, aponta os sinais que o filho dá em reconhecer seu cuidador primordial (Ramires

& Schneider, 2010). A capacidade inicial que o bebê tem de identificar seu cuidador primordial, pelo contato facial e pela memorização sensorial do cheiro, da voz e do contato físico, garante a troca constante da díade (Bussab et al., 2007). Essas características evolutivas produzem ações recíprocas entre mãe e bebê, construindo uma relação de afeto importante para a sintonia da díade (Leitão & Castelo-Branco). M3 já estimula a filha com uma comunicação lúdica, mostrando um conjunto variado de comunicação. Uma característica que também faz parte do repertório dos cuidadores, observado em várias culturas (Keller, 2002), em que os pais interagem e estimulam o bebê a partir de um objeto. Esse traço universal revela que, além de nutrir e proteger, os pais apresentam a necessidade de interagir com seus filhos (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). Considera-se que a partir desses traços de cuidado e de interação estão presentes as bases necessárias para a construção do apego saudável, pois as mães estão sensíveis aos seus filhos, correspondendo às suas necessidades físicas e emocionais (Gomes & Melchiori, 2012).

A categoria dificuldades/soluções emerge das falas das mães no que se refere ao grande desafio da maternidade. M6 traz a experiência que o filho ficou internado por problemas respiratórios, aumentando o nível de atenção com relação aos cuidados com a saúde do filho. Por ser mãe primípara, afirma a necessidade da sua mãe mais perto para orientá-la. Por causa do isolamento social, a mãe de M6 não pode estar presente com ela, fato que a deixa insegura, sem saber se está fazendo certo nos cuidados com o filho. No entanto, afirma que está fazendo o que acha que está certo. Veja que, assim como os bebês nascem com um repertório que o conecta com um cuidador específico, adultos também disponibilizam de um sistema de respostas sempre adaptativas para os cuidados do bebê, garantindo que a proteção e o afeto atendam às suas necessidades (Leitão & Castelo-Branco, 2012; Ribas & Seidl-de-Moura, 2006).

M3 fala da dificuldade que teve em amamentar e do receio de ter que interromper a amamentação, algo que não queria que acontecesse. Buscou ajuda profissional para resolver o problema. A maternidade impõe à mulher muitos desafios (Emmanuel & John, 2010), dentre eles as mudanças físicas, que estão relacionadas ao fato de que as fêmeas herdaram a capacidade de gerar um novo ser e de alimentá-lo por um longo tempo (Toni et al., 2004). Mudanças no corpo exigem adaptações para novas funções que desafiam as mães, e causam sofrimento. Neste caso, entende-se como um sofrimento natural, por se tratar de uma transição para o desenvolvimento da maternidade (Emmanuel & John, 2010). Percebe-se que os desafios estão sendo impostos às duas mães, mas que elas estão buscando soluções e adaptações, importantes para que a maternidade se desenvolva da melhor maneira possível.

A categoria crenças busca compreender qual o sistema de crenças maternas as mães dispõem para embasar a maternidade. M6 afirma que não tinha o desejo de ser mãe, mas que sabia que um dia seria por causa do marido, que queria ser pai. No entanto, tinha em mente que quando fosse, seria uma mãe em tempo integral, totalmente dedicada ao filho. Inclusive, para ela, ser mãe é se anular, colocar tudo o que é pessoal em segundo plano, pois a prioridade é o filho. Ser uma boa mãe para ela é fazer o melhor que puder, para que seu filho cresça uma pessoa de caráter. A fala de M6 revela ideias sobre uma maternidade que se aproxima de uma mãe idealizada, pois indica um comportamento de mãe devota, que abre mão de si para cuidar do filho (Oliveira & Marques, 2020). Aproxima também de valores sobre uma maternidade em que tende a fundir o papel materno com a identidade da mulher, pois M6 demonstra dificuldade em imaginar outra pessoa cuidando do filho. Uma necessidade de exclusividade que permeia a ideia do que é ser uma 'boa mãe' (Güney-Frahm, 2020).

Por outro lado, M3 fala de suas ideias sobre maternidade de forma ampla, sem criar expectativas, ou seja, pensa na maternidade em algo que deve ser construído por ela, na sua experiência. Mesmo com uma crença menos rígida, M3 também expressa a intensidade da maternidade, algo do tipo: “dar a vida pelo outro” e “se doar completamente”. No entanto, ao mesmo tempo que se percebe uma integração na relação, M3 resguarda a sua individualidade, pois entende que ser uma boa mãe é ser o que ela puder ser, não o que o outro determina. Esse aspecto não é percebido na fala de M6, percebido quando ela diz : “não é ele que tem que se adaptar aos meus planos, são os meus planos que têm que se adaptar a ele”. Percebe-se exemplos de crenças apoiadas em valores de uma maternidade institucionalizada, que impõe os modos de ser mãe, no que se refere à padronizar e domesticar as possibilidades do exercício do papel materno (Green, 2015). A maternidade, por si só, é desafiadora, o que requer múltiplas adaptações, considerando a realidade individual de cada mãe e de cada família. Essa maternidade imposta é uma condição favorável para o sofrimento materno, pois a mãe pode se sentir falha e frustrada (Emmanuel & John, 2010).

Percebemos que as categorias do eixo maternidade revelam que as mães estão vinculadas aos seus filhos, a partir dos cuidados básicos e correspondentes em relação às necessidades dos bebês. Interessante observar os traços biológicos evolutivos da mãe (cuidador principal) que garantem a sobrevivência das crianças. Elas discorrem sobre suas rotinas com os filhos, suas dificuldades e busca de soluções, aspectos naturais que a maternidade impõe. Por outro lado, observa-se a influência da cultura, nos valores que as cercam, que induz na forma como as mães estão conduzindo a maternidade. Se por um lado, M3 apresenta ideias mais individuais sobre sua maternidade, o que lhe preserva sua individualidade e sua liberdade

para executar outros papéis, M6 apresenta crenças de uma maternidade mais rígida, que se apoia na total anulação de si, despersonalizando-se nessa fase da vida.

O Eixo Apoio Familiar, refere-se ao apoio que a mãe recebe no seu ambiente familiar. A literatura considera a relevância do sistema familiar para o desenvolvimento do indivíduo (Narvaz & Koller, 2004). Em um momento de desafios, a mãe precisa ter o amparo familiar para estar bem emocionalmente, para cuidar do seu filho (Gomes & Melchiori, 2012). As outras díades que a mãe constrói no sistema familiar (marido, mãe e irmã, por exemplo) permitem que ela receba cuidado, afeto, suporte material e emocional. As categorias presentes neste eixo: suporte marido e suporte família buscam observar como os membros da família estão ajudando a mãe.

Na categoria suporte marido, M6 confirma que o marido ajuda bastante, mas fala muito pouco, resumindo a fala em uma frase. Já M3 confirma também que o marido ajuda e faz questão de detalhar a rotina do marido com a filha. Entende-se que essa diferença pode estar relacionada ao sistema de crenças das mães sobre maternidade. M6 está numa relação com o filho de total doação para ser a “mãezona” que ela sempre acreditou que iria ser. Por esse fato, ela pode dificultar uma maior participação do marido nos cuidados diretos com o filho. Entende-se que a ajuda está mais relacionada aos cuidados gerais mais práticos da díade casal. Com a pandemia, o marido de M6 está em casa, portanto, mais presente para dar suporte nas tarefas diárias da casa, fato que seria improvável se ele estivesse trabalhando fora. Por outro lado, M3 tem um sistema de crenças em que a maternidade é algo em que ela está aberta para construir na experiência diária com a filha. Portanto, está flexível para incluir o marido na participação direta nos cuidados com a filha. Mesmo sendo falas tão diferentes, é fato que declaram o amparo positivo dos maridos. Nas díades conjugais das duas entrevistadas, observa-se reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva, conceitos importantes para a harmonia das relações diádicas (Leme et al., 2015). A díade está condicionada ao que cada um oferece ou permite receber. Mesmo sendo díades harmônicas, percebe-se que M3 permite receber mais da díade casal do que M6. Por conseguinte, conclui-se que esta pode estar mais sobrecarregada em relação aos cuidados com o filho. Outro aspecto importante é que o sistema familiar de M6 está mais próximo do padrão da família de Parson, em que os papéis maternos e paternos eram mais definidos (Hita, 2005). Já o sistema familiar de M3 permite uma fluidez nos papéis em que o pai troca as fraldas noturnas e dá banho na filha recém-nascida, por exemplo. Um exemplo de famílias mais atuais que tendem a reorganizar o papel do homem, adequando-se às suas necessidades particulares (Alves-Silva et al., 2016).

Na categoria suporte familiar, as entrevistadas relatam que estão recebendo suporte importante das suas respectivas mães. Devido à pandemia, M6 não pode contar com a presença da mãe, mas, mesmo assim, se sente amparada, pois ela liga todos os dias e ajuda lavando as roupinhas do bebê. Relata também que entende que a família estaria mais presente, se não fosse a necessidade do afastamento social. M3 afirma também que está tendo suporte da mãe, que precisa estar presente, no momento em que o marido está viajando a trabalho. Percebe-se também na fala de M3 a participação da sua mãe nos cuidados diretos com a bebê. Os arranjos familiares das duas entrevistadas têm uma atuação próxima à díade mãe-bebê, influenciando no desempenho e na minimização de possíveis inseguranças maternas (Ponte et al., 2007).

No Eixo Trabalho, buscou-se compreender como as mães inferem sobre seu trabalho, no que tange ao momento em que precisam voltar ao trabalho. Neste aspecto, emergiram duas categorias: individualidade e flexibilidade no trabalho.

Para o estudo de caso um, emerge uma importante divergência entre as mães. Enquanto M6 não expressa individualidade na entrevista, M3 assume o quanto o retorno ao trabalho lhe trouxe validação como mulher e como profissional. Essa fala corrobora com pesquisas (Oliveira et al., 2011) que demonstram que a mulher busca outras realizações, além da maternidade, e sente satisfação quando retorna ao trabalho, pois garante sua singularidade. No entanto, essa harmonia entre trabalho e maternidade não é algo simples, como será visto a seguir. Com relação à ausência de individualidade de M6, pode-se creditar ao fato de que suas crenças rígidas sobre maternidade, mãe em tempo integral, ofuscam sua individualidade. Percebe-se também que seu trabalho não tem uma função agregadora de realização para algo pessoal, como independência financeira ou realização profissional (Beltrame & Donelli, 2012; Green, 2015). Nota-se que M6 expressa falas como: "Então a gente se anula completamente por outro ser", "A vida dele se torna mais importante que a nossa"; nesse caso, é possível analisar como ela não se diferencia do filho, abrindo mão de si para ser a mãe que sempre idealizou. Nessa experiência subjetiva não há lugar para expressão individual.

A categoria flexibilidade no trabalho surge da fala das mães sobre seu vínculo de trabalho. M6 relata sua rotina no trabalho de longas horas fora de casa, um modelo que não tem flexibilidade. Infere que a volta ao trabalho seria um rompimento brusco na relação com o filho, que já lhe causa grande angústia só em pensar. Por outro lado, ela declara um desejo: conseguir um trabalho autônomo, para administrar o seu tempo. Essa fala remete ao fato de que as relações de trabalho interferem e/ou impactam uma relação que ainda não está pronta para o momento de separação (Cyrulnik, 2007; Oliveira et al., 2011). Seja um trabalho por necessidade ou por realização, mães sentem que romper a relação ao final da licença-

maternidade (quatro ou seis meses) é sofrível para ambos (Beltrame & Donelli, 2012). O oposto pode ser percebido na fala de M3, como é profissional liberal (psicóloga), ela pode negociar seus atendimentos adequando às necessidades da díade mãe-filha. Durante o dia, consegue cuidar e estar próxima da filha e trabalhar, dividindo-se nos dois papéis, suavizando a separação, minimizando o sofrimento (Oliveira et al., 2011).

Com a pandemia, M6 está trabalhando em *home office*, permitindo que ela ainda mantenha o contato com o bebê e impondo que o marido assuma mais cuidados com o filho, para ela se dividir nas duas funções. A separação está sendo adiada por mais tempo por causa da pandemia, mas não impede que M6 esteja em sofrimento, pois só o fato dela fantasiar o momento de separação é o suficiente para sofrer como se estivesse. Nessa categoria é possível observar o quanto a flexibilização no trabalho é essencial para as mães (Oliveira et al, 2011). M6 vivencia a angústia de a qualquer momento ter que cumprir as obrigações do trabalho, nas condições de estar muitas horas fora de casa. Neste caso, o trabalho é uma ameaça à harmonia da díade, em que a mãe pode criar uma resistência a ele. Já M3, por ter um trabalho flexível em que ela controla as horas que está atendendo e está com a filha, não há na sua fala um peso ou um sofrimento em relação ao trabalho. Neste caso, o trabalho tem um aspecto mais prazeroso porque não compete tão diretamente com sua maternidade.

Finalmente, o Eixo Vínculo maternal, busca compreender o principal fenômeno estudado nesse trabalho. O vínculo entre mãe e filho(a) é a relação inicial e primordial do indivíduo (Toni et al., 2004; Vieira & Oliveira, 2017), portanto, está na base psíquica e afetiva do ser humano (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). As categorias e subcategorias desse eixo: vínculo mãe-bebê, suporte ao(à) filho(a) na volta ao trabalho, sofrimento materno/sofrimento natural e sofrimento materno/sofrimento perda do vínculo; buscam compreender a autopercepção da mãe no vínculo com seu(sua) bebê no momento da volta ao trabalho.

Na categoria vínculo mãe-bebê, M6 expõe a dependência física e emocional que está com o filho. Ela aponta para a fragilidade do filho que faz com que o vínculo seja construído. Essa fala confirma o aspecto biológico da espécie humana em corresponder ao bebê de forma amável (Leitão & Castelo-Branco, 2012). Traços que garantem ao bebê carinho e proteção, processos iniciais do vínculo para a construção do apego (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). M6 fala da dependência que o filho tem com ela e com mais ninguém, acrescenta que é um vínculo eterno. Ressalta a dificuldade de o filho ter contato com mais pessoas, por causa da pandemia, fazendo com que ele fique mais apegado a ela. Nessa fala, ela remete para a dificuldade que vai ser quando tiverem que se separar por causa do trabalho, no caso, a mãe não consegue fazer uma transição para o filho se acostumar com outras pessoas.

Certamente, a falta de contato com outras pessoas dificulta para que o bebê construa outras memórias sensitivas e faciais para que possa reconhecer pessoas diferentes do cuidador principal. Este tem o papel principal no desenvolvimento da criança (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004), mas é possível que outras pessoas se tornem figuras secundárias na experiência da criança, que pode substituir o cuidador principal, eventualmente. Como em famílias em diferentes culturas em que os membros femininos assumem mutuamente os cuidados com os bebês da família (Carvalho et al., 2013).

M3 fala na primeira entrevista a importância do vínculo com a filha, de estarem sempre juntas e construir bem o apego saudável. Na segunda entrevista, ela fala do vínculo por uma perspectiva de não poder garantir que a filha será apegada ou irá corresponder o afeto. Essa fala pode estar relacionada ao sistema de crenças da mãe que busca não criar expectativas com relação à maternidade. No entanto, ela garante o seu vínculo com ela, diante do que ela pode oferecer. Dentro dos conceitos sobre vínculo e apego, dificilmente a filha não irá retribuir o vínculo à M3, pois estão baseadas em trocas sociais e sensibilidade materna saudáveis (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006; Ribeiro-Accioly, 2017).

Na categoria suporte ao(à) filho(a) na volta ao trabalho, M6 é bem direta em assumir que não irá dar um bom suporte para o filho, e o quanto isso é frustrante para ela enquanto mãe. Relata como gostaria de ficar mais tempo com ele, por dois ou três anos ficar por tempo integral para se dedicar mais. A queixa e a frustração de M6 estão relacionadas à ideia de mãe integral (mãezona) e do tipo de relação de trabalho que tem, que também é integral. Ou seja, a difícil conciliação entre maternidade e trabalho, por serem ofícios que exigem dedicação máxima (Beltrame & Donelli, 2012; Güney-Frahm, 2020).

Novamente, a experiência de M3 é bem diferente em relação à M6. Na primeira entrevista, ela afirma que não dará o mesmo suporte, por não estar mais presente integralmente com a filha, mas se assegura no vínculo forte que está construindo com ela, para acreditar que quando voltar ao trabalho, a filha vai entender que ela vai voltar e terem um tempo de qualidade. Na segunda entrevista, ela já afirma que sim, que mesmo trabalhando consegue dar o suporte à filha, pois trabalha do lado de casa e tem flexibilidade para dividir os papéis de profissional e de mãe. Acrescenta que assim consegue amamentar, algo importante para sua maternidade. Percebe-se na experiência de M3 que não há uma frustração ou peso na decisão de estar trabalhando, simplesmente porque ela consegue administrar seu tempo, não abrindo mão do contato com a filha e sem abrir mão da sua individualidade sustentada na profissão que exerce (Oliveira et al., 2011). A experiência de M3 é um exemplo claro de que a partir de novas

relações de trabalho a mulher pode executar seu trabalho com satisfação e boa produtividade, sem abrir mão do papel de mãe que ela quer exercer com o(a) filho(a) ainda muito pequeno.

A categoria sofrimento materno/sofrimento natural surge das angústias que as mães apresentam na entrevista. Palavras como: insegurança, dúvidas, cansaço, culpa, sobrecarga, medos, desafios, preocupação e separação nomeiam as expressões subjetivas e emocionais das 10 mães entrevistadas no estudo, em relação ao momento do puerpério. Portanto, percebeu-se a importância de diferenciar esse sofrimento, no que se refere aos desafios naturais que são gerados no momento em que a mãe engravida. Gerar uma nova vida e sustentá-la por longos anos impõe investimento, mudanças e adaptações para o sucesso, que é a sobrevivência do novo ser. A transição da mulher para a maternidade a deixa mais vulnerável, pois estabelece um jogo de ganhos e de perdas psicológicas, sociais e físicas, o que provoca, naturalmente, sentimentos prazerosos e, ao mesmo tempo, negativos (Emmanuel & John, 2010).

M6 relata sua insegurança em relação aos cuidados com o filho. Por mais que se sinta dedicada em tempo integral, ela vive as dúvidas da primeira experiência com a maternidade. Ela ainda passou pela experiência do filho ficar internado por duas vezes, por problemas respiratórios, o que aumenta seu grau de atenção, medo e dúvidas em relação se está cuidando direito. Percebe a responsabilidade que tem com a saúde do filho, em não ser a causadora de um problema de saúde.

Já M3 relata o quanto é segura nos cuidados práticos, pois cuidou das primas pequenas, no entanto, conta o quanto foi difícil amamentar, algo novo e exclusivo seu. Fala o quanto foi desesperador vivenciar o problema, na tentativa de buscar uma solução, sem que deixasse de amamentar a filha, grande desejo seu. Percebe-se que as dificuldades foram surgindo nas experiências de M3 e M6, ambas foram buscando se adaptar. Infere-se que são experiências de sofrimento esperados, pertencentes ao próprio desafio da maternidade.

Dentre os fatores da maternidade que a natureza propõe, o sofrimento maternal é natural nesse período de estresse e de desafios e tende a diminuir conforme a mãe vai ganhando segurança sobre seu papel (Oliveira et al., 2011). Biologicamente e socialmente a mãe recebe recursos para transpor esse período, adaptando-se e ajustando-se. Cada uma vai desenhando o seu jeito de ser mãe, a partir de suas crenças sobre o ser mãe, e construindo a autopercepção a partir das vivências (Leitão & Castelo-Branco, 2012). Evolutivamente, o puerpério é o momento crucial para estabelecer o vínculo e garantir que o apego está acontecendo de forma satisfatória (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004). No entanto, o momento de uma volta ao trabalho, ainda precoce, separa a díade e interfere na dinâmica do vínculo, até o momento predominante entre mãe-bebê. É quando o sofrimento materno floresce com mais força, pois é uma separação

que a natureza não preparou mãe e filho(a) para acontecer precocemente. Uma situação que rompe uma relação biologicamente e afetivamente construída para que seja intensa e interdependente (Oliveira et al., 2011). A mãe entende que o bebê ainda precisa dela, a separação traz sofrimento (Emmanuel & John, 2010).

A última categoria nessa discussão, sofrimento materno/sofrimento perda do vínculo, buscou observar os sentimentos da mãe com a volta ao trabalho. Como foi apresentado, em relação ao vínculo empregatício das 10 participantes, apenas M6 não tem flexibilidade no trabalho, portanto, ela foi a única entrevistada que teve uma fala nessa categoria. Isso permite inferir como o tipo de trabalho interfere no sentimento da mãe na volta ao trabalho. Para M6 está sendo sofrido, extremamente sofrido. Ela não consegue aceitar o fato de que terá que se separar abruptamente do filho. Relata preocupação sobre os cuidados com ele, do quanto ele vai sofrer por estar com uma pessoa estranha. Afirma que perde o sono, preocupada com essa situação, que, aparentemente, não tem solução para ela. Sua fala demonstra extrema tristeza e sofrimento, com a possibilidade de perder o amor do filho quando tiverem que se separar. Fala também do medo dele se apegar a outra pessoa e ela perder o que construiu até o momento. A partir das condições de trabalho, que ameaçam uma separação, e de suas crenças sobre ser mãe, a ideia de mãe integral, M6 se sente frustrada, pois o trabalho vai impedir que ela cumpra o que acredita. Por entender que precisa trabalhar, para o próprio bem-estar do filho, não vê uma saída possível para solucionar o problema e aliviar o sofrimento.

Cyrulnik (2007) discorre vários traços de intimidade entre mãe e bebê que se inicia ainda no útero. Ele aborda a experiência sensorial que vai moldando a díade, e que vai se aprofundando a cada repertório de comportamento e de sensações que a relação ativa no cuidador e no bebê (Ramires & Schneider, 2010). Traços evolutivos que atestam a manutenção da própria espécie (Vieira & Oliva, 2017). Percebe-se que, naturalmente, o vínculo mãe-bebê é forte e eficaz, portanto, necessário para a díade até que o cuidador perceba que o(a) bebê alcançou maturidade. A jornada de trabalho, por suas condições atuais de oito horas em local específico, viola a relação fundamental entre mãe e filho(a). Neste caso, é sensível perceber que esse sofrimento está para além dos desafios naturais da maternidade, mas por uma condição externa que impõe um afastamento precoce. Pode-se pensar que é um sofrimento que terá dificuldade em se diluir naturalmente, sem antes causar um sofrimento que vai interferir na autopercepção do vínculo que a mãe está construindo com seu(sua) filho(a). Pela insegurança e medo da perda do vínculo, a mãe pode demonstrar um apego exacerbado ou tentar compensar o(a) filho(a) na tentativa de minimizar as consequências da perda de um vínculo que ela acredita estar acontecendo.

Como já foi colocado, M6 foi a única mãe que fala do sofrimento da perda do vínculo. Entretanto, considera-se importante, à nível de comparação, trazer a fala de M3 do momento em que ela volta ao trabalho, em uma condição de flexibilidade, para problematizar o quanto o tipo de vínculo empregatício pode facilitar ou dificultar a transição da mãe na volta ao trabalho.

M3 demonstra a força da díade quando declara, na primeira entrevista, que acredita que só ela pode fazer o que a filha precisa. Na segunda entrevista, M3 relata sua volta ao trabalho e como sofreu, mesmo em condições de flexibilidade. Mesmo nessas condições, a díade sentiu, tanto mãe quanto filha sofreram. Nesse momento, M3 chegou a pensar em parar de trabalhar, pois a separação inicial rompeu a díade fortemente construída e trouxe sofrimento. Mas baseada em suas crenças e em um trabalho com mais flexibilidade, ela decidiu insistir e houve adaptação à nova organização da díade. A filha desenvolveu a capacidade de suportar as breves ausências da mãe, fazendo com que M3 percebesse que era possível para ambas.

O exemplo de M3 demonstra que o sofrimento de separação é normal, em qualquer circunstância, seja em um trabalho com flexibilidade ou não, devido aos fortes laços nessa relação tão particular. Mas, se o trabalho propicia formas mais flexíveis de adaptação, é possível que mãe e filho(a) se adequem à nova condição e a mãe possa exercer outras funções, no caso, sua profissão, sem sofrimento. No exemplo de M3, pode-se inferir que a autopercepção do vínculo que ela está construindo com a filha tende a ser mais confiante e saudável, pois ela não está sentindo a ameaça da perda do amor da filha e consegue compartilhar os cuidados dela com outras pessoas, sem medo. É possível pensar o quanto é essencial preservar os traços evolucionários e naturais de cuidado e de afeto na relação inicial entre o bebê e seu cuidador. Romper esse preceito é um gatilho para gerar sofrimento e tristeza para muitas mães.

6.2 Estudo de Caso 2

Inicialmente, apresentam-se os resultados dos testes de Wilcoxon e, posteriormente, os resultados dos testes de Spearman. As variáveis foram nomeadas com as iniciais da escala mais os seus fatores investigados, para melhor compreensão dos dados estatísticos apresentados. Para identificar as variáveis das duas aplicações (primeiro e segundo momentos), acrescentou-se o número '6' (seis meses de idade do(a) bebê). Os resultados de cada teste estatístico são apresentados de forma descritiva e por tabelas.

6.2.1 Teste de Wilcoxon

Com objetivo de averiguar se houve diferença significativa entre os dois momentos de coleta de dados (quando a mãe respondeu no primeiro mês após o nascimento e com o bebê aos seis meses, quando ela retornou ao trabalho remotamente), utilizamos o teste Wilcoxon. O teste de Wilcoxon se apresenta como uma alternativa ao teste t pareado, ou seja, quando o objetivo também é verificar se existe diferença significativa de uma variável numérica entre dois grupos de interesse, no caso, dois momentos diferentes.

Utilizamos o teste de Wilcoxon quando a suposição de normalidade da variável de interesse do teste t pareado é violada, ou quando o número de sujeitos da amostra é pequeno, ($n=10$) – o teste de Wilcoxon é um teste não-paramétrico.

Na Escala de Tempo e de autopercepção de Afeto (ou envolvimento) investidos nos Cuidados Básicos (ETACB), verificaram-se apenas os escores totais finais de tempo e de afeto fatores da escala (amamentação, troca de fralda, banho, colo e contato). O teste de Wilcoxon mostrou que a diferença entre as respostas do primeiro período, em relação ao total de afeto, ETACB_afeto_total (Min = 12; Max = 15), e seis meses depois, ETACB_afeto_total6 (Min = 12; Max = 15) não foi significativa ($Z = -1,300$; $p = 0,194$). Em relação ao total da quantidade de tempo gasto com o bebê, também não foi encontrada diferença significativa entre os escores de ETACB_quanti_total (Min = 8; Max = 14) e seis meses depois, ETACB_quanti_total6 (Min = 9; Max = 14); ($Z = -0,716$; $p = 0,474$).

Tabela 4 - Escores dos totais de afeto e de quantidade da Escala de Tempo e de autopercepção de Afeto (ou envolvimento) investidos nos Cuidados Básicos (ETACB), nos dois momentos de testagens

Variáveis	Escore Mínimo	Escore Máximo	Z	p
ETACB_afeto_total	12	15	-1,300	0,194
ETACB_afeto_total6	12	15		
ETACB_quanti_total	8	14	-0,716	0,474
ETACB_quanti_total6	9	14		

Os resultados da comparação dos escores totais dessa escala mostraram que os cuidados básicos tanto em quantidade quanto em afeto não foram alterados. As mães continuam investindo nessas práticas com a mesma maneira em relação ao início da maternidade.

Do mesmo modo, não foi encontrada diferença significativa entre o primeiro momento de resposta do escore total da escala Bem-Estar Subjetivo (EBES), EBES_total (Min = 132; Max = 194) com seu escore seis meses depois EBES_total6 (Min = 146; Max = 188); ($Z = -1,481$; $p = 0,139$). Ao investigar os três fatores da escala (afeto positivo, afeto negativo e satisfação), não foi encontrada diferença entre os dois momentos de resposta do fator

EBES_afeto_P (Min = 52; Max = 89) e EBES_afeto_P6 (Min = 44; Max = 82); ($Z = 0,153$; $p = 0,878$) e do fator EBES_afeto_N (Min = 40; Max = 90) e EBES_afeto_N6 (Min = 37; Max = 93); ($Z = 0,460$; $p = 0,646$). No entanto, uma diferença marginal pode ser encontrada no fator EBES_satisfação (Min = 34; Max = 51) e EBES_satisfação6 (Min = 38; Max = 53); ($Z = -1,956$; $p = \mathbf{0,05}$), indicando um aumento no escore da escala no segundo momento. Tabela na próxima página.

Tabela 5 - Escores da Escala Bem-Estar Subjetivo (EBES), nos dois momentos de testagens

Variáveis	Escore Mínimo	Escore Máximo	Z	p
EBES_afeto_P	52	89	-0,153	0,878
EBES_afeto_P6	44	82		
EBES_afeto_N	40	90	0,460	0,646
EBES_afeto_N6	37	93		
EBES_satisfação	34	51	-1,956	0,05
EBES_satisfação6	38	53		
EBES_total	132	194	-1,481	0,139
EBES_total6	146	188		

Nesta comparação encontrou-se um dado significativo entre os escores de satisfação dos dois momentos, indicando que as mães apresentavam mais satisfação com a vida no segundo momento, quando estavam se dividindo entre a maternidade e o trabalho em *home office* ou com curtas saídas para o trabalho.

Por último, ao investigar os escores totais da escala Apoio Social (EAS), obteve-se no primeiro momento EAS_total (Min = 56; Max = 90), e seu escore no segundo momento da testagem, EAS_total6 (Min = 55; Max = 90). O teste Wilcoxon não apresentou diferença significativa ($Z = -0,280$; $p = 0,779$). O mesmo comportamento observou-se para cada um dos três fatores da escala (material, afeto e emocional) EAS_mat (Min = 11; Max = 20) e EAS_mat6 (Min = 13; Max = 20); ($Z = -1,586$; $p = 0,113$), o fator EAS_afeto (Min = 25; Max = 35) e EAS_afeto6 (Min = 24; Max = 35); ($Z = -0,511$; $p = 0,610$), e finalmente o fator EAS_emoção (Min = 20; Max = 35) e EAS_emoção6 (Min = 17; Max = 35); ($Z = 0,631$; $p = 0,528$). Tabela na próxima página.

Tabela 6 - Escores da Escala Apoio Social (EAS), nos dois momentos de testagens

Variáveis	Escore Mínimo	Escore Máximo	Z	p
EAS_mat	11	20	-1,586	0,113
EAS_mat6	13	20		
EAS_afeto	25	35	-0,511	0,610
EAS_afeto6	24	35		
EAS_emoção	20	35	0,631	0,528
EAS_emoção6	17	35		
EAS_total	56	90	-0,280	0,779

Como observado, não houve alterações nos escores com relação ao apoio social recebido nos dois momentos distintos da maternidade das participantes.

6.2.2 Teste de Spearman

A aferição com o teste de Spearman teve como objetivo verificar os fatores que apresentavam correlações para uma análise aprofundada dos objetivos específicos da pesquisa. Analisou-se as correlações geradas entre as variáveis das três escalas testadas nos dois momentos estabelecidos no método (45 dias de nascimento e seis meses do(a) bebê).

Para a análise de correlação utilizou-se o coeficiente de correlação (r) de Spearman, que mede o grau de associação entre variáveis. Como classificação de grau de correlação, ou seja, da força entre as variáveis, utilizou-se os parâmetros, considerando r : fraco, entre 0 e 0,4; moderado, entre 0,4 e 0,7; e forte, entre 0,7 e 1. E de correlação inversa para r : fraco, entre 0 e -0,4; moderado, entre -0,4 e -0,7; e forte, entre -0,7 e -1. Foram consideradas as correlações com significância estatística que apresentaram $p \leq 0,05$ e grau de correlação moderado a forte.

Inicialmente, vale destacar que os resultados estatísticos de correlação demonstraram boa correlação entre as variáveis da Escala de Tempo e de autopercepção de Afeto (ou envolvimento) investidos nos Cuidados Básicos (ETACB), criada pela pesquisadora e pela orientadora (instrumento não-validado). Isso aponta que em uma análise mínima dos itens semânticos da escala verificou-se que as participantes conseguiram compreender seus itens e suas instruções, sendo um instrumento satisfatório para o objetivo de investigação. A tabela abaixo apresenta as correlações significativas entre as variáveis da ETACB.

Tabela 7 - Análise de correlações significativas entre as variáveis da Escala de Tempo e de autopercepção de Afeto (ou envolvimento) investidos nos Cuidados Básicos (ETACB)

	1	2	3	4	5	6	9	11	12	13	14	15
1									$r=,784$ $p=,007$			
2			$r=,671$ $p=,034$			$r=,645$ $p=,044$			$r=,687$ $p=,028$	$r=,676$ $p=,032$	$r=,791$ $p=,006$	$r=,795$ $p=,006$
3		$r=,671$ $p=,034$								$r=,954$ $p=,000$	$r=,825$ $p=,003$	$r=,906$ $p=,000$
6					$r=,764$ $p=,010$			$r=,667$ $p=,035$	$r=,748$ $p=,013$			
7				$r=,764$ $p=,010$					$r=,697$ $p=,025$			
8		$r=,645$ $p=,044$										
10						$r=,667$ $p=,035$						
11						$r=,667$						

<i>p</i> = ,035					
13	<i>r</i> = ,778 <i>p</i> = ,008	<i>r</i> = ,687 <i>p</i> = ,028			<i>r</i> = ,882 <i>p</i> = ,001
14	<i>r</i> = ,676 <i>p</i> = ,032	<i>r</i> = ,954 <i>p</i> = ,000	<i>r</i> = ,748 <i>p</i> = ,013	<i>r</i> = ,802 <i>p</i> = ,005	<i>r</i> = ,882 <i>p</i> = ,001
15		<i>r</i> = ,796 <i>p</i> = ,006		<i>r</i> = ,882 <i>p</i> = ,001	<i>r</i> = ,825 <i>p</i> = ,003
16					<i>r</i> = ,667 <i>p</i> = ,035
17				<i>r</i> = ,667 <i>p</i> = ,035	<i>r</i> = ,667 <i>p</i> = ,035

Legenda das variáveis da ETACB com significância de correlação:

- | | |
|-----------------------------|--------------------------|
| 1. ETACB_amamentação_quanti | 10. ETACB_colo_afeto6 |
| 2. ETACB_fralda_quant | 11. ETACB_contato_afeto6 |
| 3. ETACB_fralda_afeto | 12. ETACB_total_quant |
| 4. ETACB_banho_afeto | 13. ETACB_total_afeto |
| 5. ETACB_colo_quanti | 14. ETACB_fralda_afeto6 |
| 6. ETACB_colo_afeto | 15. ETACB_total_afeto6 |
| 7. ETACB_contato_quanti | 16. ETACB_colo_quanti6 |
| 8. ETACB_contato_afeto | 17. ETACB_contato_afeto6 |
| 9. ETACB_fralda_afeto6 | |

A seguir serão apresentados os coeficientes de correlação de Spearman entre as três escalas. Decidiu-se demonstrar as análises estatísticas correspondentes das escalas EBES e ETACB (tabela 8) e EAS e ETACB (tabelas 9), para melhor compreensão das correlações entre os fatores que trouxeram mais relevância para o estudo, no que se refere às associações da autopercepção da mãe sobre bem-estar e investimento nos cuidados básico, e sobre apoio social e investimento nos cuidados básicos. Por último, será demonstrada a correlação entre as escalas EBES e EAS.

A correlação entre os fatores de EBES apontaram o afeto positivo e o afeto negativo com correlação positiva alta e média, respectivamente, com os fatores de tempo no colo e na amamentação de ETACB; e correlação inversa alta de afeto negativo com o tempo de contato. As três correspondências significativas foram: EBES_afeto_P6 e ETACB_colo_quanti ($r = ,726$; $p = ,045$), nesta a quantidade de colo teve correlação para o afeto positivo no segundo momento da testagem. A segunda, EBES_afeto_N6 e ETACB_contato_quanti6 ($r = -,801$; $p = ,005$) foi uma correlação inversa, demonstrando que o tempo de contato com o bebê tem relação mútua negativa com o afeto negativo que a mãe tem. A última, EBES_afeto_N e ETACB_amamentação_quanti6 ($r = ,698$; $p = ,025$), aponta que o afeto negativo teve correlação para o tempo de amamentação seis meses depois.

Tabela 8 - Coeficientes de correlação de Spearman entre EBES e ETACB

Correlações entre	EBES e ETACB	Significância
	EBES_afeto_P6	$r = ,726$; $p = ,045$

ETACB_colo_quanti	
EBES_afeto_N6	$r = -,801; p = ,005$
ETACB_contato_quanti6	
EBES_afeto_N	$r = ,698; p = ,025$
ETACB_amamentação_quanti6	

Do mesmo modo, foram encontradas correlações significativas entre EAS e ETACB. O fator material de EAS teve correlações médias e altas conforme as descrições: EAS_mat e ETACB_fralda_quanti ($r = ,696; p = ,026$), essa análise aponta para o apoio material dos familiares correlacionado para o tempo da mãe nas trocas de fraldas. Consequentemente, outra correlação entre o tempo dedicado para as trocas de fraldas e o suporte familiar seis meses depois: EAS_mat6 e ETACB_fralda_quanti ($r = ,775; p = ,008$). EAS_mat e ETACB_fralda_afeto6 ($r = ,660; p = ,038$), aponta que a ajuda que ela teve no início da maternidade está correlacionada ao afeto que ela demonstra na troca de fraldas seis meses depois. As várias correlações do fator material com o tempo e o afeto na troca de fraldas podem estar ligadas ao isolamento familiar devido à pandemia, como será discutido posteriormente. Por último, EAS_mat e ETACB_colo_afeto ($r = ,718; p = ,048$), indica que ajuda familiar que a mãe recebe tem correlação ao afeto enquanto está com o(a) bebê no colo.

No fator afeto, houve correlações média e alta dos fatores tempo na troca de fraldas e amamentação: EAS_afeto e ETACB_fralda_quanti6 ($r = ,693; p = ,026$), o afeto que ela recebe da família se correlaciona com o tempo que ela dispõe para as trocas de fraldas seis meses depois; e EAS_afeto6 e ETACB_amamentação_quanti6 ($r = ,753; p = ,012$), o afeto recebido da família está correlacionado ao tempo que a mãe amamenta, no momento posterior.

Por fim, o fator emoção teve correlação média inveresa com o tempo no banho do bebê, aos seis meses de idade: EAS_emoção6 e ETACB_banho_quanti6 ($r = -,654; p = ,040$). Essa correlação inversa aponta que quanto maior é o apoio emocional da família menos tempo a mãe despende no banho com o(a) bebê. Isso parece sugerir uma hipótese de que receber apoio familiar é importante e a mãe agiliza o momento do banho possivelmente para maximizar esse suporte.

Tabela 9 - Coeficientes de correlação de Spearman entre EAS e ETACB

Fatores	Correlações	das variáveis	Significância
Material	EAS_mat	ETACB_fralda_quanti	$r = ,696; p = ,026$
	EAS_mat6	ETACB_fralda_quanti	$r = ,726; p = ,008$
	EAS_mat	ETACB_fralda_afeto6	$r = ,660; p = ,038$
	EAS_mat	ETACB_colo_afeto	$r = ,718; p = ,048$
Afeto	EAS_afeto	ETACB_fralda_quanti6	$r = ,693; p = ,026$
	EAS_afeto6	ETACB_amamentação_quanti6	$r = ,753; p = ,012$

Emoção	EAS_emoção 6	ETACB_banho_quanti6	$r = -,654; p = ,040$
--------	-----------------	---------------------	-----------------------

Finalmente, a correlação estatística entre as escalas EBES e EAS foi significativa apenas entre o total do escore de EBES (primeiro momento de testagem) e o fator afeto de EAS (segunda testagem). As variáveis com grau médio de associação foram EBES_total e EAS_afeto6 ($r = ,649; p = ,042$). Essa correlação aponta que os níveis de afeto positivo, afeto negativo e satisfação (fatores de EBES) da mãe correlacionam-se com a autopercepção do afeto que recebe da família.

6.2.3 Discussão Estudo de caso 2

O estudo de caso dois buscou, por meio de escalas, quantificar e aprofundar os elementos subjetivos na experiência das mães na construção do vínculo com seu(sua) filho(a) (primeira testagem) e na separação da díade (segunda testagem). A discussão do estudo de caso dois foi embasada nos conceitos apresentados sobre o vínculo mãe-bebê (Bussab et al., 2007; Feldman et al., 2007; Keller, 2002; Leitão & Castelo-Branco, 2012; Manfroi et al., 2011; Ramires & Schneider, 2010; Ribas & Seidl-de-Moura, 2004; Ribas & Seidl-de-Moura, 2006; Toni et al., 2004; Vieira & Oliva, 2017), sobre os cuidados parentais e sensibilidade materna (Feldman et al., 2007; Gomes & Melchiori, 2012; Keller, 2002; Leitão & Castelo-Branco, 2012; Mesman, 2015; Ribeiro-Accioly, 2017), sobre apoio da família (Mondin, 2005; Narvaz & Koller, 2004; Oliva et al., 2018; Yunes & Juliano, 2010) e sofrimento materno (Emmanuel & John, 2010; Oliveira et al., 2011).

No primeiro teste estatístico, de Wilcoxon, buscou-se uma análise pareada dos dois momentos importantes da pesquisa, puerpério e volta ao trabalho. A análise estatística apontou apenas uma diferença significativa: no fator satisfação da EBES. Pode-se constatar que as mães tiveram aumento da satisfação ao longo dos seis primeiros meses de nascimento do(a) bebê. Para entender esse resultado, os escores foram analisados com o teste não paramétrico de Spearman, para verificar se haveria correlações entre as variáveis das escalas ETACB, EBES e EAS.

Essas análises indicaram correlações significativas entre: EBES_afeto_P6 e ETACB_colo_quanti; EBES_afeto_N6 e ETACB_contato_quanti6, esta inversamente proporcional; EBES_afeto_N e ETACB_amamentação_quanti6. O resultado dessa análise indicou que a quantidade de colo, ou seja, o tempo de contato físico de toque e de carinho da díade se correlaciona com o afeto positivo das mães. Da mesma forma, mas inversamente, o fator afeto negativo teve correlação com a variável de tempo de contato (brincadeiras da mãe

com o bebê). Ou seja, o tempo de contato de brincadeira com o(a) bebê está correlacionado inversamente ao afeto negativo que a mãe tem. Esses resultados parecem indicar a manutenção do hormônio da ocitocina presente na gravidez e no contato físico da mãe com o(a) filho(a) após o nascimento. Esse hormônio, que tem como principal função reforçar o comportamento da mãe para o vínculo com a criança, garante também mais estabilidade a ela, pois regula seu humor, aumentando sentimentos positivos e diminuindo sentimentos negativos, trazendo mais bem-estar (Feldman et al., 2007). O fato de as mães da amostra estarem em *home office* e trabalhando por poucas horas, permitiu a continuidade do contato físico com os filhos, sem um afastamento por longas horas (situação que seria obrigatória para as mães, caso não houvesse a quarentena). Essa correlação sugere que o tempo que as mães se mantêm próximas aos bebês permite sentimentos positivos e bem-estar (Feldman et al., 2007). Evolutivamente, quanto mais o contato mãe-bebê, mais estimulação de produção da ocitocina, portanto, mais o(a) bebê garante a sua principal cuidadora atenta às suas necessidades físicas e emocionais (Ribeiro-Accioly, 2017). Um ciclo perfeito, de ganho para ambos. Nota-se que as variáveis de afeto positivo e negativo apresentadas na correlação estão presentes no segundo momento da testagem, momento em que a mãe tinha voltado ao trabalho. Em outras palavras, o contato contínuo com o(a) bebê mantém a mãe estável, com níveis baixos de sofrimento, pelos breves afastamentos. Afirma-se uma importante contribuição para melhor produtividade das mães na volta ao trabalho.

Outro aspecto considerado nessas duas correlações são os traços evolutivos de urgência do indivíduo em atender às necessidades biológicas e afetivas da prole, que estão relacionados ao comportamento de cuidado parental (Keller, 2002; Manfro et al., 2011; Oliva et al., 2018). A predisposição humana em se sentir atraída para oferecer cuidados adequados para o bebê, por meio de um comportamento sensível e contingente, proporciona a construção do vínculo e do apego saudável (Ribas & Seidl-de-Moura, 2004; Ribeiro-Accioly, 2017). Estes traços afetivos são reforçados pelos contatos físico e relacional, que nesta discussão, estão representados nas correlações estatísticas apresentadas, por meio do tempo e do afeto oferecidos no comportamento de dar o colo e de fazer brincadeiras interacionais, em que a mãe dispõe com o bebê. Estes comportamentos foram sistematizados por Keller (2002), em seus estudos transculturais: “sistema de contato corporal” (colo), em que a mãe proporciona calor emocional e proximidade; e “sistema de trocas face-a-face” (brincadeiras) em que a mãe promove contato visual com seu(sua) bebê e o uso de pseudo-diálogos (Keller, 2002; Ribas & Seidel-de-Moura, 2006). Na presente pesquisa, esses comportamentos foram mantidos com regularidade, pois a mãe não precisou interromper abruptamente com a saída de casa para o trabalho, cuja interação diádica viabiliza trocas afetivas que proporcionam bem-estar e

harmonia subjetiva com os aspectos evolutivos de cuidados parentais. Conclui-se que esses aspectos auxiliam na diminuição do sofrimento (afeto negativo), portanto, aumento na satisfação individual.

A última correlação apresenta o afeto negativo no puerpério com o tempo que a mãe se dedica na amamentação após seis meses. Para essa análise observou-se uma correlação compensatória entre os sentimentos negativos que advém com a maternidade (medo, raiva, tristeza, irritação, ansiedade, angústia e etc) e a dedicação de tempo na amamentação. Sentimentos negativos na maternidade são naturais e esperados, uma vez que a mulher quando se torna mãe precisa enfrentar o grande desafio de atender com afeto e com cuidados um ser tão frágil (Ramires & Schneider, 2010). O sofrimento neste caso surge diante das adversidades pessoais e sociais presentes nesta fase (Emmanuel & John, 2010). Todas as mães em entrevistas relataram suas dificuldades no puerpério, como se pode observar pelas respostas que elas deram na escala EBES, no fator afeto negativo (EBES_afeto_N). No entanto, culturalmente, uma mãe ter sentimentos negativos na relação com o(a) bebê, ainda é percebido como um traço de uma “má mãe”, pois a “boa mãe” vive incondicionalmente a plenitude na maternidade (Oliveira & Marques, 2020). Por outro lado, todas relataram também o desejo de amamentar no peito, outro aspecto da “boa mãe” defendido pela cultura. Sendo esta uma prática realizada apenas por ela e por nenhum outro membro da família, ela e seu(sua) filho(a) vivem o momento da amamentação no peito, que evolutivamente traz consequências prazerosas para os dois (Toni et al., 2004). Teoricamente, o amamentar tem força biológica positiva e eficaz. A partir dessas considerações, uma hipótese interpretativa é a de que as mães podem ter encontrado uma forma de minimizar os sentimentos negativos que surgem no puerpério por intermédio do tempo dedicado na amamentação, uma maneira de diminuir aspectos psicológicos de culpa. A amamentação do(a) bebê, portanto, pode, hipoteticamente, ser pensada como tendo esse efeito secundário, como uma forma de reparação aos sentimentos negativos sentidos.

As análises estatísticas entre EAS e ETACB obtiveram maior número de correlações significativas. O fator material da EAS foi o que mais se destacou nesta análise, onde foram identificadas quatro correlações: EAS_mat e ETACB_fralda_quanti; EAS_mat6 e ETACB_fralda_quanti; EAS_mat e ETACB_fralda_afeto6; e EAS_mat e ETACB_colo_afeto. Percebe-se que as três primeiras correlações estão associadas com as variáveis de tempo e afeto na troca de fralda. O fator material de EAS está ligado a como as mães percebem a ajuda prática que as famílias dispõem para elas, como: levar ao médico ou ajudar nas tarefas de casa, por exemplo. Esse fator aponta para uma atenção especial para as mães, em um momento em que ela se sente bastante esgotada por causa da rotina com os bebês. Ter pessoas por perto que as poupem de um grande número de tarefas é percebido como um importante suporte. Por outro

lado, as trocas de fraldas são tarefas não muito agradáveis. Despir o bebê, limpar e vestir são atividades trabalhosas, principalmente se o bebê estiver irritado e chorando. Tarefa realizada várias vezes do dia e da noite, a cada mamada, portanto, custoso. Trocar fraldas está relacionado a um sistema filogenético mais primitivo do comportamento de cuidado parental. Estruturado por Keller (2002) como “sistema de cuidados primários”, ele engloba a alimentação, a proteção e a higiene. Uma mãe responsiva, ou seja, sensível e contingente às necessidades do(a) bebê tende a assegurar sua higiene para garantir seu conforto (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006; Ribeiro-Accioly, 2017). Culturalmente, o aceitável para uma ‘boa mãe’ é que seu filho esteja sempre limpo e cheiroso, traços sociais sobre a maternidade que regulam o comportamento parental (Oliva et al., 2018; Oliveira, 2011; Oliveira & Marques, 2020; Ribas & Seidl-de-Moura, 2006). Portanto, atender à necessidade filogenética de higiene da prole, a partir de uma exigência cultural de eficácia, requer intensa dedicação, logo, condições de cansaço para a mãe, principal cuidadora. Essa análise permitiu fazer uma inferência relacionada com a pandemia. Nesse período, a maioria dos maridos estava em casa, participando ativamente da rotina com o bebê, inclusive trocando fraldas. Esse cuidado prático com o(a) filho(a) deixou de ser exclusivo da mãe, uma vez que pelo fato de ambos estarem em casa possibilitou um revezamento com o marido nas trocas de fraldas. Em virtude dessa divisão ela poderia estar mais dedicada à tarefa, demonstrando e sentindo mais prazer com ela, como mostrou a terceira correlação (EAS_mat e ETACB_fralda_afeto6). Essas correlações indicam também a mudança de comportamento parental dos pais, que buscam serem mais participativos, no que se refere aos cuidados básicos, culturalmente reforçados como pertinentes às mães (Oliva et al., 2018; Oliveira & Marques, 2020). Esse reflexo aponta para o modelo bioecológico de Bronfenbrenner em que a família sofre influências maiores, como as mudanças sociais, ocasionando trocas adaptativas ao ambiente (Narraz & Koller, 2004). Portanto, a capacidade dos pais de criar os(as) filhos(as) está relacionada às influências das estruturas sociais, que modificam valores e pensamentos socioculturais. Com as mudanças nos papéis da mulher, o homem foi convidado a rever seus papéis, diversificando uma participação paterna mais adaptada à mulher mãe que trabalha fora como ele, permitindo harmonia na díade parental, resultado da relação interpessoal positiva (Yunes & Juliano, 2010). “Papéis” e “Relações interpessoais” são dois padrões conceituados por Bronfenbrenner (Yunes & Juliano, 2010), para indicar os aspectos psicológicos, biológicos e ambientais presentes na vida do indivíduo, sendo a família o contexto primordial. Deste modo, as mudanças no papel masculino na sociedade, como pai e marido, acarreta mudanças significativas nas relações, atendendo com maior satisfação e adaptação às famílias contemporâneas, contribuindo para o bem-estar individual e social (Hita, 2005; Oliva et al., 2018; Yunes & Juliano, 2010).

A última análise foi entre o fator material de EAS, EAS_mat e ETACB_colo_afeto, e apontou para a ajuda familiar correlacionada ao afeto que as mães dedicavam quando estavam com o(a) bebê no colo. Esse resultado permite interpretar o quanto o apoio familiar de cuidados práticos com as mães as deixam mais tranquilas, o que as faz expressar afeto no contato carinhoso com seu(sua) bebê no colo (Oliveira et al., 2011). Esse resultado também está relacionado aos papéis de mãe e de pai assumidos pelos casais parentais da pesquisa, pois revela que as díades se adequam ao momento da família, permitindo reciprocidade e influenciando-se positivamente no processo parental (Leme et al., 2015; Yunes & Juliano, 2010).

O segundo fator de EAS, afeto, teve correlação com duas variáveis de ETACB: EAS_afeto e ETACB_fralda_quanti6; EAS_afeto6 e ETACB_amamentação_quanti6. Esse fator refere-se como um dado de como as mães percebem o relacionamento familiar afetivo, ou seja, se elas se sentem queridas e valorizadas na relação. Nesse aspecto, o afeto que as mães recebem está correlacionado a dedicação no tempo de troca de fralda e de amamentação. Novamente, isso parece indicar que as interações familiares de apoio emocional sustentam nelas um sentimento de cuidado e de carinho. As trocas de fraldas, como foi apresentado acima, estão relacionadas com a ajuda direta da família, principalmente dos maridos, dividindo a tarefa com as mães. O fortalecimento dos laços afetivos é uma estratégia evolutiva necessária para que a mãe se sinta segura para se dedicar ao(a) bebê, e “ativar” de maneira mais equilibrada o “sistema de cuidados primários” de troca de fralda e de amamentação (Keller, 2002; Narvaz & Koller, 2004; Toni et al., 2004).

A última análise de EAS, emoção, teve correlação inversa com uma variável: EAS_emoção6 e ETACB_banho_quanti6. O fator emoção está relacionado a como as mães percebem o apoio emocional, ou seja, o apoio que a família dispõe para as suas necessidades mais subjetivas, como: confiança, compreensão, aconselhamento e etc. Isso se correlaciona inversamente com duas descrições, constatadas no segundo momento da coleta. A primeira, o apoio emocional que está correlacionado negativamente com o tempo que elas se dedicam na tarefa de dar banho. Esta descrição pode indicar apoio na divisão da tarefa de dar banho com os membros da família. Como nas correlações anteriores, indica-se o suporte emocional da família sendo recebido e compreendido pela mãe por meio da divisão das tarefas de cuidados básicos com o(a) bebê.

A segunda descrição indica que o tempo da mãe dedicado na tarefa do banho correlacionou-se negativamente com a autopercepção que ela tem sobre o apoio emocional que recebe da família. Nota-se que essa análise se apresenta na segunda testagem, momento em que ela está assumindo outros compromissos, os de trabalho, e pode representar o momento

delicado de mudança, de leve afastamento da díade. O fator emoção refere-se aos aspectos mais subjetivos, e nesse momento ela pode estar mais introspectiva, compartilhando menos seus anseios. O tempo dedicado ao banho do bebê, tarefa menos prazerosa que dar o colo, amamentar e brincar, pode indicar um momento de solidão da maternidade, ou seja, de reflexão sobre os dois papéis que elas precisam assumir concomitantemente. Nesse momento, por mais que as mães tenham o apoio familiar saudável, a maternidade exige delas dedicação, assim como o trabalho também. Esse aspecto se aproxima das inquietações das mães que voltam ao trabalho (Emmanuel & John, 2010; Oliveira et al., 2011). Vale afirmar que por conta das condições de trabalho das mães por causa da pandemia (trabalho remoto), as inquietações foram discretas, mas surgiram como um dado representativo nessa correlação.

Por fim, a análise entre as escalas EBES e EAS apresentou correlação entre as variáveis EBES_total e EAS_afeto6. Aponta que os fatores afeto positivo, afeto negativo e satisfação (fatores de EBES) presentes no puerpério têm correlação na autopercepção posterior das mães, no que se refere ao afeto que recebe da família. Elas estavam em contato com sentimentos positivos de afeto e de satisfação, sentindo seus aspectos positivos subjetivamente e no ambiente familiar.

Considerando as análises discutidas no teste de Spearman, pode-se voltar à análise do teste de Wilcoxon, cuja diferença significativa apontou o fator satisfação de EBES com aumento na segunda testagem, evidenciando que as mães consideram suas vidas mais satisfatórias, em relação ao momento do puerpério (EBES_satisfação (Min = 34; Max = 51) e EBES_satisfação6 (Min = 38; Max = 53); ($Z = -1,956$; $p = 0,05$)). Todos os resultados de Spearman apontam positivamente para o apoio familiar, para o investimento nos cuidados básicos parentais e para o bem-estar das mães. Logo, é provável o aumento da satisfação, pois o contexto familiar auxilia como um suporte importante para as mães exercerem sua maternidade e se sentirem bem nesse papel, ajuste cuidadoso e impecável da evolução para proporcionar um ambiente adequado para os cuidados e sobrevivência dos descendentes (Harari, 2020; Toni et al. 2004). A correlação inversa, EAS_emoção6 e ETACB_banho_quanti6, pode destoar dos outros resultados, pois indica uma falha de suporte para a mãe, na sua volta gradativa ao trabalho. No entanto, cercada dos outros cuidados funcionais, entende-se que é um momento para ela de baixa instabilidade, diante do novo desafio de ser mãe e profissional ao mesmo tempo, que pode ser superado com a manutenção do contato físico e afetivo com o(a) filho(a) e com a família. O aumento de satisfação com a vida é um importante indicador de que a maternidade e a vida profissional das mães entrevistadas no contexto pandêmico (mais flexibilidade no trabalho remoto) são fatores relevantes para refletir sobre a atuação das mulheres no mercado de trabalho. A vida

profissional delas é relevante para o seu bem-estar, mas não deve competir com o momento em que estão exercendo um trabalho genuinamente sublime e essencial, que é ser a vida para que outra vida se inicie e permaneça (Cyrulnik, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar a autopercepção da construção do vínculo de mães com seu(suas) bebês, tendo em vista a volta ao trabalho. O universo das mães entrevistadas foi de profissionais autônomas ou servidoras, sendo apenas uma delas com vínculo empregatício de oito horas de trabalho. As primeiras tinham a característica de flexibilidade no trabalho, podiam definir o tempo e como ficavam longe dos filhos. Este foi um fator considerável na relação que elas tinham com o trabalho, pois não era visto como uma barreira para a maternidade desejada, e lhes traziam realização e individualidade. Por outro lado, a mãe que tinha carga horária de trabalho de oito horas, via o trabalho como prejudicial na manutenção do vínculo afetivo construído com o filho nos primeiros meses. Para aprofundar a análise desses dados, maternidade, apoio familiar, trabalho e sofrimento materno foram os fenômenos pesquisados.

Como postula Keller (2002), cada cultura influencia nos modos de vínculo afetivo, de papel materno e de organização familiar. Na atualidade, maternidade e família estão em processo de transição, em que valores antigos (rígidos) convivem com valores atuais (flexíveis) (Oliva et al., 2018). Uma das grandes mudanças que vem exigindo mais flexibilidade social é a entrada da mulher no mercado de trabalho. Esse fator implica que os papéis familiares se reorganizem, pois a mulher, que não é mais exclusiva do lar, precisa conciliar família e trabalho (Oliveira et al., 2011; Oliveira & Marques, 2020). Com a mulher fora de casa, os cuidados com os(as) filhos(as) precisam ser compartilhados entre os membros da família, principalmente nos primeiros anos. No entanto, mesmo que a família esteja envolvida nos cuidados com a criança, a maternidade exige da mãe maior investimento e envolvimento primário. Ela, por herdar do passado evolutivo a capacidade de gerar e de alimentar a prole, precisa de elevado investimento físico, psíquico e emocional para sustentar uma vida frágil e dependente (Ribas & Seidl-de-Moura, 2006; Toni et al., 2004). A natureza buscou dar auxílio à mãe, com a formação da família e dos laços afetivos. Com essas características evolutivas da espécie, ela conta com um ambiente seguro, provedor e afetivo que cuida e que dá suporte para o desenvolvimento saudável de seus membros. Assim, a mãe pode se dedicar ao(à) seu(sua) bebê desenvolvendo o vínculo primordial necessário para garantir que as demandas da criança sejam atendidas e ela sobreviva (Harari, 2020; Toni et al., 2004; Vieira & Oliva, 2017).

Para tanto, a força biológica em que o vínculo é desenvolvido o torna eficaz e permanente, construindo uma conexão sensorial e psicológica, banhada por desejos e sentimentos de amor (Cyrulnik, 2007; Vieira & Oliva, 2017). Tanto para a mãe quanto para o(a) bebê, os primeiros meses são intensos, cheios de trocas celebradas por uma

interdependência afetiva, em que a mãe assume também a garantia da vida do novo ser (Cyrulnik, 2007). Logo, uma separação da díade neste momento, provoca sofrimento para ambos. Esta é uma situação vivida por muitas mães quando retornam ao mercado de trabalho e precisam, repentinamente, ficarem longas horas fora de casa (Oliveira et al., 2011). Conforme apontam os estudos de Bussab et al. (2007), trata-se de um acontecimento que se mostra incompatível com as bases biológicas e emocionais do vínculo mãe-bebê, pois rompe uma relação interdependente prematuramente, que se iniciou logo nas primeiras horas de vida, portanto, primordiais. Diante desse afastamento, ambos sofrem a dor da separação. Para a mãe, esse momento pode estar carregado também de medo da perda do vínculo com seu(sua) filho(a). Um sofrimento maternal que compromete a autopercepção da mãe sobre o vínculo, trazendo insegurança e medo para a relação mãe e filho(a) (Oliveira et al., 2011; Oliveira & Marques, 2020). Este fenômeno está relacionado ao tipo de vínculo empregatício da mãe, pois é ele que impõe as diretrizes para conciliação ou não conciliação entre maternidade e trabalho (Oliveira et al., 2011; Russel, 2008).

Durante a condução da presente pesquisa, a pandemia do novo coronavírus mudou os comportamentos humanos, fruto do isolamento social, necessário para conter a disseminação do vírus. Uma das mudanças de comportamentos foi o trabalho em *home office*, ou seja, muitos trabalhadores passaram a trabalhar de casa, mudando as relações de trabalho. Neste caso, muitas mães profissionais, ao final da licença-maternidade ou em tempo de voltar ao trabalho, continuavam em casa ou saíam para o trabalho por pouco tempo. Isso não permitiu uma investigação focada na separação por longas horas da díade. Por outro lado, permitiu observar como muitas mães estavam tendo a oportunidade de ficar mais tempo com seus(suas) filhos(as), a maioria trabalhando em casa. Apesar de narrarem a dificuldade de adaptação na inclusão do trabalho à rotina com o(a) bebê, demonstraram o benefício que sentiam em não ter que se separar do(a) filho(a) pequeno(a) por causa do trabalho. Como os estudos sobre o tema maternidade e trabalho demonstram (Oliveira et al., 2011), elas podiam ser produtivas no trabalho, experienciando sua individualidade, e vivendo a maternidade sem o custo do sofrimento da separação precoce. Parece que há, como sugerem Keller (2002), Vieira e Oliva (2017) e Toni et al. (2004), uma tendência ou propensão biológica para o cuidado. Os resultados da presente investigação permitem essa interpretação. Nesse sentido, se as mães podem ficar mais tempo em casa com os bebês, elas tendem a ficar menos ansiosas, conforme indica a literatura (Feldman et al., 2007; Oliveira et al., 2011).

Essas evidências apontam para uma reflexão sobre novas políticas trabalhistas para mães com filhos(as) pequenos(as). A condição da pandemia impôs o trabalho remoto, e revelou que as empresas podem ter produtividade dos funcionários que trabalham em casa. Logo, mães

podem ter um processo gradual na volta ao trabalho. Após a licença-maternidade, o *home office* pode ser uma possibilidade em que a mãe volta ao trabalho sem se afastar drasticamente de seu bebê, até que complete 12 meses ou mais. Período em que a criança começa a conquistar maior independência e que permite maior afastamento do cuidador principal, fator que minimiza o sofrimento materno. As empresas podem proporcionar condições mais favoráveis para garantir o bem-estar das funcionárias mães, com políticas públicas que ampliam os direitos à maternidade, asseverando que elas possam cumprir bem a maternidade e o trabalho (Oliveira et al., 2011).

No âmbito desta pesquisa, de um modo geral, a narrativa das mães revelou um vínculo afetivo forte e consolidado com seus(suas) filhos(as), sem ameaças de perdas ou de sofrimento por causa da volta ao trabalho. Ou seja, verificou-se que um trabalho em que a mãe consegue se sentir presencialmente próxima do(a) seu(sua) bebê por mais meses, deixava-a segura e realizada maternalmente. Biologicamente, mãe e bebê estavam cumprindo a vinculação afetiva, uma necessidade primária e natural, base importante para o desenvolvimento saudável da criança (Leitão & Castelo-Branco, 2012; Keller, 2002; Ramires & Schneider, 2010; Ribas & Seidl-de-Moura, 2004; Ribeiro-Accioly, 2017). Outro fator, narrado por elas, que pode ser entendido como um facilitador para que o vínculo mãe-bebê seja saudável e seguro, foi o apoio familiar, principalmente dos maridos, uma vez que a pandemia impediu que outros membros da família (avós, tios e etc) pudessem ajudar mais. Os maridos se apresentavam participativos, dando suporte nos cuidados com os(as) filhos(as). Como a maioria deles estavam também em *home office* podiam participar mais dos primeiros meses de desenvolvimento dos(das) filhos(as), adequando em quantidade e em qualidade os papéis paterno e conjugal para a necessidade da díade mãe-bebê (Yunes & Juliano, 2010). Para as mães, esse fator foi também um importante ganho de apoio e de cuidados para si. De natureza igual, esses resultados indicam considerações sobre políticas-públicas na licença-paternidade. Possibilitar também aos pais mais tempo para participar dos primeiros meses de vida dos(as) filhoa(as) permite laços afetivos mais profundos e saudáveis para ambos. A atual lei federal brasileira garante cinco dias remunerados, podendo ser de 20, caso a empresa seja cadastrada no Programa Empresa Cidadã (Lei 13.257/2016). Conforme os ganhos de satisfação e bem-estar das mães, indicados nesta pesquisa, o aumento de dias da licença-paternidade aponta ganhos emocionais para a família em geral, favorecendo um contexto para indivíduos mais saudáveis. Estudos que consideram a Suécia, país que garante 16 meses de licença para ambos (licença-parental), podem contribuir para a problematização e novos estudos sobre licenças para pais e para mães, tendo em conta a realidade brasileira.

Outro aspecto importante, demonstrado no estudo de caso dois, foi a correlação entre o tempo em que a mãe tinha de colo/contato físico com o(a) filho(a) e o aumento de bem-estar. O tempo de contato físico com o(a) filho(a) tem relação mútua com a sensação de bem-estar que a mãe tinha. Essa verificação pode ser dada ao fato de que as mães estavam mais tempo em casa por causa da quarentena, portanto, estavam mais tempo cuidando diretamente do(a) bebê. Dados em concordância com estudos neurocientíficos que apontam que o toque mãe-bebê e o contato estimulam a produção de ocitocina, hormônio associado aos aspectos prazerosos do vínculo, na redução da ansiedade e na regulação do humor (Feldman et al., 2007).

O estudo de caso dois apontou ainda que, por causa da quarentena, houve mais aproximação dos membros da família, percebida nas tarefas de cuidados com a criança. Por estarem em casa, estavam muito envolvidos com o(a) bebê. Neste caso, os resultados mostraram o quanto é relevante para as mães presenciarem, ou seja, acompanhem de perto (e não de longe, no trabalho) o suporte material (trocas de fralda, banhos, colo) que a família, no caso os maridos, dispõe para os cuidados com a criança. Esses dados apontam para um aumento do seu investimento de tempo e de afeto nos cuidados básicos com o(a) bebê. Uma correlação que reforça sentimentos prazerosos e de afeto na díade. Foi verificado que nesse grupo de mães a autopercepção na construção do vínculo com seu(sua) bebê estava sendo satisfatória e duradoura, sem apresentar aspectos de sofrimento em relação à separação na volta ao trabalho.

Por outro lado, a mãe que não tinha flexibilidade no trabalho (Estudo de caso 1) apresentou em sua narrativa grande sofrimento, pois a volta ao trabalho tinha o significado de perda do vínculo e do amor do filho. Observou-se como o tipo de trabalho interferia diretamente na díade, impedindo que a mãe pudesse realizar sua maternidade desejada. Mesmo ela estando em *home office*, ou seja, mantendo o contato diário com o filho, após a licença-maternidade, não conseguia usufruir desse privilégio, pois a preocupação com a volta ao trabalho era uma ameaça iminente da perda do amor do filho. Nesses aspectos, verificou-se que para essa mãe a autopercepção na construção do vínculo com seu filho é repleta de medos e de insegurança. Aspectos negativos que podem levar a mãe a tentar compensar as perdas que ela acredita ter na relação com o filho.

Esses resultados conciliam com o que a literatura manifesta sobre as bases do vínculo mãe-bebê (Bussab et al., 2007; Feldman et al., 2007; Keller, 2002; Leitão & Castelo-Branco, 2012; Manfroio et al., 2011; Ramires & Schneider, 2010; Ribas & Seidl-de-Moura, 2004; Ribas & Seidl-de-Moura, 2006; Toni et al., 2004; Vieira & Oliva, 2017). Na construção do vínculo, a mãe é o principal lugar de aconchego e de segurança. Processos de experiências biológicas, emocionais e psicológicas desenvolvidas na díade e que dá à criança seu lugar de pertencimento (Vieira & Oliva, 2017). Uma experiência biossocial complexa e forte o suficiente para construir

laços afetivos interdependentes, traçando uma relação de intimidade e coexistência que precisa do ‘seu’ tempo para se ressignificar de forma mais independente (Cyrulnik, 2007). Sendo assim, é possível constatar que muitas mães sofrem, por temer a perda de um vínculo tão potente na separação da díade, quando ela sai de casa para a volta ao trabalho.

Desta forma, a pesquisa, a análise e a conclusão dos dados deste trabalho podem ser significativas para a expansão do conhecimento sobre o vínculo mãe-bebê de mães profissionais, sendo importante para a Psicologia e para os espaços empresariais, no que se refere à relação de trabalho de mães com filhos(as) pequenos(as). Na prática clínica, o discernimento sobre o sofrimento materno, concernente ao medo da perda do vínculo, permite à(ao) profissional psicóloga(o) um meio de compreensão da narrativa de mulheres que enfrentam o conflito entre maternidade e trabalho, auxiliando no desenvolvimento de recursos psíquicos e emocionais para desconstruir os medos e as culpas que esses papéis provocam na experiência feminina do século 21. Vale ressaltar que essa pesquisa teve limitações: homogeneidade de classe social e educacional e a relevância de um segundo grupo (este com mães que voltassem ao trabalho após a licença-maternidade, mesmo na pandemia, para a comparação de resultados). Essas limitações restringem uma análise mais heterogênea e abrangente sobre os temas, mas que podem ser pesquisadas em outros estudos, considerando essa investigação inicial.

Por fim, ressaltamos que a conciliação entre maternidade e trabalho depende de novas propostas de políticas públicas. Mãe e filho(a) precisam de um período longo e seguro para vivenciar os laços afetivos necessários, pré-determinados evolutivamente. É fundamental que os modos de trabalho busquem uma adequação ao momento maternal de suas funcionárias, para que a mulher possa garantir uma maternidade saudável e satisfação profissional. Sem esse acordo, o sofrimento materno manifestará suas consequências negativas na maternidade, no trabalho e na percepção da mãe sobre o vínculo com seu(sua) filho(a).

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma Escala de Bem-Estar Subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 153-164.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Corim, F., & Santos, M. A. (2016, jan-jun). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32-50, 10.4013/ctc.2016.91.03.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Edições Setenta.
- Bell, J. (2003). *Como realizar um projeto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Gradiva.
- Beltrame, G. R., & Donelli, T. M. S. (2012). Maternidade e carreira: desafios, frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, 38(39), 206-217.
- Bussab, V. S. R., Pedrosa, A. M. A., & Carvalho, A. M. A. (2007). Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. *Psicologia USP*, 18(2), 99-133.
- Carvalho, A. M. A., Bussab, V. S. R., & Rabinovich, E. P. (2013). Família e cuidado parental no ser humano: um olhar biopsicossocial. In: *Família, natureza e cultura: cenários de uma transição* / Miriã Alves Ramos e Alcântara; Elaine Pedreira Rabinovich; Giancarlo Petrini (Organizadores). EDUFBA.
- Coutinho, L. (2002). Ilusão e errância: adolescentes e laço social contemporâneo na interface entre a psicanálise e as ciências sociais. Tese de doutorado, Departamento de Psicologia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- Cyrułnik, B. (2007). *Os alimentos afetivos*. 2ª ed. WMF Martins Fontes.
- Ehrenberg, A. (2000). *La fatiga de ser uno mismo: depresión y sociedad*. Ediciones Nueva Visión.
- Emmanuel, E., & John, W. (2010). Maternal distress: a concept analysis. *Journal of Advanced Nursing*. 66(9), 2104-2115.
- Fernandes, F. C. G. M., Santos, E. G. O., & Barbosa, I. R. (2019). A idade da primeira gestação no Brasil: dados da pesquisa nacional de saúde. *J Hum Growth Dev*. 29(3): 304-312.
- Feldman, R., Weller, A., Zagoory-Sharon, O., & Levine, A. (2007). Evidence for a Neuroendocrinological Foundation of Human Affiliation: Plasma oxytocin levels across pregnancy and the postpartum period predict mother-infant bonding. *Psychological Science*, 18(11), 965-970.
- Fontanella, B. J. B., Luchesi, B. M., Saidel, M. G. B., Janete Ricas, J., Turato, E. R., & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 27(2), 389-394.

- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(1), 17-27.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Coleção Pesquisa Qualitativa, coordenada por Uwe Flick, Porto Alegre, Artmed.
- Gomes, A. A., & Melchiori, L. E. (2012). *A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea*. Cultura Acadêmica.
- Green, F. J. (2015). Re-conceptualising motherhood: reaching back to move forward. *Journal of Family Studies*. 21(3), 196-207.
- Griep, R. H. (2003). *Confiabilidade e validade de instrumentos de medida de rede social e de apoio social utilizados no estudo pró-saúde*. [Tese de Doutorado, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro].
- Griep, R. H., Chor, D., Faerstein, E., Werneck, G. L., & Lopes, C. S. (2005). Validade de constructo de escala de apoio social do Medical Outcomes Study adaptada para o português no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 21 (3), 703-714.
- Güney-Franhm, I. (2020). Neoliberal motherhood during the pandemic: Some reflections. *Feminist Frontiers*.
- Harari, Y. N. (2020). *Uma breve história da humanidade*. 51 ed., L&PM.
- Hattori, W. T., & Yamamoto, A. E. (2012). Evolução do comportamento humano: Psicologia Evolucionista. *Estud. Biol., Ambiente Divers*, 34(83), 101-112.
- Hita, M. G. (2005). A família em Parsons: Pontos, contrapontos e modelos alternativos. *Revista Antropológicas*, ano 9, 16(1), 109-148.
- Keller, H. (2002). Development as the interface between biology and culture: A conceptualization of early ontogenetic experiences. In: H. Keller, Y. H. Poortinga & A. Shcholzrich (Eds.), *Between culture and biology: Perspectives on ontogenetic development*, 215-240. Cambridge University Press.
- Keller, H. (2007). *Cultures of infancy*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Keller, H., Lohaus, A., Volker, S., Cappenberg, M., & Chasiotis, A. (1999). Temporal contingency as an Independent Component of Parenting Behavior. *Child Development*, 70(2), 474-485.
- Leitão, M., & Castelo-Branco, R. (2012). Bebês: o irresistível poder da graciosidade. Um estudo sobre o significado evolutivo dos traços infantis. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 76-78.
- Leme, V. B. R., Del Prette, Z. A. P., Koller, S. H., & Del Prette, A. (2015). Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. *Psicologia e Sociedade*, 28 (1).

- Levi, P. (2005). *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Ed. Paz e Terra.
- Manfroi, E. C., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano*, 21(1), 59-69.
- Mendes, M. L. F., & Ramos, D. O. (2020). Concepções Parentais sobre Emoções e o Desenvolvimento emocional de crianças. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.36, e3634, 2020.
- Mesman, J. (2015). Ainsworth's observation scales for Sensitivity vs. Insensitivity & Cooperation vs. Interference revisited. Unpublished manuscript.
- Mondin, E. M. C. (2005, abr-jun). Um olhar ecológico da família sobre o desenvolvimento humano. *Psicologia Argumento*, Curitiba, 23(41), 25-35.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. *Casa do Psicólogo*, 43-65.
- Oliva, A. D., Dias, G. P., & Reis, R. A. M. (2009). Plasticidade Sináptica: Natureza e Cultura moldando o self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2(1), 128-135.
- Oliva, A. D., Vitor, R. P., & Lima, E. C. (2018). Reflexão sobre algumas crenças parentais e práticas de cuidado. In: Pessoa, L. F., Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (Org), *Parentalidade: diferentes perspectivas, evidências e experiências*, 151-168, 1. ed., Appris.
- Oliveira, M. A. C., & Marques, S. S. (2020). Contribuições para uma reconstrução crítica da gramática moderna da maternidade. *Revista Estudos Feministas*, 28(1).
- Oliveira, S. C., Faria, E. R., Sarriera, J. C., Piccini, C. A., & Trentini, C. M. (2011). Maternidade e trabalho: uma revisão da literatura. *Revista Interamericana de Psicologia*, 45(2), 271-280.
- Pontes, F.A. R., Silva, S. S. C., Gorotti, M., & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, 26, 67-79.
- Prado, A. B., & Vieira, M. L. (2003). Base biológica e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de Ciências Humanas*, 34, 313-334.
- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da Teoria do Apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33.
- Ribas, A. F. P., & Seidl-de-Moura, M. L. (2004). Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 315-322.
- Ribas, A. F. P., & Seidl-de-Moura, M. L. (2006). Responsividade materna: Aspectos Biológicos e Variações Culturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 369-375.

- Ribeiro-Acciolly, 2017, A. C. L. (2017). *Fatores associados à sensibilidade materna em um grupo de primíparas cariocas*. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil].
- Russell, B. (2001). Liberdade individual e controle público. In: *Ideais políticos*. Ed. Bertrand Brasil, 1917.
- Russell, B. (2002). *O elogio ao ócio*. Ed. Sextante, Rio de Janeiro, 1935.
- Russell, B. (2008). *Ensaio céticos*. Ed. L&PM Pocket, Porto Alegre.
- Santrock, J. W. (2014). *Adolescência*. Artmed.
- Seidl-de-Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2004). Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite a reflexões teóricas. In: *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento* / Maria Lucia Seidl-de-Moura, organizadora, 21-59. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sherbourne C. D., & Stewart A. L. (1991) The MOS social support survey. *Social Science & Medicine*, 38, 705-714.
- Silva, G. A. (2008). *Estudo longitudinal sobre prevalência e fatores de risco para depressão pós-parto em mães de baixa renda*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo].
- Toni, P. M., De Salvo, C. G., Marins, M. C., & Weber, L. N. D. (2004). Etologia humana: o exemplo do apego. *Psico-USF*, 9(1), 99-104.
- Vieira, M. L., & Oliva, A. D. (2017). *Evolução, Cultura e Comportamento Humano*. Edições do Bosque.
- Yunes, M. A. M., & Juliano M. C. C. (2010). A bioecologia do desenvolvimento humano e suas interfaces em educação ambiental. *Cadernos de Educação*. Pelotas, 37, 347-379.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: Maternidade e volta ao trabalho: a autopercepção da mãe sobre a construção do vínculo.

Você está sendo convidada a participar desta pesquisa cujo objetivo é o de investigar a autopercepção da mãe sobre a construção do vínculo com seu bebê, tendo em vista que ela está em licença-maternidade, com perspectiva de voltar ao trabalho. Irão participar desse estudo 30 mulheres primíparas de diferentes grupos socioeconômicos, moradoras do estado do Rio de Janeiro, com idades entre 25 e 35 anos, em licença-maternidade de seis meses. Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para programas de promoção de saúde na Psicologia.

A sua participação é voluntária. Sendo assim, não haverá qualquer gasto financeiro nem pagamento pela sua participação no projeto. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos entrevistá-la e usarmos esse material para a pesquisa. As entrevistas serão gravadas em áudio. Todas as informações fornecidas são estritamente confidenciais. Desta maneira, apenas os pesquisadores terão conhecimento dos dados, que não são considerados individualmente e, sim, em conjunto. Os dados da pesquisa também poderão ser publicados, utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos, mas sempre se certificando do anonimato das participantes.

Sua participação não oferece riscos à sua dignidade e a de sua família. Você pode, no entanto, sentir um leve sentimento de timidez, no momento da entrevista. Você tem o direito de negar a participação em qualquer etapa deste estudo sem qualquer prejuízo para você ou para a sua família. Com os resultados dessa pesquisa, pretende-se ampliar a divulgação do conhecimento sobre a maternidade de mulheres que trabalham fora, contribuindo para o conhecimento sobre a realidade social atual das mulheres.

A qualquer momento, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio dos telefones 2587-7284 ou 2587-7304 ou na UERJ – Rua São Francisco, 524 – 10º andar - Sala 10004 - Bloco F- CEP: 20559-900, e por e-mail: apsimeaoefaria@gmail.com

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu _____ de
forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, ____/____/____.

Assinatura da entrevistada

Assinatura da pesquisadora

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º andar – Maracanã- Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br. Telefone: (021) 2334-2180.

APÊNDICE B - Ficha de dados pessoais e sociodemográficos

Código:

Dados pessoais:

Nome:

Data de nascimento:

Data de nascimento do bebê:

Endereço:

Telefone:

E-mail:

Dados sociodemográficos:

Tempo de casada ou de união estável:

Nível educacional:

Ocupação/profissão:

Tempo de vínculo empregatício:

Tempo que passa fora de casa trabalhando:

Motivação para continuar trabalhando:

Quantas pessoas moram na residência:

Renda familiar:

APÊNDICE C - Escala de tempo e de autopercepção do afeto (ou envolvimento) investidos nos cuidados básicos

Código _____

Amamentação

Tempo	
	4 horas
	3 horas
	2 horas

Afeto	
	Muito
	Médio
	Pouco

Troca de fralda

Tempo	
	1 hora
	30 min
	15 min

Afeto	
	Muito
	Médio
	Pouco

Banho

Tempo	
	1 hora
	30 min
	15 min

Afeto	
	Muito
	Médio
	Pouco

Quanto tempo fico com ele(ela) no colo

Tempo	
	6 horas
	4 horas
	2 horas

Afeto	
	Muito
	Médio
	Pouco

Tempo de contato (brincadeira, massagem, carinho, cantar)

Tempo	
	6 horas
	3 horas
	2 horas

Afeto	
	Muito
	Médio
	Pouco

ANEXO A - Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES)

Código: _____

Subescala 1

Gostaria de saber como você tem se sentido ultimamente. Esta escala consiste de algumas palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Não há respostas certas ou erradas. O importante é que você seja o mais sincero possível. Leia cada item e depois escreva o número que expressa sua resposta no espaço ao lado da palavra, de acordo com a seguinte escala.

- 1: nem um pouco
- 2: um pouco
- 3: moderadamente
- 4: bastante
- 5: extremamente

Ultimamente tenho me sentido ...

- 1) aflito _____
- 2) alarmado _____
- 3) amável _____
- 4) ativo _____
- 5) angustiado _____
- 6) agradável _____
- 7) alegre _____
- 8) apreensivo _____
- 9) preocupado _____
- 10) disposto _____
- 11) contente _____
- 12) irritado _____
- 13) deprimido _____
- 14) interessado _____
- 15) entediado _____
- 16) atento _____
- 17) transtornado _____
- 18) animado _____
- 19) determinado _____
- 20) chateado _____

- 21) decidido _____
- 22) seguro _____
- 23) assustado _____
- 24) dinâmico _____
- 25) engajado _____
- 26) produtivo _____
- 27) impaciente _____
- 28) receoso _____
- 29) entusiasmado _____
- 30) desanimado _____
- 31) ansioso _____
- 32) indeciso _____
- 33) abatido _____
- 34) amedrontado _____
- 35) aborrecido _____
- 36) agressivo _____
- 37) estimulado _____
- 38) incomodado _____
- 39) bem _____
- 40) nervoso _____
- 41) empolgado _____
- 42) vigoroso _____
- 43) inspirado _____
- 44) tenso _____
- 45) triste _____
- 46) agitado _____
- 47) envergonhado _____

Subescala 2

Agora você encontrará algumas frases que podem identificar opiniões que você tem sobre a sua própria vida. Por favor, para cada afirmação, marque com um X o número que expressa o mais fielmente possível sua opinião sobre sua vida atual. Não existe resposta certa ou errada, o que importa é a sua sinceridade.

48. Estou satisfeito com minha vida |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|

49. Tenho aproveitado as oportunidades |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
50. Avalio minha vida de forma positiva |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
51. Sob quase todos os aspectos minha vida está longe do meu ideal de vida.....
|_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
52. Mudaria meu passado se eu pudesse..... |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
53. Tenho conseguido tudo o que esperava da vida |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
54. A minha vida está de acordo com o que desejo para mim |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
55. Gosto da minha vida |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
56. Minha vida está ruim |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
57. Estou insatisfeito com minha vida |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
58. Minha vida poderia estar melhor |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
59. Tenho mais momentos de tristeza do que de alegria na minha vida
1|_2_|_3_|_4_|_5_|
60. Minha vida é “sem graça” |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
61. Minhas condições de vida são boas |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|
62. Considero-me uma pessoa feliz |_1_|_2_|_3_|_4_|_5_|

ANEXO B - Escala de Apoio Social

Código _____

Se você precisar...com que frequência conta com alguém:

	nunca	raramente	às vezes	quase sempre	sempre
1 – que o ajude, se ficar de cama?					
2 – para lhe ouvir, quando você precisa falar?					
3 – para lhe dar bons conselhos em uma situação de crise?					
4 – para levá-lo ao médico?					
5 – que demonstre amor e afeto por você?					
6 – para se divertir junto?					
7 – para lhe dar informação que o(a) ajude a compreender uma determinada situação?					
8 – em quem confiar ou para falar de você ou sobre seus problemas?					
9 – que lhe dê um abraço?					
10 – com quem relaxar?					
11 – para preparar suas refeições, se você não puder prepará-las?					
12 – de quem você realmente quer conselhos?					
13 – com quem distrair a cabeça?					
14 – para ajudá-lo nas tarefas diárias, se você ficar doente?					
15 – para compartilhar suas preocupações e medos mais íntimos?					
16 – para dar sugestões sobre como lidar com um problema pessoal?					
17 – com quem fazer coisas agradáveis?					
18 – que compreenda seus problemas?					
19 – que você ame e que faça você se sentir querido?					